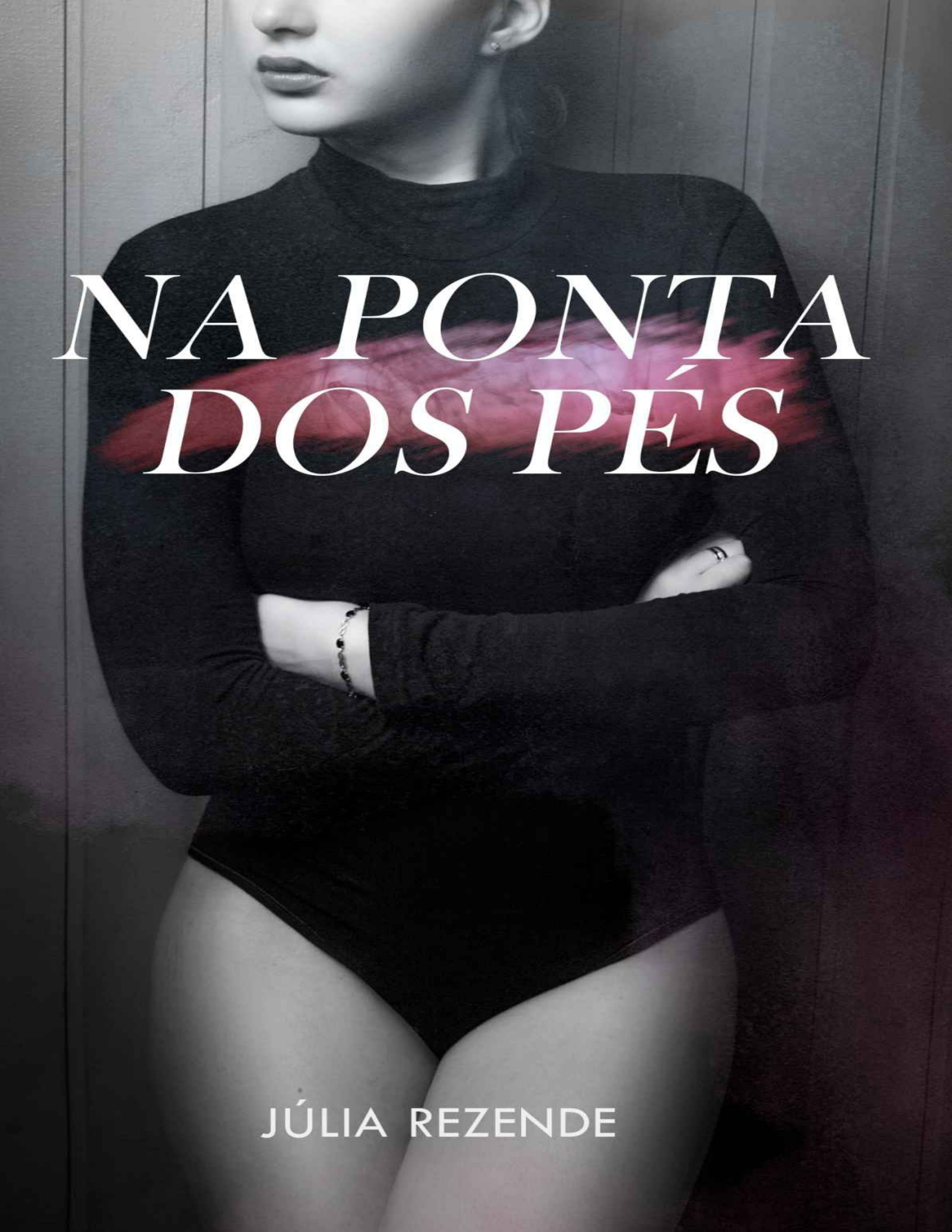




NA PONTA DOS PÉS

JÚLIA REZENDE



PERIGOSAS NACIONAIS

NA PONTA DOS PÉS

Júlia Rezende

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Júlia Rezende
Todos os direitos reservados

PERIGOSAS ACHERON

*“o que pode ser mais forte
que o coração humano
que se quebra em tantas partes
e ainda bate”*
- rupi kaur

Capítulo 1

- Meus pés estão me matando - ouvi Pedro reclamar atrás de mim.

- Você é um bebezão, Pedro - retrucou Alícia.

Eu ri, massageando meus próprios pés doloridos. As juntas latejavam com força, e os tendões pareciam não conseguir relaxar. A pele estava de um vermelho vivo, empalidecendo à medida que eu a apertava. Quando comecei a utilizar as sapatilhas de ponta, todo fim de aula era um imenso sofrimento, preenchido por unhas quebradas e ossos machucados. Mas, agora, cinco anos depois, a dor era familiar. Era um sinal de dever cumprido.

- Vivi, me passe o gelo – pediu Davi,

esticando os braços em minha direção.

- Não me chame de “Vivi”. – reclamei, mas lhe passei o gelo. Ele o colocou nas panturrilhas, rindo.

-Desculpe, *Lavínia Deschamps*.

Revirei os olhos, sabendo que ele jamais pararia de me chamar de “Vivi”. Era assim que me chamava desde que nos conhecíamos, há quase quinze anos. Estávamos em turmas de balé diferentes até os doze anos, mas fomos colocados juntos quando ambos começamos a usar sapatilhas de ponta. Davi tinha sido meu parceiro de dança desde então.

No espetáculo deste ano, “A Bela Adormecida”, fomos selecionados para interpretar o casal principal. Por isso, ganhávamos duas horas extras diárias de ensaio, além das oito obrigatórias. Hoje, porém, um dia antes da estreia, todos

ficariam no auditório até às nove da noite, acostumando-se com o palco.

- De pé, queridos! – exclamou Fernanda, a professora e coreógrafa da turma de nível avançado da Academia – Mais uma vez!

Ouvimos resmungos cansados pela sala, e os olhos de Davi encontraram os meus, refletindo o medo que sentia pela noite seguinte.

- Não adianta fugir, Vivi – suspirou ele, levantando-se e esticando as mãos para ajudar a me levantar também.

Senti uma físgada no joelho direito ao me agachar, preparando-me para ficar em pé, e minha perna cedeu. Arfei, surpresa. Havia sido apenas um momento de dor, como se meu próprio peso fosse demais para suportá-lo. Com certeza, algum efeito do cansaço.

- Tudo bem, Lavínia? – gritou Fernanda do
PERIGOSAS ACHERON

outro lado do palco.

- Só cansada, Fer – murmurei em resposta.

Caminhei até a minha posição, na coxia direita, oposta à de Davi. Alícia, Júlio, Camila e Andrea entravam antes de mim, ainda no prólogo, como as fadas e o Rei. O prólogo era executado pelas turmas mais jovens da Academia, que dançavam a cena inicial do batizado de Aurora.

Natália ficava com o papel de Carabosse, o segundo papel mais desejado. Como minha maior competição e inimiga assumida, Natália não ficara satisfeita ao perder o papel de Aurora para mim. Ainda assim, mesmo que me doesse admitir, ela fazia um trabalho incrível como Carabosse. Seus movimentos eram perfeitamente medidos, com um toque de malícia.

Ao fim do prólogo, preparei-me para minha entrada solo, na primeira cena de Aurora como

PERIGOSAS NACIONAIS

jovem adulta. Neste ponto dos ensaios, eu já não precisava pensar nos movimentos, apenas executá-los. A prática era tanta que eles refletiam respirações ritmadas, seguindo a música da orquestra.

Eu sabia que tinha talento. Começara a dançar com apenas seis anos, quando me matriculei nas aulas de balé clássico depois da escola. Meus pais nunca se importaram muito com meu desempenho escolar, aceitando que eu havia nascido para ser bailarina e que meu caminho seria um pouco diferente do da maioria das pessoas. Eu também nunca tive dúvidas. Era no palco que me sentia pertencente, como se tivesse nascido para estar lá o tempo todo, como se fosse eu mesma apenas com as saias de tule e as sapatilhas pontudas.

Davi completava perfeitamente todos os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus movimentos no palco. Estávamos sincronizados de uma forma única, prevendo cada giro e cada salto um do outro. Meu corpo encontrava o seu no ar, e ele jamais me deixava cair. Completávamos uma coreografia cheia de encontros e desencontros, marcada por momentos lentos e acelerados. Independentemente do movimento ou da música, estávamos acostumados a dançar com a presença um do outro.

Ao final do ensaio, Fernanda nos juntou em um círculo, no centro do palco, todos de mãos dadas.

- Vocês estão prontos – disse ela, aplaudindo. – Amanhã, faremos um lindo espetáculo. Sintam-se orgulhosos, independente qualquer coisa.

Abri um sorriso, apertando o braço de Davi e fazendo um toque de mãos com Alícia. Era nosso

PERIGOSAS ACHERON

quarto espetáculo juntos e estávamos ainda mais animados que nos outros três. Pela primeira vez, tínhamos conseguido três papéis importantes.

- Ah! – exclamou Alícia enquanto saíamos do auditório e atravessávamos a rua, suas mãos entrelaçadas nas de Júlio. – Estou tão animada que sinto que vou explodir!

- Não sei se consigo dormir esta noite – admiti, guardando as sapatilhas na mochila. – Estou muito ansiosa.

- Você precisa dormir, Bela Adormecida – provocou Davi. – Princesas não têm olheiras.

Empurrei seu braço, fazendo-o bater no muro da calçada e ri. Chegamos à minha casa após alguns minutos de caminhada e abracei todos com força, sabendo que eles eram os únicos que compreendiam o misto de excitação e medo em meu coração. Acenei enquanto eles se afastavam e,

PERIGOSAS ACHERON

então, entrei em casa, sentindo o cheiro gostoso de comida que preenchia a cozinha. Meu pai tinha esse pequeno ritual, antes de cada espetáculo, em que ele preparava minhas comidas favoritas. Pelo menos as que eram permitidas em minha dieta rigorosa. Sendo um cozinheiro profissional, ele havia conseguido adaptar bem minha loucura por doces em forma de pratos ligeiramente mais saudáveis. Hoje, vi uma dezena de potinhos de mousse de coco com cobertura de framboesa.

- Boa noite, princesa – cumprimentou meu pai, as mãos ainda sujas com a massa crua de alguma torta. Ele usava uma touca para cobrir os fios de cabelo restantes no couro cabeludo, mas conseguia se sujar inteiro, dos pés à cabeça.

- Ei, pai – respondi, pegando um dos potinhos. – Posso?

- São todos seus, querida. – disse ele,

PERIGOSAS NACIONAIS

tirando o pote de mim. – Depois do jantar.

Revirei os olhos, mas sorri, vendo minha mãe entrar na cozinha também. Com minhas inúmeras horas de ensaio e seus infinitos casos no trabalho, eu e minha mãe raramente nos encontrávamos em casa. Abracei-a com força, sentindo os cabelos longos enroscando-se em minhas mãos.

- Pronta para amanhã, bailarina? – perguntou ela, apertando minhas bochechas.

- Nervosa – admiti.

- Bom, sabemos que você vai arrasar de qualquer jeito – respondeu meu pai, colocando uma panela fumegante no centro da mesa de jantar.

- Você não erra um passo desde que tinha seis anos, Lavínia – apontou minha mãe, sentando-se.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem, você sabe que isso não é verdade – retruquei. – Ainda temos o DVD de 2013 para provar.

Os dois riram, meu pai me servindo de um ensopado de legumes quente. Em meu primeiro ano com as sapatilhas de ponta, meu figurino tinha uma capa longa que terminava logo acima dos tornozelos. De alguma forma, consegui enroscar os pés na capa e acabei caindo de cara no chão, quebrando o braço direito. Chorei de vergonha ali mesmo, no palco, e Fernanda precisou me arrastar, graciosamente, para longe. O pior de tudo foi que meus pais já haviam pagado as primeiras parcelas do pacote com o DVD e o álbum de fotos. Então, tínhamos meu fracasso ainda registrado em HD.

Depois do jantar, dei-lhes boa noite e subi, planejando tomar um banho quente na esperança de me acalmar. Afinal, Davi estava certo. Aurora não

PERIGOSAS ACHERON

podia se apresentar com olheiras de cansaço.

O tule da saia não costumava me incomodar, mas, hoje, em especial, senti o tecido pinicando minhas coxas. O collant apertado segurava meu corpo no lugar, mas eu temia que meu coração estivesse batendo tão forte que acabaria escapando de meu peito. Ajeitei os grampos no cabelo e suspirei. Então, apoiei as mãos na parede e estiquei as pernas, depois alcançando os pés com as pontas dos dedos.

Alícia estava ao meu lado, a cabeça encostada na parede, e eu sabia que ela estava tão nervosa quanto eu. Seu nervosismo, ao contrário do meu, expressava-se de forma mais quieta. Puxei o pé esquerdo por trás e o coloquei na cabeça. Segurei os tornozelos e encostei a testa no joelho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não conseguia parar de me mexer.

- Ei – chamou Davi, atravessando a multidão de dançarinos na coxia e aproximando-se de mim. – Vai começar.

Assenti e engoli em seco, sentindo o coração acelerado.

- Me empresta seu espelho – pedi. – Preciso checar minha maquiagem.

- Está ótima – disse ele.

- Me empresta. – insisti.

Ele suspirou, passando as mãos pelos próprios cabelos cheios de gel. Ele usava um figurino azul-claro que realçava sua pele negra, os detalhes dourados refletindo a luz dos holofotes escondidos. Davi encontrou sua mochila no chão e me passou o espelho.

- Você é mandona quando fica nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

Ignorei-o e encarei meu reflexo no espelho. A irmã de Andrea era maquiadora profissional e aceitara me maquiar. Eu havia pedido algo com brilho, mas não muito exagerado. Ela tinha feito minha pele muito iluminada, com os ossos da bochecha ressaltados. O batom era de um tom de rosa que se misturava com minha pele, e o brilho ficava com a sombra prata e branca, que se contrastavam e criavam um efeito bonito. Minhas bochechas estavam mais rosadas que o normal, como se eu estivesse envergonhada. Supus que as princesas deveriam ter esse aspecto inocente e ingênuo.

- Não posso estragar isso – sussurrei para mim mesma no espelho.

- E você não vai, Lavínia – disse Davi, chamando minha atenção, enquanto tomava o espelho de minhas mãos. – Foi escolhida por um

PERIGOSAS NACIONAIS

motivo. Você é incrível.

Assenti, respirando fundo.

- Certo – concordei. – Sou. Você tem razão.

- Eu diria que você precisa ser mais modesta - brincou ele. – Mas, nesse caso, vou incentivar a autoconfiança.

Eu ri, relaxando um pouco. O medo ainda pesava em mim, mas parecia agora mais superável. Então, as luzes se apagaram, e um único holofote brilhou no palco, seguido do som de um piano que indicava o início do espetáculo. Suspirei novamente e Davi segurou minha mão. Alícia já se posicionara para entrar no palco.

- Venha, Vivi – disse Davi. – Vamos ser a melhor Bela Adormecida e Príncipe Encantado que o mundo já viu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, de fato, fomos. Bom, pelo menos os melhores daquela noite. Segurei a mão de Davi com força enquanto agradecíamos os aplausos ininterruptos da plateia. Não tínhamos errado sequer um passo, e eu senti meus olhos se enchendo de lágrimas, sabendo que era para isso que havia trabalhado minha vida inteira. Para estar aqui, diante de pessoas aplaudindo, com os pés doloridos e a saia de tule me rodeando. Era onde eu queria estar todos os dias, apesar dos surtos de nervosismo e dos ensaios intermináveis.

- Isso foi demais! – ouvi Alícia gritar, jogando seus braços ao redor do pescoço de Júlio. Andrea correu para me abraçar assim que entrei no camarim, lotado de pessoas sorridentes.

- Você foi perfeita, Lavínia! – exclamou, e eu sorri.

- Obrigada – respondi. – Você também.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de ter entrado na Academia apenas no ano passado, Andrea já conseguira um papel de importância relativa, com passos quase tão complexos quanto os meus. Eu sabia que ela tinha vindo de uma cidade pequena, onde não havia uma boa escola de dança, por isso, seu desempenho era realmente impressionante.

Encontrei o olhar de Natália, que se libertava de seu complexo figurino de espartilho negro com a ajuda das amigas. Suspirando, vi-a acenar com a cabeça e acenei de volta, sabendo que este seria o máximo de reconhecimento que ela me daria.

- Quero saber é como vamos comemorar o melhor espetáculo do século – perguntou Davi, esfregando minha cabeça e desfazendo meu coque. Eu o empurrei de volta.

- Festa na minha casa! – respondeu Alícia,

soltando os cabelos loiros.

- Você vai se arrepender desse convite, Alícia. – provoquei-a, rindo, enquanto arrancava as sapatilhas dos pés.

Uma hora mais tarde, estávamos todos na enorme casa de Alícia, em seu quintal com piscina e uma área de churrasco. Seus pais eram incrivelmente liberais para um par de conservadores com mais de cinquenta anos, mas Alícia já havia me explicado que desde que ela fizesse uma apresentação perfeita, a casa seria liberada para comemorações. E ela tinha sido realmente perfeita. Sua mãe fora bailarina também e, assim, Alícia sempre havia sido incentivada a seguir o mesmo caminho, de forma até um tanto autoritária. Por sorte, ela também amava a dança.

Com exceção das turmas mais jovens,
PERIGOSAS ACHERON

todos os bailarinos da Academia estavam lá, inclusive, Fernanda. Alguns amigos de Alicia da escola, também, tinham sido convidados e pareciam levemente deslocados em meio aos dançarinos maquiados, alguns ainda usando seus figurinos.

- Ei, você foi a princesa! – senti alguém cutucar meus ombros.

Virei e encontrei um garoto mais jovem me encarando. Reconheci-o como um dos irmãos mais novos de Alícia e sorri. Seus cabelos eram exatamente do mesmo tom do da irmã, loiros e brilhantes, e eu sabia que ele já começara a fazer aulas na Academia.

- Sim – respondi, puxando Davi, que tinha chegado comigo. – E ele foi o príncipe.

- Vocês foram incríveis! – exclamou ele, animado. – E a sequência do casamento foi, ah,

incrível. Quando você salta e então ele faz um giro... Será que... Vocês poderiam fazer de novo pra eu ver?

Encarei Davi, que parecia segurar a risada e revirei os olhos. Então, ele puxou-me pelas mãos.

- Claro – respondeu para o garoto. – Vamos, princesa?

Eu suspirei, mas estava feliz pela admiração. Minhas pernas estavam cansadas depois das semanas de ensaio e da apresentação da noite. Meus joelhos pareciam querer ceder logo, mas supus que um último esforço não faria mal. Ignorei os músculos latejando e me posicionei.

A primeira parte da sequência do casamento era relativamente simples. Os movimentos eram lentos, e Davi segurava minha cintura para me levantar de tempos em tempos. Mas Fernanda escolhera adicionar um solo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aurora enquanto o Príncipe se afastava. Havia mais saltos, mais giros, mais passos complexos e rápidos.

Afastei-me de Davi no meio do quintal, preparando-me para o primeiro salto, seguido de um giro completo. Todas as pessoas pareciam me observar, mas eu ria, ao ver o rosto impressionado do irmão de Alícia. Arqueei as sobrancelhas, encarando sua boca aberta em formato de “o”. Eu me lembrava de como era admirar os alunos mais velhos. Lembrava-me como parecia inacreditável que pudesse, um dia, ser como eles.

Respirei e tomei impulso para me levantar no ar. Foi quando aterrissei com força e me senti cair. Um espasmo de dor espalhou-se por meu joelho, minha coxa e panturrilha do lado direito e, então, o mundo ficou preto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Acordei com o som estranho e ritmado de alguma máquina. Fora isso, os barulhos pareciam distantes, como se eu estivesse debaixo d'água. Minha cabeça pesava, latejando, e eu pisquei com força, em dúvida se conseguiria abrir os olhos. Tentei levantar o braço direito, mas senti algo preso nele, e o movimento doeu. Suspirei, piscando novamente e começando a enxergar.

Fui cegada por uma luz forte no teto e demorei a visualizar onde estava. Era uma sala de tons azuis, com uma poltrona cinza em um canto e uma porta branca. A janela estava fechada e escondida por uma cortina velha. Olhei para baixo e vi que meu corpo estava coberto, com exceção da perna direita. O joelho parecia gordo, enfaixado

com um curativo branco.

Senti meu coração se acelerar ao perceber que não conseguia sentir a perna e respirei com força, em intervalos curtos. Olhei ao redor, desesperadamente, procurando alguém que pudesse me ajudar. Analisei meu corpo, buscando respostas. O ritmo de minha respiração acelerou-se ao me lembrar do final da festa de Alícia, quando senti a perna ceder e caí no chão. Tentei me levantar, mas meu corpo parecia não querer se mover, fraco demais para suportar seu próprio peso.

Então, alguém entrou no quarto e me encontrou retorcida na cama.

- Lavínia! – suspirou minha mãe com lágrimas nos olhos. – Acalme-se, querida, acalme-se.

- Mãe – murmurei, a língua embolada, apontando para meu joelho. – Mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Lavínia, shh – ela sussurrou, segurando meu rosto. Eu arregalei os olhos. – Vai ficar tudo bem, querida.

Vi meu pai entrar no quarto também, seguido de uma médica. Ele me encarou com pesar, as sobrancelhas franzidas, e andou até o lado da cama para apertar minha mão.

- Oi, Lala – ele serviu um copo d’água e me ofereceu. – Tome um pouco de água.

Meu pai trouxe o copo até os meus lábios, enquanto minha mãe segurava minha cabeça. Engoli com força, sentindo a garganta se abrindo e o nó se aliviando. Devolvi-lhe o copo, encarando a médica do outro lado do quarto. Ela parecia calma o suficiente para que eu não me preocupasse demais, mas a falta de sensação em minhas pernas ainda me alarmava. Olhei em seus olhos, procurando algo que indicasse a seriedade do meu

PERIGOSAS ACHERON

problema. Então, tossi.

- O que aconteceu? – perguntei, firmemente.

A médica se aproximou, apoiando as mãos na cama e sorriu. Era um sorriso sincero, mas não largo o suficiente para que indicasse que tudo ficaria bem. Me parecia um sorriso empático, quase de pena.

- Oi, Lavínia – cumprimentou ela. – Meu nome é Livia. Sou ortopedista e realizei sua cirurgia.

Senti meu coração perder uma batida ao ouvir a palavra “cirurgia” e arregalei os olhos. Prevendo meu surto, Livia se aproximou.

- Não se preocupe, tudo correu como previsto – ela me reconfortou. – Agora só precisamos focar na sua recuperação e fisioterapia. Você é bailarina, certo?

Perguntei-me se Livia sequer entendia o que isso significava. Perguntei-me se ela compreendia que uma cirurgia me deixaria fora do palco por, pelo menos, alguns meses. Tinha certeza que ela não se preocupava com as consequências que isso teria para o meu condicionamento físico e para o meu desempenho.

- O que aconteceu? – perguntei novamente.

Ela encarou meus pais, que tinham se posicionado de cada lado da cama. Depois, puxou um aparelho do canto do quarto, apagando as luzes para que eu pudesse enxergar a radiografia.

- Você sofreu uma lesão no ligamento cruzado anterior do joelho – disse ela, apontando para o raio-X. – Isso significa que seu joelho estava instável. Ontem, pelo que me contaram, você tentou executar um passo difícil após a apresentação. Isso causou a rotura completa do

ligamento, o que fez você perder o equilíbrio e cair. Houve também uma concussão primária, quando bateu a cabeça no chão, mas nada com que se preocupar.

Lívia desligou o projetor e se aproximou da cama, encarando-me com um olhar sério.

- Tenho que dizer que, como grande parte dos atletas, você provavelmente ignorou os sinais que seu corpo lhe deu de que algo estava errado – disse ela. – Por acaso, nas últimas semanas, sentiu alguma instabilidade ou dor nos joelhos?

Eu apenas a encarei de volta, sem querer admitir o erro. Como dançarina, era comum sentir dores, especialmente, durante os períodos próximos ao espetáculo, quando tínhamos ensaios constantemente. Não podia me dar ao luxo de ficar de repouso toda vez que me sentia cansada.

Lívia suspirou.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você deve receber alta em dois dias. Então, precisará focar em recuperar sua estabilidade e força – disse ela. – Para isso, recomendo duas horas diárias de fisioterapia, pelos próximos meses, até que o fisioterapeuta lhe dê alta.

- Quando vou voltar a dançar? – perguntei, aflita.

- Se seguir o plano de recuperação, pode voltar às aulas em oito meses.

Engoli em seco, tentando ignorar o nó que voltava a surgir em minha garganta.

- E terei a movimentação completa? Como antes da lesão?

Ela cruzou os braços.

- Bom, Lavínia, a avaliação terá que ser feita ao final da fisioterapia, mas, geralmente, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recuperação é total – disse ela. – Devo avisar, porém, que, em alguns casos, os pacientes não conseguem voltar a usar a sapatilha de ponta, seja por dor, instabilidade ou perda da força no joelho lesionado.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e desviei o olhar da médica, apertando com força o maxilar. Não queria encarar meus pais também, pois sabia que a minha decepção estaria estampada em seus rostos. Eles sofriam com a minha dor, e era claro que nada me causaria mais dor que ter que abandonar a dança por quase um ano. Eu sabia que perderia as competições locais e nacionais, o que prejudicaria minha chance de conseguir uma bolsa em alguma Academia fora do país. Além disso, não conseguiria participar do espetáculo do fim do ano que vem. Senti meu peito queimar ao pensar que Natália finalmente conseguiria o papel principal,

PERIGOSAS ACHERON

independente de qual fosse.

Solucei, incapaz de conter o choro, e afundei o rosto no travesseiro, odiando-me por chorar diante de outras pessoas. Vi a médica se retirar, e meus pais pareceram compreender que eu ficaria melhor sozinha.

Busquei meu celular na mesa de cabeceira, dentro da minha bolsa, ainda cheia com os potes de maquiagem e o figurino da noite anterior. Vi que ainda era manhã, quase dez horas em ponto. Eu havia recebido algumas mensagens de pessoas perguntando o que havia acontecido. Ignorei-as, rolando a tela até encontrar o número de Davi e cliquei para ligar, mordendo os lábios com força.

- Vivi! – atendeu ele, e eu escutei o som de conversas no fundo. – O que aconteceu? Você está bem?

Ouvir sua voz apenas fez com que meu

PERIGOSAS ACHERON

coração se encolhesse ainda mais, e eu balancei a cabeça, mesmo que Davi não pudesse ver.

- Lesão no joelho – sussurrei. – Precisei de uma cirurgia.

Ouvi sua respiração quando ele não soube responder. Uma lesão no joelho era uma das piores lesões que poderiam ocorrer a um atleta, e ele sabia.

- Lavínia... – ele respondeu, parecendo não saber o que dizer. – Você vai se recuperar, certo?

Dei de ombros, enxugando as lágrimas silenciosas que rolavam por minhas bochechas.

- Daqui a oito meses – balbuciei. – E talvez não possa voltar a usar ponta.

Novamente, a linha ficou em silêncio. Eu suspirei. De certa forma, esperava que Davi pudesse me consolar. Esperava que ele soubesse o

que dizer, pois entendia perfeitamente o que eu estava sentindo. Mas, então, percebi que ele não compreendia. Afinal, não era Davi quem poderia ter que desistir da carreira com a qual sonhara a vida toda.

- Sinto muito, Vivi – sussurrou ele finalmente. – Que merda.

- Que merda – repeti.

- Quando você vai para casa? – perguntou ele.

- Devo receber alta depois de amanhã.

- Irei visitá-la – prometeu ele. – Agora preciso ir. Tenho que...

- Ensaiar – completei, suspirando. – Quem vai me substituir?

- Fernanda vai assumir seu papel – respondeu Davi. – Não se preocupe, Natália

PERIGOSAS NACIONAIS

continua sendo a bruxa.

Eu soltei uma risada que se transformou em outro soluço rouco.

- Ótimo.

- Tenho mesmo que ir, Vivi – ele suspirou.

– Desculpe.

Então ele desligou o telefone e eu fiquei inteiramente sozinha de novo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Recebi alta dois dias depois. Saí do hospital acompanhada de meus pais, com o joelho imobilizado e um par de muletas. Não tinha permissão para me apoiar na perna operada, mas começaria a fisioterapia no dia seguinte. Era indicado que fizesse compressas de gelo, duas vezes ao dia, por duas semanas.

Eu só queria chorar.

Nenhum de meus colegas foi me visitar no hospital. Troquei mensagens com Davi e Alícia, que me disseram que eles estavam sempre nos ensaios nos horários de visita. Eles preferiam me visitar em casa, disseram. Assim, esperava chegar e encontrar algum tipo de recepção.

Mas só o que encontrei foi uma casa vazia,

PERIGOSAS NACIONAIS

com a cozinha bagunçada e papéis jogados à mesa, do mesmo jeito que havia sido deixada, logo depois que meus pais receberam a notícia do acidente e foram me encontrar no hospital. Queria ficar no meu quarto, mas ainda não conseguiria subir as escadas, e meu pai tinha medo de me machucar se tentasse me carregar. Assim, acabei com uma cama improvisada no meio da sala.

Meus pais tentaram personalizar o ambiente para que eu me sentisse melhor, trazendo meus livros e bichos de pelúcia. Mesmo assim, era impossível esquecer o porquê de eu estar morando na sala de TV. Cada vez que a realidade me atingia, era como um soco no peito que me fazia perder o ar, os olhos se enchendo de lágrimas quentes.

Na noite do dia em que voltei pra casa, eu estava na cama com minha mãe ao meu lado e um pote de sorvete entre nós. As circunstâncias atuais

PERIGOSAS ACHERON

tinham me permitido quebrar a dieta de atleta, mas eu não estava feliz por isso. Quando a campainha tocou, meu pai foi atender e voltou acompanhado de Davi, Alícia e Júlio. Eles usavam roupas de ginástica e, provavelmente, saindo de um ensaio, e meu coração se apertou ao vê-los.

- Oi, Lavínia – suspirou Alícia, sentando-se ao meu lado com cuidado, parecendo receosa em me encostar. – Como você está?

A pergunta me pareceu ridícula diante das circunstâncias, mas eu apenas dei de ombros.

- Já estive melhor – admiti.

- Pelo menos pode tomar sorvete, certo? – perguntou Júlio.

Tentei sorrir para ele, pois sabia que estava tentando me animar. Era isso que Júlio sempre fazia: procurava ver o ponto positivo até nas situações mais sombrias. Eu sempre apreciara seu

PERIGOSAS ACHERON

senso de humor, mas, naquele momento, percebi que suas tentativas seriam falhas. A angústia em meu peito não era algo que pudesse se resolver com algumas piadas.

Voltei meu olhar para Davi, que ainda estava parado no batente da porta, encarando-me. Seus olhos iam de meu rosto ao meu joelho, parecendo tentar compreender se aquela perna destruída realmente pertencia a mim, sua Aurora. Era impressionante que apenas setenta e duas horas tivessem se passado desde o fim do espetáculo.

- Estou tão ruim assim? – perguntei, buscando seus olhos, pois sabia que ele era o único que seria honesto comigo.

Davi suspirou, cruzando os braços fortes e caminhando em minha direção.

- Você parece que foi atropelada por um caminhão, Vivi – ele admitiu e apontou para a

PERIGOSAS ACHERON

minha cabeça. – Que houve aí?

- Concussão. – expliquei, lembrando-me que não via meu reflexo no espelho desde sexta feira. – Bati a cabeça quando caí.

- Sem sequelas?

- Continuo mais inteligente que você – tentei brincar, mas não saiu com muito humor.

Ninguém mais parecia saber o quê dizer. Então, meu pai chegou, avisando que o jantar estava servido e convidando meus amigos para ficarem. Minha mãe trouxe os pratos e talheres para a sala e eu comi na cama, rodeada de meus pais e de meus amigos, que jantaram sentados ao chão. Depois, meu pai trouxe as sobremesas que sobraram do dia do espetáculo: mousses de coco com framboesa, liberado para atletas em treinamento, mesmo que eu já não fosse mais uma. Alícia, Davi e Júlio ficaram para assistir a um filme

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo, mas o efeito dos analgésicos fez com que eu dormisse antes da metade. Acordei no meio da noite, sozinha, apenas com minha mãe dormindo no sofá ao lado da cama. Não havia sequer uma semana que tinha parado de dançar, e eu já me sentia separada dos outros, como se eles estivessem em outra vida.

Acordei no dia seguinte com o cheiro de café e bolo. Por um instante, esqueci onde estava e fiquei confusa com o candelabro da sala que pendia sobre mim. Então, lembrei-me do que havia acontecido e suspirei, desejando poder voltar a dormir. Prendi meu cabelo em um coque e estendi as mãos para pegar as muletas, girando-me com dificuldade na cama, tentando sentar. Quando cheguei à cozinha, um filete de suor escorria de minha testa com o esforço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bom dia, princesa – cumprimentou meu pai quando me sentei à mesa. – Como está se sentindo?

- Estou bem – respondi.

- Sua primeira sessão de fisioterapia é às dez – avisou ele. – Sua mãe está tomando banho para levá-la.

Apenas assenti, pensando que não havia tomado banho na noite anterior e começando a me sentir suja, especialmente com a faixa no joelho.

- Nós estávamos pensando- continuou meu pai, servindo-me uma xícara de café. – que talvez fosse bom você ir a um psicólogo.

Eu o encarei com a xícara a caminho dos lábios.

- Por quê? – perguntei, cética.

- Bom, porque essas mudanças certamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irão afetá-la – respondeu ele. – E sua mãe e eu achamos que seria bom se você conversasse com alguém. Para ter algum apoio.

- Vocês são o meu apoio.

Meu pai suspirou, sentando-se ao meu lado e me oferecendo um pedaço de bolo de maçã.

- É claro, Lavínia. Sempre seremos seu apoio – replicou ele. – Mas, às vezes, precisamos de um apoio profissional.

- Certo – retruquei, buscando finalizar o assunto antes que minha mãe chegasse e a discussão se estendesse ainda mais. – Tudo bem.

Comi o bolo em silêncio e então caminhei até o banheiro do térreo. Encarei-me no espelho por algum tempo, tentando compreender meu reflexo, tão diferente desde a última vez que eu o havia visto.

PERIGOSAS ACHERON

Meus cabelos castanhos estavam presos em um coque desajeitado, com fios rebeldes caindo ao redor de meu rosto. Ao lado direito da testa, um enorme hematoma havia se formado, adquirindo tons de roxo e azul. Notei olheiras escuras sob meus olhos, como se não dormisse há dias. Sentia-me vinte anos mais velha do que realmente era, com a cabeça pesada, os braços cansados e a perna dormente.

Minha mãe me ajudou a tomar banho e lavar o cabelo antes de irmos para a fisioterapia. Por causa do joelho enfaixado, eu só conseguia usar shorts ou calças largas de moletom. Apesar de mais limpa, ainda me sentia acabada ao chegar à clínica de reabilitação.

Sentei-me em um banco na sala de espera com as costas apoiadas na parede e pedi que minha mãe fosse embora. Tinha certeza de que

conseguiria aguardar o fisioterapeuta sem precisar de ajuda e já me sentia dependente o suficiente.

A sala de espera tinha cheiro de hortelã. As paredes eram de um tom esverdeado que parecia trazer calma, combinadas com a música ambiente. Ao meu redor, vi pessoas velhas. Não adultas, mas realmente velhas. Imaginei se a clínica seria especializada em idosos e se não teria entrado no lugar errado. Mas, quando vi velhinhos caminhando rapidamente para a rua, percebi que estava em pior estado que eles.

- Lavínia Deschamps? – escutei uma voz grossa chamar meu nome e me levantei instintivamente sem as muletas, desequilibrando-me.

O dono da voz grossa segurou meus braços, impedindo-me de cair. Era um homem de, aproximadamente, quarenta anos, com o cabelo

levemente grisalho e uma barba cheia.

- Não vamos fazer mais estrago, certo? – afirmou ele, soltando-me depois de me entregar as muletas. – Meu nome é Fábio. Sou o fisioterapeuta responsável pelo seu caso. Pronta para começar?

Assenti, engolindo em seco e o seguindo em direção à sua sala.

Ele abriu uma porta de vidro e me convidou a entrar, pedindo que eu me deitasse na cama forrada. Senti que não conseguiria subir a pequena escada de metal, mas não quis pedir ajuda. Então, segurei-me na beirada da cama, apoiando-me apenas na perna esquerda.

- Você pode pedir ajudar, sabe, – disse ele quando terminei de me deitar, observando-me com olhos curiosos. – Pode reconhecer seus limites.

Não respondi. Eu nunca havia aprendido a reconhecer meus limites, apenas a ultrapassá-los.

PERIGOSAS ACHERON

Fábio se aproximou, trazendo uma máquina cheia de fios, elásticos e adesivos.

- Vamos começar com uma terapia de ondas de choque – explicou, colando os adesivos ao redor de meu joelho. – Não se preocupe, o incômodo é mínimo, mas é uma técnica eficiente para reduzir a inflamação e estimular a reparação dos músculos.

Observei-o ligar a máquina, ajustando a frequência e a intensidade. Dei um salto com o primeiro choque, mas percebi que não doía. Era como um desconforto incomum, mas não dor.

- *Lavínia Deschamps* – murmurou Fábio, anotando algo em uma prancheta. – É um nome bem único. Tem alguma história?

Balancei a cabeça, negando.

- A família de meu pai veio da França, por isso, o Deschamps – respondi, imóvel, com medo

PERIGOSAS ACHERON

de influenciar no funcionamento da máquina e do tratamento. – E meus pais apenas gostavam de Lavínia.

Ele assentiu, suspirando.

- Foi uma boa escolha – respondeu ele. – E diz aqui que você é bailarina?

Assenti, sem encará-lo.

- Bom, então, vamos recuperá-la logo, para que volte aos palcos, Lavínia Deschamps.

No fim das contas, a terapia de choques acabou sendo a melhor parte da sessão. Após os trinta minutos iniciais, Fábio fez alguns ultrassons e começamos os exercícios de alongamento e fortalecimento. No início, imaginei que não seria tão difícil. De fato, os primeiros exercícios de movimento me fizeram suar, mas consegui concluí-

los com um mínimo de dor. Então, passamos para as flexões, trabalhando as articulações lesionadas. Fábio me colocou sentada na cama, com os pés para fora. Ele segurava minha perna machucada esticada em uma posição reta.

- Nesse exercício, vou soltar sua perna e quero que você a dobre o máximo que conseguir e a estique de volta para mim – explicou ele. – Vamos tentar?

Assenti, fazendo um sinal para que ele soltasse minha perna. Assim que eu mesma fiquei responsável pelo peso da perna direita, meu joelho começou a se dobrar. Porém, por causa da faixa e da dor, eu quis, imediatamente, levantá-la de volta. Tentei, sem sucesso, esticar a perna, sentindo minha respiração se acelerar e o rosto começar a suar. Meu joelho direito latejava, travado em uma posição intermediária entre o dobrar e o esticar. Por

algum motivo, era muito mais doloroso do que eu imaginara.

Travei o maxilar, determinada. Fábio estava pronto para segurar minha perna, mas permanecia afastado, parecendo querer analisar o quanto mais eu aguentaria. Quando arfei de dor, apertando com força a beirada da cama, ele se adiantou, esticando minha perna. Respirei fundo, fechando os olhos e encostando a cabeça na parede. Minha perna ainda tremia e minha cabeça parecia tonta.

- Foi bom, Lavínia – elogiou Fábio, mas eu não me sentia digna de um elogio. – Uma ótima primeira tentativa.

Suspirei, frustrada, e pedi para ir ao banheiro. Quando minha perna parou de tremer, agarrei as muletas e saí da sala, sentando-me em um banco no meio do corredor e torcendo para que

Fábio não resolvesse espiar pela porta.

Era inacreditável pensar que eu, antes tão ativa, flexível e forte, agora mal conseguia esticar os joelhos. Senti as lágrimas quentes por trás das pálpebras e apertei os olhos, irritada comigo mesma e com o resto do mundo. Com minha cabeça apoiada nas mãos, os cabelos espremidos entre os dedos, eu parecia uma fracassada e era assim que me sentia.

- Ei – ouvi alguém chamar ao meu lado. –
É sua primeira sessão?

Levantei a cabeça e encarei o garoto na cadeira ao lado com os olhos apertados. Ele era bronzeado, com cabelos negros e olhos castanhos. Busquei rapidamente por sinais de alguma lesão em seu corpo, mas ele parecia bem e, portanto, deslocado. Vestia uma calça jeans e uma blusa branca, segurando uma mochila azul no colo. Era

um garoto comum, de olhos grandes e nariz pontudo.

Pisquei, confusa.

- O que? – perguntei.

- É sua primeira sessão? – repetiu ele, apontando para a sala de Fábio. – As primeiras sessões são sempre muito difíceis.

Eu suspirei, esfregando a testa com as mãos.

- Sim, é minha primeira sessão – respondi, finalmente e me levantei. – E eu deveria voltar.

O garoto assentiu, sorrindo.

- Não se preocupe, você vai melhorar – disse ele, gentilmente. – Boa sorte.

- Obrigada – murmurei, colocando as muletas debaixo dos braços e voltando para a sala.

Fábio me fez repetir cada exercício pelo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menos cinco vezes. Ficamos mais uma hora trabalhando. Mesmo com as janelas abertas, senti o suor pingando de minhas têmporas. Eu me esforçava mais do que imaginava ser possível e, ainda assim, minha perna se recusava a mexer. Quando terminamos era quase meio dia e eu me sentia enjoada, cansada e com dor de cabeça. O joelho latejava, como se esticar e flexionar exigissem um esforço absurdo. Como se ele não tivesse feito movimentos muito mais difíceis há menos de uma semana.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

As celebrações de Natal e ano novo passaram como um borrão. Inicialmente, meus pais e eu iríamos para a cidade natal de meu pai, no litoral do Rio de Janeiro. Com meu acidente, porém, os planos foram cancelados e nós três acabamos passando o feriado em casa. Meu pai ocupou-se todos os dias cozinhando uma incrível variedade de panetones recheados, cookies, bolos e outros doces, além da ceia completa da noite de Natal e do reveillon. Apesar da quantidade claramente exagerada de comida, minha mãe não o impediu. Imaginei que ambos os meus pais estavam criando estratégias para me animar, e o excesso de açúcar, com certeza, era a primeira delas.

Minha mãe e eu assistimos a todos os

PERIGOSAS NACIONAIS

filmes natalinos e comédias românticas disponíveis no pacote da TV, enquanto meu pai lotava a cozinha. De tempos em tempos, minha mãe se levantava em silêncio e buscava uma bolsa de gelo e meus remédios, juntamente com um copo d'água. Sem interromper o filme, ela pousava o gelo sobre meu joelho machucado, esperando que eu tomasse os remédios a fim de que pudesse retornar o copo vazio à cozinha. Então, posicionava-se novamente no sofá, como se nada tivesse acontecido. Tanto ela quanto meu pai pareciam não querer quebrar a normalidade, apesar de, claramente, nada estar normal. Os DVD's de minhas apresentações tinham sido discretamente movidos para o andar de cima, depois de minha mãe ter me encontrado sentada desajeitada, no chão, com todos eles ao meu redor, os olhos cheios de lágrimas, as sobrancelhas franzidas furiosamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No dia de Natal, acordei com o barulho de embalagens de presentes. Fiquei imóvel no sofá, sentindo a leveza do estado mental que dividia o dormir do acordar. Então, espreguicei-me, chamando a atenção de meus pais, que conversavam silenciosamente à porta da cozinha. Eles correram até mim, enormes sorrisos estampando seus rostos e me abraçaram, sussurrando desejos felizes de Natal. Tentei sorrir também e indiquei os presentes que havia comprado para eles debaixo da árvore. Para meu pai, havia escolhido um avental do homem de ferro, meu super herói favorito, o que era uma pequena provocação, visto que ele odiava Tony Stark. Para minha mãe, que adorava ler livros de suspense nos intervalos entre as audiências, comprei “Caixa de Pássaros”, na livraria local.

Meus pais pegaram uma enorme caixa

PERIGOSAS ACHERON

retangular quando terminei de entregar seus presentes. Desfiz o brilhante laço vermelho e puxei a tampa da caixa, revelando um vestido verde esmeralda coberto por um papel fino e macio. Retirei-o com cuidado, segurando as alças finas. O vestido era simples, mas chique, todo de cetim e com detalhes em tule na saia. Encarei meus pais, surpresa.

- É lindo - murmurei. - Mas qual a ocasião?

Então, meu pai abriu um enorme sorriso e explicou que, finalmente, as reformas de seu restaurante estavam para ser finalizadas. O processo todo havia começado há dois anos, quando meu pai usou todas as suas economias, para comprar um espaço bem no centro da cidade, a fim de realizar seu sonho de ter o próprio restaurante. A inauguração, explicou ele, seria no início de março, e grandes cozinheiros, amigos de faculdade e

familiares tinham sido convidados. Era quando eu deveria usar o vestido.

Meu sorriso murchou apenas quando minha mãe tirou uma pequena caixinha prata debaixo da árvore. Há meses eu vinha desejando um colar com pingente de bailarina que havia visto na vitrine de uma joalheria local. E, de fato, quando abri a caixinha, lá estava o pequeno pingente dourado, a saia e coroa da dançarina adornados por detalhes em prata. Senti um buraco abrindo-se em meu coração enquanto encarava o colar brilhante.

Meu pai suspirou, tirando o colar da caixa e empurrando meus longos cabelos para o lado, a fim de colocá-lo ao redor de meu pescoço.

- Você ainda é nossa bailarina, Lavínia - disse ele gentilmente.

Mesmo sabendo que ele queria me consolar, as palavras me fizeram querer chorar

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais. Como se eu fosse ainda a bailarina *deles*, mesmo que não fosse mais uma de verdade.

No ano novo, assistimos aos fogos pela TV. Meus pais foram dormir cedo, enquanto eu vasculhava as redes sociais de meus amigos e primos, que estavam se divertindo, na praia ou em festas da cidade, com bebidas nas mãos e largos sorrisos nos rostos.

Assim, apesar de, muitas vezes, ter sonhado com um feriado tranquilo com meus pais, os motivos que levaram à realização desse sonho acabavam com toda a magia, e eu não pude aproveitar. De repente, o apartamento velho e pequeno de minha avó, em uma praia pequena do Rio, inteiro ocupado pelos meus primos e tios, e a luta diária para conseguir uma boa quantidade de sobremesa, antes que tudo fosse pelos ares, pareciam estranhamente agradáveis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Na minha segunda semana depois da cirurgia, eu estava novamente sentada na recepção da clínica, esperando minha mãe me buscar. Eu sabia que seu turno de trabalho acabava às cinco, e eram quase cinco e meia. Suspirei, observando a sala se esvaziar ao longo do tempo. Não gostaria de ficar aqui mais tempo do que o necessário. Distraída, pulei quando meu celular tocou.

- Mãe? – atendi.

- Lavínia, querida – respondeu ela, parecendo ofegante. – Tive um problema com um caso. Vou atrasar um pouco.

Encarei o relógio na parede, marcando 17h23min e suspirei novamente.

- Você já está – murmurei.

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que? – perguntou ela.
- Nada. Tudo bem, mãe – respondi.
- Ok, querida. Até as seis chego aí.

Ela desligou, e eu encarei a tela vazia do celular. Havia apenas uma mensagem de Davi, convidando-me para um passeio à noite. Perguntei rapidamente do que se tratava, mas já aceitei. Ultimamente, não havia muitas oportunidades de sair de casa, então, qualquer opção era bem-vinda.

Não que eu costumasse sair muito antes. Visto que todos os meus amigos eram também bailarinos, passávamos a maior parte do tempo no estúdio e, quando saíamos, íamos um para a casa do outro, ou para o shopping. Mais tarde, começamos a frequentar bares, mesmo que não devêssemos consumir muito álcool. Assim, meu círculo social havia sido sempre muito restrito, limitando-se à Academia e aos meus pais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O garoto que me viu chorar em minha primeira sessão apareceu no fim do corredor, vestindo-se mais ou menos da mesma maneira que da primeira vez em que o vi. A camisa lisa, calça jeans, mochila azul. Observei que era bem bonito, o tipo de bonito que se vê nos filmes e na TV. Em nosso primeiro encontro, deixei de percebê-lo por estar imersa em meus próprios problemas, mas, agora, era impossível não notar. Tinha certeza de que ele era consciente de sua beleza. Andava com confiança, os ombros jogados para trás e o olhar descontraído. O rosto era anguloso e simétrico, como se tivesse sido esculpido com cuidado. Percebi que o encarava apenas quando ele começou a se aproximar.

Desviei o olhar rapidamente, envergonhada, e tossi, ajeitando o cabelo para que cobrisse o hematoma na testa. Para minha surpresa,

PERIGOSAS ACHERON

ele se sentou ao meu lado.

- Oi – cumprimentou ele, sorrindo. – Tudo bem?

- Ah, oi – respondi, confusa. – Estou bem.

Ele assentiu, ainda sorrindo. Parecia nunca parar de sorrir.

- Que bom – murmurou. – Não me apresentei direito no outro dia. Sou Kauan.

Apertei sua mão esticada com cuidado.

- Lavínia – respondi.

- Lavínia – repetiu. – Bonito. Sua sessão já acabou ou ainda vai começar?

Por algum motivo, o fato de ele saber que eu precisava fazer fisioterapia me irritou e me fez sentir fraca, o estômago se revirando. Por outro lado, se ele estava ali, provavelmente precisava de algum cuidado também. Mesmo assim, desviei os

olhos de seu rosto.

- Já acabou – respondi, torcendo para que minha mãe chegasse logo. – E a sua?

- A minha o quê?

- Sua sessão.

- Oh – murmurou ele, balançando a cabeça de um lado para o outro. – Não faço fisioterapia. Eu faço faculdade aqui perto e meu pai trabalha aqui, então, costumo ficar em seu escritório estudando.

- Ah – murmurei de volta. – Entendi.

Encarei meus sapatos no chão, desejando que ele fosse embora. Eu nunca havia sido boa com garotos, mesmo quando minha confiança estava em seu máximo. Agora, com ela no fundo do poço, a última coisa que queria era a atenção de um menino bonito para me fazer sentir-me ainda pior.

- Desculpe a pergunta, mas... – Kauan

PERIGOSAS NACIONAIS

recomeçou a falar. – O que aconteceu?

Eu encarei meu joelho enfaixado, ainda latejando por causa dos exercícios do dia.

- Sou bailarina – expliquei em voz baixa. – Sofri um acidente. Precisei fazer uma cirurgia no ligamento.

- Sinto muito – respondeu ele, parecendo sincero.

- Não é culpa sua.

Ele abaixou a cabeça, buscando meu olhar e, então, abriu um pequeno sorriso.

- Nem sua, sabe - apontou. – Você deve ser muito boa. Às vezes, o corpo não alcança o talento.

Não soube dizer se sua fala era uma crítica ao meu corpo ou um elogio à minha pessoa, mas resolvi ver o lado positivo. Sorri de volta para ele.

- Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

Ele parecia querer dizer algo mais, mas meu celular o interrompeu. Era minha mãe, avisando que havia chegado e estava me esperando do lado de fora. Kauan levantou-se imediatamente e pegou minhas muletas apoiadas na parede, estendendo uma mão para me ajudar a levantar.

- Obrigada – repeti, colocando as muletas debaixo dos braços. – Bem, tchau.

Ele inclinou a cabeça, sorrindo, como sempre.

- Foi um prazer, Lavínia – disse ele. – Espero vê-la mais.

- Também espero – assenti, caminhando para fora da clínica.

Quando entre no carro, minha mãe falava com alguém ao celular, agradecendo por algo que eu não sabia o que era. De alguma forma, sabia que tinha a ver comigo. Ela me encarava, sorrindo,
PERIGOSAS ACHERON

enquanto eu erguia as sobrancelhas no banco do passageiro, esperando que ela finalizasse a conversa e me dissesse o que estava acontecendo.

- Ok, obrigada *mesmo* – repetiu ela pela décima vez e então desligou. Minha mãe guardou o celular e beliscou minha bochecha, ligando o carro.- Oi, filha. Como foi a sessão?

- Normal – respondi simplesmente. Eu evitava discutir os detalhes de minhas sessões com meus pais, pois sabia que apenas os faria sofrer mais. Também não era agradável reviver meus momentos de fraqueza. – Quem era ao telefone?

- Bom, seu pai lhe disse que achamos que você deveria começar a frequentar um psicólogo, certo?

Suspirei, mas assenti. O assunto de terapia não havia surgido mais vezes desde aquele dia no café da manhã, então, de certa forma, eu esperava

que meus pais tivessem desistido da ideia.

- Finalmente consegui falar com a psicóloga que sua médica indicou – continuou ela, os olhos no trânsito. – Bárbara Gomes. Dizem que ela é ótima. Consegui um horário para você sexta às cinco.

- Ah. Que bom – respondi apenas, pouco animada com a perspectiva de dividir meus problemas com alguma desconhecida metida à vidente.

Mais tarde, eu estava em casa esperando Davi me buscar para nosso passeio. Íamos apenas caminhar até a praça perto de casa, tomar um sorvete e jogar conversa fora. Ele tinha se oferecido para trazer o carro, mas me parecia ridículo gastar gasolina para andar 600 metros até a praça.

Eu, finalmente, tinha conseguido convencer
PERIGOSAS ACHERON

meu pai a me carregar até o quarto. O lugar estava impecável, demonstrando que ninguém o habitava há algum tempo. Eu nunca havia tido muito interesse em decorar, então, o quarto se resumia a algumas paredes brancas e móveis. Os livros e a colcha na cama eram as únicas coisas que traziam cor para o ambiente. Até mesmo o tapete no chão era branco, de um tecido felpudo que havia sido minha única escolha na loja de decoração.

Abri a câmera em meu celular em vez de caminhar até o espelho, na esperança de poupar a energia de minhas pernas. Eu havia me arrumado pela primeira vez desde o acidente. Na verdade, essa seria minha primeira saída em duas semanas. Até então, meus passeios se resumiam à clínica de fisioterapia.

Meu cabelo finalmente tinha sido lavado e estava jogado sobre os ombros, com um grampo o

prendendo para trás. Eu tentara usar maquiagem para esconder o hematoma na testa, mas, ainda assim, conseguia vê-lo claramente. A pele continuava dolorida e, agora, adquiria uma mistura de cores, incluindo partes verdes e amarelas. No geral, parecia bem, mas, de alguma forma, ainda me sentia estranha, como se habitasse o corpo de outra pessoa.

Ouvi a campainha tocar e resolvi me aventurar, arrastando-me escada abaixo sentada. Cheguei ao térreo quando meu pai e Davi apareceram à porta da sala.

- Lavínia – suspirou meu pai, correndo em minha direção e me ajudando a levantar. – Você devia ter me chamado.

- Não precisava, pai– murmurei, posicionando as muletas e ajeitando o cabelo. Então, olhei para Davi e sorri. – Podemos ir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós três caminhamos até a porta, no meu ritmo lento, com passos de muleta. Meu pai passou o braço por meus ombros e beijou minha testa.

- Me ligue se precisar de carona para voltar, querida – advertiu ele.

- Pai, são *dois quarteirões* – afirmei, revirando os olhos.

- E você acabou de fazer uma *cirurgia no joelho*— respondeu ele, no mesmo tom.

- É, mas já vou *retirar os pontos amanhã* – retruquei.

Davi segurou meu braço, dando-me apoio para descer o degrau à frente da casa.

- Certo, não se preocupe, papai, vou cuidar dela – ele interferiu na discussão. – Venha, Vivi.

Senti os olhos de meu pai nos seguindo até o fim da rua, quando viramos e ficamos fora de seu

PERIGOSAS ACHERON

alcance. O bairro estava silencioso, como se esperava do início de uma noite de quarta, e os sons de minhas muletas no chão eram os únicos preenchendo o vazio. Morávamos no mesmo lugar desde o meu nascimento, quando meus pais trocaram seu apartamento no centro da cidade por uma casa em um bairro familiar. Por sorte ou coincidência do destino, a Academia de Dança da cidade ficava a apenas alguns minutos de nossa rua, ao contrário de minha antiga escola, que ficava a quase vinte minutos de carro. Por causa da importância do balé em minha vida, eu havia perdido muitas das ocasiões normais da adolescência. Pelos ensaios constantes desde os quinze anos, tinha feito poucas amizades na escola e meus grandes amigos eram todos bailarinos também. Era simplesmente difícil manter uma amizade com pessoas que seguiriam caminhos inteiramente diferentes e que não compreendiam a

PERIGOSAS ACHERON

dedicação exclusiva a apenas uma atividade. A maioria dos adolescentes não sabe o que realmente quer da vida, mas eu sempre soube e sempre me pareceu claro o que devia fazer para chegar lá.

- Você está bem? – perguntou Davi, observando-me com cuidado.

Revirei os olhos.

- Todos precisam parar de me perguntar isso – determinei. – Estou ótima.

Ele ergueu as mãos em um movimento de rendição e ergueu as sobrancelhas.

- Você estava quieta, por isso perguntei – justificou-se. – Não precisa ficar na defensiva o tempo todo.

Franzi as sobrancelhas.

- Eu não estou.

Ele suspirou, parecendo não se convencer.

Tínhamos finalmente chegado à praça, um enorme círculo coberto de árvores, bancos de madeira e um coreto antigo e amarelado. Escolhemos um banco perto da sorveteria e nos sentamos. Pousei as muletas entre nós dois, o joelho esticado de forma estranha, mas que não doía.

- Como é dançar com Fernanda? – perguntei, realmente interessada. Fernanda fizera cursos profissionais de dança em todos os países reconhecidos por sua tradição de balé. Eu apenas poderia imaginar como seria dançar com alguém assim tão competente e experiente.

Davi me encarou, sorrindo, e soltou uma respiração impressionada.

- Sinceramente, Vivi, você é incrível – disse ele. – Mas Fernanda é... Uau. É uma coisa vê-la dançar sempre nos ensaios, mas sentir seus movimentos e coordená-los com os meus... É

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente surreal. Você sabia que ela tem apenas 29 anos?

- Não, não sabia – admiti, sentindo meu coração se apertar contra minha vontade. Eu havia perguntado como seria dançar com ela. Eu sabia que seria positivo. Não havia motivo para o ciúme que agora me consumia. Mas ele estava lá. – Então meu acidente foi até bem interessante para você, não é?

Davi me encarou, franzindo as sobrancelhas.

- Claro que não, Vivi, meu Deus – murmurou ele.

Dei de ombros, ignorando seu olhar sobre mim e encarei intensamente a sorveteria do outro lado da rua. A noite estava quente, como uma típica noite de verão, e o lugar estava lotado. Senti o vento úmido pinicar meus ombros descobertos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Como você está, Lavínia? – perguntou Davi. – De verdade.

- Estou *bem*, Davi – retruquei. – Já disse.

- Certo – retrucou ele, parecendo irritado. – Só pergunto porque... bom, eu não estaria bem. Se fosse comigo.

Revirei os olhos, travando o maxilar.

- Todos parecem compreender tão bem como me sinto – sussurrei, nervosa. – Todos vocês querem me dizer como agir, o que sentir.

- Só queremos ajudá-la...

- Ajudaria se todos parassem de me tratar como uma aleijada— confessei, finalmente, encarando-o. Seus olhos estavam arregalados, surpresos. – Mais me ajudariam se me tratassem como se eu ainda fosse a mesma.

Ele assentiu, passando a mão pelos cabelos

PERIGOSAS ACHERON

e, então, levantou-se abruptamente

- Certo. Tudo bem – exclamou. – Vou pegar um sorvete para você, Vivi, certo? Morango, não é?

Eu apenas assenti, voltando a observar o joelho machucado. Davi se afastou correndo, atravessando a rua em meio aos carros parados, sumindo no meio da multidão que ocupava a sorveteria. Suspirei, esfregando os olhos. Sabia que estava sendo má e injusta. Sabia que ninguém, nem mesmo meus pais ou Davi, estava me tratando como aleijada. A única pessoa que me via assim era eu mesma.

Davi voltou alguns minutos depois, segurando uma única casquinha de sorvete.

- Você não vai tomar? – perguntei, pegando a casquinha de morango de suas mãos.

Ele balançou a cabeça e riu.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não posso – admitiu ele. – Almocei em casa de minha avó hoje e ela fez cinco tipos de sobremesa. *Cinco*, Lavínia. E eu provei *todas*. Desse jeito, vou acabar sendo rebaixado a bobo da corte, porque não vou conseguir dar um salto sequer.

Ri com amargura, pensando que seria melhor ser rebaixado do que não poder dançar, mas resolvi manter meus pensamentos para mim mesma. Davi resolveu que seria interessante me contar todas as novidades dos ensaios e das apresentações, comentando, em detalhe, sobre as competições dos próximos meses e sobre o que eles estavam pensando em fazer no espetáculo do final do ano que vem. Eu sabia que ele estava apenas tentando fazer o que eu havia pedido: tratar-me como se eu ainda fosse a mesma. Mesmo assim, a conversa acabou me deixando pior do que antes,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois eu não fazia mais parte daquilo, das histórias, mesmo que quisesse muito. Eu não viajaria para competir, não passaria horas no estúdio, não brigaria com Natália pelo papel principal no espetáculo. Eu não fazia ideia do que faria nos próximos meses. Assim, acabei deixando que Davi falasse até se esgotar, apenas assentindo enquanto tomava meu sorvete.

No fim da noite, voltamos em silêncio para minha casa e nos despedimos como sempre. Mesmo que nenhum de nós tivesse reconhecido abertamente, eu sabia que algo havia sido quebrado naquela noite. Não estávamos mais em perfeita sincronia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Era sexta feira e eu estava no hospital com meu pai. Tínhamos ido tirar meus pontos e, depois, ele me deixaria na psicóloga. O hospital estava cheio e eu soube que minha consulta iria atrasar. Internamente, torci para que atrasasse o suficiente para me impedir de ir à terapia depois.

A verdade é que eu não fazia ideia do que falaria para Bárbara Gomes. Nunca tinha sido uma pessoa muito comunicativa, com muitos amigos com os quais dividia meus segredos. Eu era do tipo que não sofria ou sofria sozinha. Não conseguia entender a necessidade obsessiva de compartilhar minhas dores, quanto mais com alguém desconhecido.

- Posso saber por que não quis falar com

Davi e Alícia hoje, Lavínia? – perguntou meu pai, encarando-me com intensidade, as sobrancelhas erguidas.

Eu suspirei.

Mais cedo, naquele mesmo dia, Davi e Alícia haviam passado em minha casa no intervalo do almoço. Eu estava na sala com meu pai, assistindo a um filme qualquer depois de termos comido, quando a campainha tocou e eu escutei suas vozes do lado de fora. Por algum motivo, não queria encontrá-los sequer por alguns minutos, que era o que eu sabia que eles tinham. Provavelmente teriam que voltar para o estúdio logo. Mesmo assim, pedi que meu pai mentisse e falasse que eu estava na fisioterapia. Ele estranhou, mas, como sempre fazia ultimamente, atendeu meu desejo sem questionar muito.

- Só estava cansada, pai – respondi

simplesmente.

Conhecendo-me, meu pai apenas suspirou e aceitou a resposta, sabendo que eu não diria mais nada. Meu nome foi chamado em seguida, então, o assunto se encerrou de verdade. Meu pai me ofereceu a mão para me levantar, mas eu recusei, apoiando-me na cadeira e equilibrando-me com as muletas.

Entramos à sala de Livia, onde ela nos esperava com meu prontuário nas mãos. A sala era simples e vazia, com exceção de uma mesa de atendimento com um laptop e uma cama para procedimentos.

- Oi, Lavínia, tudo bem? – cumprimentou ela, apertando minha mão livre. – Como se sente?

- Bem – respondi apenas.

- Sentem-se – disse ela, apontando para as cadeiras escuras ao lado da mesa.

Eu e meu pai nos sentamos e Livia abriu o laptop.

- Como têm sido as sessões de fisioterapia, Lavínia? – perguntou ela.

Eu suspirei.

- Difíceis – admiti, contra minha vontade.

- É mesmo? – perguntou ela, passando os olhos pela tela do laptop. – Seu fisioterapeuta me disse que você tem se desenvolvido muito bem. Fábio, não é?

Concordei, surpresa.

- Bom, seu desempenho tem sido satisfatório para ele, então, eu não me preocuparia. – continuou ela, sorrindo, os lábios pintados de vermelho estendendo-se sobre os dentes brilhantes. – E Fábio é muito competente. Vem de uma longa geração de médicos e fisioterapeutas. Seu filho,

inclusive, está cursando medicina

- Filho? – indaguei.

- Sim – respondeu Livia. – Kauan, se não me engano.

Engoli em seco, compreendendo de repente o motivo do interesse inesperado de Kauan por mim. Seu pai, provavelmente, havia mencionado meu nome em alguns jantares familiares. A bailarina que rompera o ligamento e ficara meio louca.

- Lavínia, deite-se na cama, por favor, vou fazer um ultrassom rápido para analisar seu progresso – pediu Livia, e eu me levantei e subi na cama com dificuldade, apoiando todo o peso sobre as mãos e a perna sadia. – Então, vou tirar seus pontos.

Depois do ultrassom, Livia afirmou que tudo corria como o esperado e que eu deveria voltar

PERIGOSAS ACHERON

dali a um mês para outra consulta, a não ser que sentisse alguma dor. Eu poderia usar apenas uma das muletas, mas ainda não devia fazer força com o joelho machucado.

Meu pai me deixou à entrada do prédio da psicóloga, desejando-me uma boa sessão. Perguntei-me se algum de meus pais sequer havia ido a uma sessão de terapia na vida para darem tanta confiança ao método.

O prédio era enorme, com mais de dez andares comerciais. Havia uma fila para o elevador, mas a mocinha na recepção insistiu em me passar à frente ao ver minhas muletas. Apertei o botão do oitavo andar, checando a informação da sala em meu celular. Quando chegamos ao meu andar, não havia mais ninguém descendo. O prédio ficara repentinamente silencioso.

Vi a porta de vidro que identificava a sala

PERIGOSAS NACIONAIS

número 809 e entrei, encontrando-me em uma sala de espera com música ambiente. Havia duas poltronas azuladas, com um tapete cinza estampado ao chão e uma pequena mesa, com dois cactos e uma jarra de água. Encarei o teto, procurando uma caixa de som pela qual a música poderia estar saindo. Então, a porta branca se abriu, e duas mulheres saíram de lá. Uma delas tinha os olhos inchados e o rosto gordo e vermelho, parecendo ter se debulhado em lágrimas por toda a hora de sessão. A outra, que presumi e torci para que fosse a psicóloga, parecia contida, mas carinhosa enquanto se despedia da mulher. Ela tinha cabelos muito crespos e volumosos, com as pontas pintadas de ruivo. Usava um terninho azul-escuro e saltos finos pretos. Pensei que ela se parecia com minha mãe, quando ia a alguma de suas audiências.

Quando a mulher em prantos desapareceu,

PERIGOSAS ACHERON

ela se virou para mim.

- Lavínia? – perguntou, e eu confirmei. – Sou Bárbara. É um prazer finalmente conhecê-la. Entre. Precisa de ajuda?

Receosa, balancei a cabeça e me levantei, seguindo-a para dentro da sala. O interior combinava com o exterior, em tons de cinza e azul. Havia também um divã preto e uma poltrona estampada. Escolhi a poltrona e me sentei, apoiando as muletas na parede.

Bárbara se sentou na poltrona de frente para a minha, sorrindo.

- Então, Lavínia – começou ela, cruzando as pernas. – O que a traz aqui?

Suspirei, revirando os olhos internamente.

- Bem, você conversou com minha mãe – respondi.

- Sim, mas eu gostaria de ouvir de você.

Respirei fundo, jogando os cabelos para trás. Presumi que poderia apenas ser honesta.

- Sinceramente, estou aqui porque meus pais acham que estou deprimida – esclareci. – Então, será que você poderia só, sei lá, me dar um antidepressivo e acabar com isso?

Bárbara assentiu, parecendo pensativa.

- Você está deprimida? – perguntou ela, finalmente.

Bufei.

- Acho que é o seu trabalho descobrir.

- Não sou vidente, Lavínia – retrucou ela, séria, mas ainda gentil. – Por que acha que seus pais acham que você está deprimida?

- Sou bailarina – expliquei e então apontei para o meu joelho. – Como pode ver, houve um

PERIGOSAS NACIONAIS

acidente e agora não posso dançar.

- Então você acha que está deprimida?

- Eu... – murmurei, mas acabei me interrompendo no meio da frase.

Eu não me considerava deprimida. Com certeza, passava por um momento complicado em minha vida. Com certeza, já estivera melhor. Apenas não compreendia como discutir o assunto me faria melhorar. Então, permaneci em silêncio.

- Você não precisa falar, Lavínia – informou Bárbara. – Mas realmente ajudaria. Ajudaria nós duas.

Eu a encarei por algum tempo, engolindo em seco.

- Não estou deprimida – respondi. – Ainda.

Ela assentiu e fez um gesto com as mãos, indicando para que eu continuasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sempre dancei – declarei. – Nunca não pude dançar. É o que sempre fiz e o que sempre amei fazer. E, então, de repente, não posso mais. Vou perder um tempo valioso para minha carreira e meu desempenho. E, talvez, nem volte a ser o que era.

Suspirei, impedindo-me de continuar, pois sentia as lágrimas se aproximando e não queria chorar.

- Só acho injusto, sabe. Sou jovem. Isso não devia acontecer. E, agora que aconteceu, não sei o que fazer – continuei, finalmente, em voz baixa. – Mas, não, não estou deprimida ainda. Só acho que, se viesse a ficar, não seria sem motivos.

Bárbara assentiu, observando-me com atenção, e eu me senti exposta diante de seus olhos analisadores. Ergui uma barreira defensiva, esperando que ela tentasse me convencer de que

PERIGOSAS ACHERON

não era tão ruim assim, de que tudo acontecia por uma razão.

- O que você está sentindo é completamente compreensível, Lavínia – comentou ela então, para minha surpresa. – É muito triste o que aconteceu com você. E não é justo. Sua tristeza é justificada.

- Às vezes, acho que me enganei o tempo todo – admiti antes que pudesse segurar as palavras. – Achei que seria meu destino ser bailarina e, se me esforçasse o suficiente, tudo daria certo. Mas então...

- Você não me parece o tipo de garota que acredita em destino, Lavínia – interrompeu ela, sorrindo.

Eu suspirei. Nunca havia acreditado em destino mesmo. Mas, de certa forma, acreditava em algum tipo de chamado. Uma vocação tão forte que

seria impossível negar.

- Não sei se acredito – argumentei.

Bárbara continuou me observando. Ela não era o que eu esperava que fosse. Era sincera e direta, sem devaneios poéticos ou abstratos. Imaginei que tentaria explicar toda a minha vida com uma filosofia positiva e esperançosa. Eu acreditava no poder do otimismo, mas não conseguia negar a existência de momentos sombrios. Ela parecia compreender isso. E, mesmo que não compreendesse, parecia não querer me convencer do contrário.

- Mas então? – Bárbara me encorajou a continuar.

Suspirei novamente.

- Então tudo mudou – murmurei. – Tive que fazer a cirurgia e não posso mais dançar.

- A médica disse que você não voltaria a dançar?

- Bem, não – respondi. – Ela disse que a maioria das pessoas tem recuperação total. Mas, talvez, eu não possa voltar a usar a ponta.

- Então você pode dançar. Apenas terá que fazer uma pausa.

Respirei fundo, começando a me frustrar.

- Sim, mas uma pausa pode mudar tudo – expliquei, tentando ser paciente como ela estava sendo. – Eu deveria estar treinando para as competições deste ano. Os melhores conseguem bolsas de estudo na França e na Rússia e, agora, não poderei sequer tentar. E meu condicionamento físico será prejudicado. Vou voltar a dançar daqui a um ano, mas terei regredido muito. Perderei meu lugar como bailarina mais promissora da classe. Sempre terei essa lesão como marcante em minha

carreira.

Minha respiração estava acelerada, o coração batendo forte. Tentei recuperar o fôlego e guardar as lágrimas.

- Quantos anos você tem, Lavínia? – perguntou Bárbara.

- Dezenove – respondi, sabendo o que ela diria em seguida.

- Você é tão jovem – disse ela. – Tem muito tempo pela frente.

Desviei os olhos dela, mordendo o lábio inferior com força. Todos diziam que eu era muito jovem, mas isso não importava para mim. Eu podia ser jovem, mas minha vida se resumia ao balé desde os meus seis anos de idade. Sempre soube meus sonhos, minhas metas, meus objetivos. A ideia de que eu ainda tinha muito tempo pela frente era apenas uma desculpa para que eu não me

PERIGOSAS ACHERON

esforçasse mais.

- Você parece que não gostou do que eu disse, não é? — comentou Bárbara e eu a encarei novamente. Ela sorria. — Ninguém gosta de ouvir isso. Mas me deixe explicar. Não digo que você é jovem e não deve se preocupar com o futuro. Não acho que sua idade determina suas metas ou seu esforço. Você sabe o que quer e corre atrás disso e é realmente impressionante. Mas é importante manter em mente que só porque as coisas não acontecem da maneira como planejamos, não quer dizer que elas *não vão* acontecer. Você ainda poderá fazer todas essas coisas. Agradeça por ser jovem, pois tem tempo e a chance de recomeçar. Aproveite que é jovem, pois pode ter uma recuperação total e se tornar ainda melhor do que já era. Se não existe um destino, devemos esperar interrupções no caminho. Elas não nos impedem de

chegar. Apenas nos fazem pegar outra estrada.

Fitei seus olhos escuros, tentando compreender. Sabia que suas palavras faziam sentido, mas a noção de tempo perdido ainda me consumia. Mesmo assim, tinha que admitir que ela diminuía o peso em meu peito por um segundo.

- Certo – murmurei. – Acho que entendo.

- Ótimo – respondeu ela. – Isso leva tempo, Lavínia. Da mesma forma que você exercita o corpo para se recuperar, tem que exercitar a mente para mantê-la bem.

Quando não voltei a falar, Bárbara abriu outro sorriso e descruzou as pernas, ficando em pé.

- Acho que podemos terminar por aqui – disse ela, e eu me levantei, aliviada. – Não acho que você esteja deprimida, Lavínia. Só precisa descobrir o resto de si mesma. As outras partes que compõem Lavínia Deschamps, além do balé.

PERIGOSAS NACIONAIS

A ideia de que eu poderia desconhecer partes de mim mesma era realmente assustadora, mas assenti. Caminhei até a porta e Bárbara me deu um abraço rápido, pousando a mão em meu braço.

- Espero que volte na semana que vem, Lavínia – aconselhou ela.

- Até mais – murmurei e comecei a me afastar.

- Ah, Lavínia – chamou ela, e eu me virei para encará-la. De novo, Bárbara parecia esconder um sorriso nos lábios. – Só para você saber. Psicólogos não podem receitar medicamento. Essa parte fica com os psiquiatras.

Então, ela piscou com um dos olhos e fechou a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

- Só mais um pouco, Lavínia, segure – pediu Fábio, os olhos indo do relógio no pulso para o meu joelho. – Ótimo. Pode soltar.

Abaixei com força o joelho lesionado, soltando a respiração e secando o suor na testa com as costas da mão. Estávamos no fim da sessão, e este era o último exercício. Eu havia realizado exercícios novos na última semana, com pesos. Podia sentir a força voltando aos meus músculos, mas, mesmo assim, ainda doía.

- Melhorou muito, Lavínia – comentou Fábio, soltando o peso de minha coxa. – Você está em um ritmo ótimo.

- De quantas sessões ainda preciso? – perguntei, ansiosa.

Fábio levantou os olhos para o meu rosto e sorriu.

- Você é impaciente – disse ele, caminhando até sua mesa e fazendo anotações em minha ficha. – E está indo muito bem, Lavínia. Mas ainda temos um longo caminho pela frente.

Suspirei, frustrada. Esperava que conseguisse me desenvolver mais rápido do que a médica havia previsto e então retornar ao estúdio.

- Assine aqui – pediu Fábio, estendendo a ficha, e eu escrevi meu nome. – Você vai estar de volta aos palcos logo, Lavínia, não se preocupe.

- Certo – assenti, segurando a mão de Fábio para descer da cama. – Obrigada, Fábio. Até amanhã.

Fábio abriu a porta para que eu saísse e dei de cara com Kauan, que parecia prestes a entrar na sala. Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso. Pela

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez, vestia algo mais arrumado do que a calça jeans e a camisa lisa. Ele parecia pronto para algum evento, com uma camisa social e sapatos chiques. Seu cabelo estava penteado para trás com algum tipo de pomada.

- Ah, oi – cumprimentou ele, desviando os olhos de mim para seu pai. – Desculpe, achei que você não tinha mais sessões hoje.

- Ela é a última – explicou Fábio. – Lavínia, este é Kauan, meu filho.

- Oi de novo – respondi.

Fábio ergueu as sobrancelhas.

- Vocês se conhecem? – perguntou.

- Nos conhecemos do corredor. – explicou Kauan, sorrindo. – E da sala de espera.

- Certo. – confirmei, sorrindo de volta.

- Ótimo – declarou Fábio. – Kauan, por que

PERIGOSAS NACIONAIS

não faz companhia para Lavínia na sala de espera enquanto eu me troco? Já o encontro para irmos.

Kauan assentiu e me ofereceu um braço, mas eu recusei. Caminhamos juntos até a sala de espera e eu me sentei no único lugar livre, enquanto ele ficou em pé. Encarei-o meio envergonhada por algum motivo. Rapidamente, mandei uma mensagem para minha mãe, avisando que já terminara. Então, voltei a encará-lo.

- Festa? – perguntei, tentando criar assunto.

- Ah, não – ele respondeu, olhando para as próprias roupas. – Quem me dera.

- O que então? – perguntei, sem pensar se estaria me intrometendo demais.

Ele suspirou, colocando as duas mãos nos bolsos. Então, ergueu as sobrancelhas.

- É pessoal – respondeu ele, sério.

PERIGOSAS ACHERON

- Ah, tudo bem – murmurei, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, as bochechas queimando. – Desculpe, não queria...

Então, para minha surpresa, Kauan riu.

- É pessoal – continuou. – Mas não me importo de contar. É um enterro.

Arregalei os olhos, sem saber o que dizer. Sentia-me completamente invasiva.

- Sinto muito – respondi. – Não devia mesmo ter perguntado.

Ele riu e, quando a moça ao meu lado se levantou, ele se sentou, aproximando-se. Não parecia mesmo incomodado ou triste sequer.

- Relaxe, está tudo bem – garantiu ele. – É minha mãe, mas ela não é realmente minha mãe. Me abandonou quando ainda era pequeno.

Engoli em seco, encarando-o. Kauan

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia tranquilo discutindo sua vida pessoal e traumas de infância com alguém que mal conhecia, mas eu me sentia indiscreta, como se soubesse de algo que não deveria saber.

- Não precisa me contar – falei. – Sério. Nem nos conhecemos.

Ele riu e passou uma mão pelos cabelos.

- É verdade – concordou ele. – Então, quer sair algum dia e a gente pode se conhecer melhor?

Eu o encarei com as sobrancelhas erguidas. Se não estava enganada, ele acabara de me convidar para um encontro. O garoto bonito e de rosto anguloso que frequentava uma faculdade havia arrumado uma maneira de passar do assunto “enterro” para o assunto “encontro” em apenas alguns segundos.

Ele tossiu, parecendo, finalmente, um pouco desconfortável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Certo – ele soltou uma risada nervosa. – Essa foi mesmo péssima. Estávamos falando da minha mãe morta e então eu a chamei para sair. Desculpe.

Finalmente, eu ri.

- Não, tudo bem – respondi, tentando, de fato, relaxar. – Pode ser.

Kauan ergueu as sobrancelhas.

- Mesmo? – perguntou.

- Bom, desde que seu pai não tenha algum problema com você saindo com uma das suas pacientes – brinquei.

- Não tem problema algum – ouvi a voz de Fábio atrás de mim e me virei, envergonhada. Ele parecia estar se divertindo, um sorriso pendendo de seus lábios.

- Ótimo, pai – murmurou Kauan, revirando

PERIGOSAS ACHERON

os olhos e me encarou de novo. – Quinta que vem?

- Quinta parece bom – respondi, as bochechas ainda queimando.

Kauan sorriu e se levantou, esticando as mãos para me ajudar. Apoiei-me nele e então segurei a muleta, buscando meu celular.

- Precisa de uma carona, Lavínia? – perguntou Fábio, ajeitando a pasta nos ombros.

- Não, minha mãe já está chegando – respondi. – Mas, obrigada.

- Tudo bem. Até amanhã, então.

- Até quinta – afirmou Kauan, sorrindo e piscando um dos olhos.

Eu acenei, reprimindo o sorriso em meus lábios.

Tive um total de cinco encontros em toda a
PERIGOSAS ACHERON

minha vida. Quatro deles foram com garotos da academia e acabaram antes de mesmo de começar. O quinto foi com um garoto da escola, pouco antes de me formar. A coisa toda durou por volta de quatro meses, quando eu decidi que namorar exigia tempo demais. Meu foco, é claro, sempre havia sido o balé. Entre um namorado e minha carreira, eu sempre havia escolhido a segunda opção.

Por isso mesmo, quando comentei na hora do jantar que teria um encontro na quinta, meus pais ficaram muito mais animados do que deviam. Acho que eles viam a situação como uma melhora em meu quadro depressivo, já que eu estava disposta a sair de casa e encontrar pessoas.

- Kauan? – perguntou meu pai, enfiando um garfo de lasanha na boca e falando de boca cheia. – E ele faz fisioterapia também?

- Não – expliquei. – Ele é filho do

fisioterapeuta.

- E isso é permitido?

Eu ri e minha mãe revirou os olhos.

- Ela vai sair com o filho do fisioterapeuta, André, não com o *fisioterapeuta* – explicou minha mãe.

Eu assenti, concordando com ela.

- E aonde vocês vão? – perguntou, voltando sua atenção para mim.

- Ainda não sei – admiti. – Ele disse apenas que vamos jantar.

Kauan tinha me mandado uma mensagem mais cedo. Provavelmente, seu pai tinha lhe passado o número de telefone que estava anotado em minha ficha. Imaginei que isso deveria ser ilegal, mas fiquei feliz por ele ter entrado em contato. Combinamos de jantar às oito, mas ele

tinha mantido o restaurante em segredo.

- Romântico – disse minha mãe. – Gostei dele.

- Você nem o conhece, mãe – comentei.

- Mas tenho minha intuição— respondeu ela, piscando.

Revirei meus olhos, mas escondi um sorriso. Era bom que finalmente tivéssemos voltado a conversar sobre assuntos rotineiros comuns, em vez de sobre minhas sessões na fisioterapia e consultas médicas.

Eram quase oito da noite quando recebi uma mensagem de Alícia, convidando-me para ir até sua casa. Ela explicou que queriam fazer algum tipo de comemoração antes do início da temporada de competições e Fernanda havia liberado todos das

PERIGOSAS NACIONAIS

dietas rigorosas por uma noite. Então, eles iriam pedir pizza e conversar a noite toda. Não deixei de notar que o convite havia sido feito em cima da hora. Mesmo assim, troquei de roupa rapidamente e pedi que meu pai me levasse até a sua casa.

Acabei chegando junto com o cara da pizza e Alícia se surpreendeu ao me ver.

- Lavínia! – exclamou, trocando o dinheiro em suas mãos por uma dezena de caixas de pizzas – Não achei que viesse. Mas que bom que está aqui. E chegou bem na hora!

Eu sorri, caminhando com dificuldade para encontrar a sala de estar cheia com a maior parte de meus colegas do balé. Escutei sussurros surpresos ao entrar e me perguntei o quanto da história de meu acidente a maioria ali devia saber. Vi Davi encostado em uma parede, um copo em suas mãos. Parecia igualmente surpreso ao me ver, mas abriu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um mínimo sorriso, reconhecendo minha presença.

- Pizzas lá fora, gente – ordenou Alícia, caminhando para o quintal da casa. – Se eu sujar essa sala, minha mãe acaba comigo.

A maioria das pessoas se levantou, mas algumas vieram em minha direção. Andrea, Júlio, Pedro e Camila me abraçaram, perguntando como eu me sentia. Expliquei brevemente o que havia acontecido, informando que deveria ficar longe das aulas ainda por alguns meses.

- Que droga – murmurou Camila, franzindo as sobrancelhas. – E bem na noite de estreia.

- Meu tio fez fisioterapia uma vez – comentou Pedro. – Ele disse que é horrível. Dói e os exercícios são chatos.

- Essa é uma boa forma de resumir – concordei, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles riram também, parecendo mais confortáveis com o fato de que eu ainda era capaz de me divertir. Mesmo assim, enquanto caminhávamos para o lado de fora, senti que era deixada para trás. Então, quando chegamos a uma enorme escada que levava ao quintal, engoli em seco. Eu poderia descer sentada, mas alguém teria que carregar minha muleta e a cena toda seria humilhante. Uma coisa era descer em casa, com meus pais e Davi de plateia. Aqui, eu estava em meio a um grupo de atletas e não conseguia sequer descer uma escada.

- Me deixe ajudá-la – ofereceu Davi, aparecendo por trás dos meus ombros.

Eu hesitei, encarando-o.

- Pelo amor de Deus, Vivi, é só uma escada. – Então, ele passou um braço por minha cintura, colocando o meu em cima de seus ombros,

PERIGOSAS ACHERON

apoando-me do lado machucado.

Descemos a escada lentamente, Davi me segurando de um lado e a muleta do outro, enquanto eu usava a mão livre para segurar o corrimão. Quando chegamos, todos pareciam nos observar com expressões meio incrédulas. Como se realmente não acreditassem que eu precisasse de ajuda para descer uma escada.

- Então, de que são as pizzas? – perguntei, tentando quebrar o silêncio, e todos voltaram a falar.

Acabei ficando menos de uma hora na casa de Alícia. Eu devia ter previsto que o assunto geral do grupo seria o balé e a competição local que se aproximava. Eu estava desatualizada sobre quais seriam os grupos e as coreografias. Mal sabia que uma de nossas grandes escolas competidoras não participaria. Esquecera que a competição se

PERIGOSAS NACIONAIS

adiantara um mês, naquele ano, pois o local das apresentações tinha falido e viria a fechar. Percebi que não estava mais imersa no mundo dos dançarinos e, por isso, não recebia esse tipo de informação. Eu estava do lado de fora, incapaz de voltar a entrar.

Não era exatamente como se eles estivessem me excluindo. Mas eu me sentia como a avó de alguém, infiltrada em uma festa de pessoas jovens. Até poderia tentar me enturmar, mas o assunto nunca fluiria de forma natural, pois todos estavam com medo de dizer algo errado, que me assustasse ou magoasse. Eles pareciam andar sobre ovos enquanto eu estava ali, com medo de estilhaçarem algo. Com medo de estilhaçarem *a mim*.

Assim, depois de termos saboreado as pizzas, inventei uma desculpa sobre precisar tomar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algum remédio e liguei para o meu pai, pedindo que me buscasse. Acabei dando uma enorme volta na casa para sair pela garagem, mas, pelo menos, evitei outro passeio humilhante pelas escadas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Gostaria de ter comentado com Alícia sobre meu encontro na sexta, mas não o fiz. Ela poderia me ajudar, visto que era muito mais experiente do que eu. Assim, acabei sozinha no quarto na quinta-feira, encarando uma enorme arara de roupas que pareciam não me pertencer.

A maior parte de meu armário era preenchida por roupas de ginástica ou figurinos de balé. Em algum lugar, encontrei calças e shorts jeans, e uma porção de blusas que eu quase nunca usava. Não era que eu não ligasse para roupas. Era simplesmente uma questão de praticidade e frequência. Assim, acabei escolhendo um vestido preto qualquer, no fundo do armário, apesar do vento frio. Afinal, imaginei que uma calça jeans seria imensamente desconfortável.

Minha mãe ajeitou meu cabelo em uma trança longa e meu pai me carregou até a sala de estar para que eu pudesse esperar Kauan. Os dois pareciam incrivelmente animados, como se eu nunca tivesse saído com um garoto.

- Não é meu primeiro encontro, sabe - murmurei para os dois, sentada no sofá enquanto eles me observavam da porta.

- Mas é *um* primeiro encontro – falou meu pai, piscando.

- E pode ser seu *último* primeiro encontro – exclamou minha mãe, sorrindo.

Revirei os olhos.

- Muita expectativa para um jantar – resmunguei.

A verdade é que eu estava nervosa. Fazia algum tempo que não saía com alguém e me

parecia difícil me lembrar de como agir. Eu sequer sabia se queria que isso continuasse. Perguntei-me se eu realmente precisava me envolver com alguém agora e acabei sem conclusão alguma.

Ouvi a campainha tocar e pulei do sofá, ajeitando o cabelo. Meu pai riu e foi abrir a porta, enquanto minha mãe estendia a mão para me ajudar a levantar. Kauan estava no batente da porta conversando com meu pai quando eu e minha mãe nos aproximamos.

- Ele é lindo! – sussurrou minha mãe em meu ouvido.

- Shh, mãe! – sussurrei de volta, reprimindo um sorriso.

Mas ele estava mesmo lindo. Não usava as roupas arrumadas do dia do enterro, mas estava com uma calça jeans escura, camisa preta e um casaco azulado por cima. Parecia confiante como

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre, sem qualquer traço de nervosismo por conhecer meus pais antes mesmo de nos conhecermos direito. Seu cabelo estava espetado, como se precisasse de corte. Percebi que ele o havia arrumado assim de propósito.

- Oi – exclamou Kauan, sorrindo.

- Oi – respondi, abrindo um sorriso também.

Minha mãe tossiu, ajeitando meu vestido por trás.

- Não voltem muito tarde – pediu ela.

Revirei os olhos, acenando enquanto andávamos em direção ao carro. Reconheci o modelo de Fábio que havia visto muitas vezes no estacionamento da clínica, um Honda Civic prateado. Kauan abriu a porta do passageiro para mim, segurando minha muleta enquanto eu me esforçava para sentar no carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Seu pai sempre te empresta o carro? – perguntei quando ele se sentou também, depois de fechar minha porta com cuidado.

Ele sorriu pra mim, ligando o carro.

- Fico mais com ele do que meu pai – explicou – já que ele está quase sempre na clínica.

- Deve ser legal ter um carro – comentei, tentando continuar o assunto.

- É bem legal – ele alargou o sorriso, encarando o sinal vermelho. – Principalmente para impressionar no primeiro encontro.

Eu o encarei.

- Quem disse que estou impressionada? – provoquei, as sobrancelhas erguidas.

- Então você é das difíceis? Vou ter que me esforçar – arriscou. – Até o fim da noite te impressiono, garanto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntei-me se alguma garota realmente se impressionava fácil, com um carro emprestado do pai. Mesmo assim, fiquei interessada em ver suas tentativas.

- Veremos – respondi.

Chegamos ao restaurante apenas alguns minutos depois. Assim que estacionamos, olhei ao redor em busca de um lugar iluminado, mas não havia nenhum. Avistei apenas uma pequena porta arredondada entre os prédios, circundada de pequenas luzes brilhantes que piscavam como as das árvores de Natal.

- É aqui? – perguntei, incerta.

- Sim – respondeu ele, abrindo a porta do carro e me ajudando a sair, enquanto eu me apoiava com força no banco. – Uma amiga me falou do lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Assenti, preventivamente olhando ao redor em busca de lugares mais movimentados. Era uma rua residencial, com apenas pequenos pontos iluminados que eram as janelas dos apartamentos e casas.

Kauan abriu a porta do restaurante com um empurrão, revelando um hall de entrada pequeno, mas aconchegante. Um tapete aveludado vermelho escondia o chão de madeira, e um enorme espelho adornado de dourado forrava a parede. Dei um passo para deixar que a porta se fechasse e me encontrei de frente para uma enorme escada, íngreme e estreita. Prendi a respiração.

- Algo errado? – perguntou Kauan, encarando-me com a mão estendida.

Suspirei, impaciente que ele não tivesse notado que seria impossível que eu conseguisse subir a escada e irritada comigo mesma por não

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir algo tão simples. Escadas estavam se tornando minha grande sina. Estiquei o pescoço, buscando por um elevador.

- Você está vendo algum elevador? – perguntei.

Ele deu um tapa na própria testa, franzindo as sobrancelhas.

- Desculpe, Lavínia – murmurou ele, caminhando até mim e pegando minhas mãos. – Nem pensei nisso.

Dei de ombros, tentando não dar muita atenção ao problema.

- Tudo bem – respondi. – Podemos ir a outro lugar.

Ele me encarou por um momento, parecendo decepcionado. Então, suspirou, esboçando um sorriso, e se aproximou. Eu ergui as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobrancelhas, confusa, e ele esticou os braços, passando um rapidamente por baixo de meus joelhos, enquanto o outro segurava com força minha cintura.

- O que... – murmurei, surpresa, quando ele me ergueu nos braços. – Kauan, você não pode me carregar.

- Por que não? – perguntou ele, ainda sorrindo e se aproximando dos primeiros degraus.

- Vamos cair – suspirei, encarando a escada íngreme e pensando que logo estaríamos no chão e eu voltaria ao hospital com mais um membro quebrado.

- Relaxe, Lavínia – respondeu ele despreocupado. - Você não confia em mim?

Revirei meus olhos, mas apertei meus braços ao redor de seu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, ele começou a subir as escadas, enquanto eu me agarrava nervosa ao seu corpo magro. Senti uma sensação ruim de impotência me atingindo, mas, então, meus olhos se encontraram com os de Kauan e vi que ele não fazia aquilo por pena ou por me subestimar. Era um ato de cuidado, para que meu incompetente joelho não me impedisse de continuar vivendo. Talvez porque ele não me conhecesse antes da lesão, não esperava que me comportasse como antes. Eu podia ser quem era agora, sem sentir que devia agir como alguém que já não existia.

- Tudo bem? – perguntou ele, quando finalmente chegamos ao topo da escada sem grandes acidentes.

- Sim. Tudo bem – respondi e percebi que era verdade.

Encontramos uma mesa no canto no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

restaurante, próximo a uma janela. Apesar de arrumado, o lugar era descontraído, com pequenos cactos enfeitando as mesas, luzes pendendo do teto e música atual. As mesas e cadeiras eram de madeira clara, forradas por almofadas estampadas.

O garçom se aproximou, oferecendo os cardápios e pegando nossos pedidos de bebida.

- Vou querer uma coca – pediu Kauan, prontamente. – E Lavínia vai querer uma água, certo? Ou suco?

Ergui as sobrancelhas. Eu havia sido obcecada com coca-cola até os meus treze anos, quando minha alimentação começou a ser mais controlada e direcionada. Percebi que, agora, não havia mais propósito em me limitar.

- Na verdade, quero uma coca também – respondi, e foi a vez de Kauan erguer as sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

Quando o garçom se afastou, ele voltou a me encarar.

- Achei que vocês, bailarinos, teriam uma dieta mais restrita – explicou ele.

- Bom, eu não sou exatamente uma bailarina ativa no momento – falei com certa rispidez.

Kauan esticou sua mão por cima da mesa, pegando a minha, os dedos gelados se comparados aos meus, sempre quentes.

- Você tem razão – admitiu ele, suspirando.
– Desculpe. Só estou dando mancada.

Suspirei, tentando me acalmar. Percebi que ele estava nervoso assim como eu.

- Não, tudo bem – murmurei. – Na verdade, adorei o lugar.

- Minha amiga me indicou – disse ele,

esfregando a testa. – E eu já disse isso. Desculpe.

Não pude deixar de rir da expressão de puro desespero em seu rosto e apertei suas mãos.

- Bom, se a comida for tão boa quanto o lugar, estamos feitos – murmurei, puxando o cardápio para perto de mim.

Passei os olhos pelas páginas plastificadas, buscando algo que me parecesse familiar, mas percebi que não reconhecia nenhum dos pratos ou ingredientes. Então, notei que não havia sequer uma refeição com carne. Ou ovos. Ou derivados de leite.

- É um restaurante vegano?

- Não – respondeu Kauan, arregalando os olhos e pegando o cardápio de minhas mãos. – Bom, não era pra ser...

Eu ri, Kauan suspirando com força

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto vagava os olhos pelo menu de pratos desconhecidos.

- Droga, droga, droga...

- Ei, tudo bem – respondi, dando de ombros. – Sempre quis provar um, ah, goulash? Goulash de cogumelos?

Ele finalmente riu, largando o cardápio e abaixando a voz quando o garçom se aproximou com as bebidas.

- Podemos procurar outro lugar – sugeriu ele.

Balancei a cabeça. Imaginei que não poderia ser tão ruim.

- Não, tudo bem – murmurei de volta. – Podemos experimentar algo diferente.

Assim, acabamos pedindo um goulash de cogumelos e um risoto de beterraba ao garçom,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas um pouco relutantes. Eu sabia que a maioria dos veganos comia muito bem e era, inclusive, muito saudável. Por algum motivo, porém, eu nunca tinha sequer experimentado algo tipicamente vegetariano ou vegano. Quando tinha apenas sete anos, meu pai entrou em uma fase de explorar o veganismo, mas eu não fiz parte da exploração, uma vez que minha mãe temia que eu não recebesse a quantidade necessária de nutrientes.

Mesmo assim, quando os pratos chegaram, apenas alguns minutos depois, encarei-os curiosamente. No meu, a fumaça saía dos cogumelos fumegantes e, no de Kauan, tudo era roxo. Ele torceu o nariz enquanto levava, com medo, uma garfada de risoto à boca.

Meu goulash, descobri, não tinha um gosto tão exótico assim. Era bem temperado, os cogumelos com uma textura gostosa. Ergui as

PERIGOSAS ACHERON

sobrancelhas, esperando a reação de Kauan. Ele franziu as sobrancelhas, dando de ombros.

- Não é terrível – falou, finalmente. Então, suspirou. - Certo, é bem gostoso. Na verdade, é delicioso. Meu Deus, quero me tornar vegetariano agora mesmo.

Eu ri e continuei comendo, apreciando a sensação de estar experimentando algo inovador. Um prato diferente em um restaurante desconhecido com alguém novo. Por um curto momento, o peso da falta que sentia da Lavínia antes do acidente aliviou-se em meu peito.

Kauan era muito bom em criar assuntos. Se a conversa terminasse e o silêncio começasse a se instalar, ele já me bombardeava com uma onda de novas perguntas ou histórias um tanto fantasiosas sobre sua vida. Apesar do ritmo constante da conversa, fiquei feliz ao ver seu interesse genuíno

em minhas palavras, como se escutasse todas elas com atenção, buscando absorver ao máximo. Ele parecia querer saber tudo que fosse possível sobre mim nas horas em que ficaríamos juntos, e isso, percebi, estendia-se para muito além do balé.

Kauan escutava curiosamente, enquanto eu discursava sobre meu desejo de aprender a falar mandarim, sobre espetáculos que queria dançar, sobre as comidas que queria experimentar. Até os assuntos mais mínimos, como meu interesse por história universal, pareciam incríveis para ele. Ele mesmo tinha interesses peculiares, como uma obsessão infundada por beisebol. E, é claro, Kauan havia encontrado um momento para desenvolver o assunto sobre sua família, que tínhamos começado na clínica.

- Não há realmente uma história - murmurou ele, segurando o copo de coca com

PERIGOSAS NACIONAIS

força. - Meus pais se casaram muito jovens, pois minha mãe engravidou. Eles se conheciam há apenas alguns meses, mas se amavam.

- E não deu certo? - perguntei, curiosa.

- Eles não tiveram tempo para fazer dar certo - admitiu. - Minha mãe não estava pronta para ser mãe ou esposa. Ela queria sair, conhecer lugares e pessoas e, bem, eu a impedia. Então, um dia, apenas se foi, deixando meu pai com uma carta explicando seus motivos e um bebê gordo no berço.

- Sinto muito - respondi, sem saber o que dizer.

Kauan sorriu.

- Não se preocupe - disse ele, parecendo sincero. - Meu pai é um ótimo pai. Não sinto falta dela.

- Bem, seria compreensível se sentisse. Às

PERIGOSAS ACHERON

vezes, sentimos falta de coisas que nunca tivemos - falei. - Como ela morreu?

- Ela estava doente - suspirou. - Câncer. Nós sabíamos há alguns meses, mas eu não quis visitá-la. Eu não a conhecia, sabe?

Assenti, apertando sua mão. Ele ergueu os olhos e franziu os lábios.

- Às vezes, gostaria de tê-la conhecido.

Antes que eu pudesse consolá-lo, Kauan já havia mudado de assunto. Compreendendo seu desejo de não se estender mais sobre sua história familiar, mergulhamos em uma discussão sobre a Patagônia, depois de ele afirmar que não havia melhor lugar no mundo do que Nova York. Afirmei que era uma pessoa que preferia atividades ao ar livre, enquanto ele decidiu que gostava mais de paisagens construídas pelo homem. Ele gostava da estabilidade, do conforto das tecnologias e dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meios de transporte. Eu admitia que gostava do conforto, mas lagos e florestas me encantavam muito mais do que edifícios enormes e monumentos históricos.

- Então, por que nunca foi? - perguntou ele, curioso.

- Bem, acho que nunca tive muito tempo para viajar - respondi. - Sempre priorizei a dança.

E era verdade. Eu e minha família conhecíamos poucos lugares, apesar de meu pai ter viajado bastante quando mais novo, buscando fazer cursos de culinária.

- Bem, agora você pode começar a planejar.

- Talvez - sorri.

E imaginei que realmente poderia. Pela primeira vez na vida, poderia dedicar meu tempo a algo diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então, todos os seus amigos são bailarinos? - ele perguntou, finalmente, após uma longa discussão sobre gêneros musicais questionáveis, em que ele defendeu vigorosamente o sertanejo, e eu, o rap. - Deve ser cansativo, não?

Ergui as sobrancelhas.

- Por que seria? - perguntei.

- Bom, isso significa que sua vida inteira gira em torno do balé - respondeu ele, bebendo um gole de sua coca-cola, quase no fim. - Nos ensaios, festas, até em casa.

Dei de ombros.

- Minha vida inteira *girava* em torno do balé - corrigi. - E, sinceramente, era ótimo. E sobre meus amigos, acho que eles também não viam problema algum.

- Bom, mas e agora? - perguntou ele,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inclinando-se para frente, os olhos gigantes e escuros me encarando. - Agora sua vida não envolve mais balé.

Mordi o lábio, encarando minhas pernas debaixo da mesa do restaurante. Eu sabia exatamente o que Kauan estava dizendo: se eu não tinha mais o balé, será que ainda tinha algo em comum com meus amigos?

- Agora, não sei. Eles não têm mesmo falado muito comigo - admiti, suspirando. - Sinceramente, não sei.

Senti seus dedos nos meus, a pressão de sua mão apertando de leve a minha, reconfortante. Quando o encarei, ele sorria seu sorriso fácil, como se nada no mundo pudesse tirá-lo dali.

- Tenho certeza de que vai descobrir, Lavínia.

PERIGOSAS ACHERON

Era quase meia noite quando Kauan estacionou à frente de minha casa. As luzes estavam apagadas, mas eu sabia que minha mãe estaria acordada, ainda me esperando. O resto da rua estava silenciosa, apenas as luzes do farol do Honda Civic de Kauan e dos postes iluminando o asfalto. Virei para encará-lo no banco à medida que ele desligava o carro e nós ficamos sentados na escuridão.

Quando ele também se virou para mim, senti o coração acelerando-se com a expectativa. Kauan sorriu, suspirando.

- Lavínia - disse ele, em uma única respiração, como se estivesse cansado. - Você é uma pessoa incrível. Eu tive uma ótima noite.

- Eu também - admiti. Realmente, eu não esperava me divertir tanto. - Bem, boa noite.

Ele assentiu, esfregando as mãos. Apressei-
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me para sair do carro, abrindo a porta com força. Kauan correu para fora do carro, a fim de chegar ao meu lado, estendendo a mão para me ajudar a sair. Demorei um segundo para me equilibrar, ainda sem a muleta, com apenas o pé esquerdo no chão. Segurei os braços de Kauan, percebendo sua proximidade. Ele sorria, os olhos brilhando, e suas mãos deslizaram para minha cintura, minhas costas apoiadas no carro.

Quando seus braços se estreitaram ao meu redor e seus lábios encontraram os meus, senti-me não fraca, mas protegida e completa. Permiti-me não estar em controle, permiti-me ser defeituosa e imperfeita. Permiti-me delegar as responsabilidades e me entregar a ele, sem preocupações sobre o futuro e as consequências. Pela primeira vez desde o acidente, senti-me novamente como eu mesma, ainda que completamente diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Vi a tela de meu celular brilhando na mesa de cabeceira e o peguei com receio. Como havia imaginado, era mais uma mensagem de Davi, acompanhado de outra mais nervosa de Alícia e até uma de Júlio, perguntando se eu gostaria de conversar. Júlio sabia que eu costumava recorrer a ele por conselhos quando estava brigada com Alícia e Davi. Mas eu não estava propriamente brigada com nenhum deles e não precisava de conselhos. Bloqueei a tela do celular, esperando que as mensagens desaparecessem.

Eu não sabia ao certo porque estava ignorando meus melhores amigos. Só sabia que não queria estourar a bolha de tranquilidade que havia se instalado desde que começara a conversar com Kauan.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais pareciam preocupados com a situação. Antes, Alícia, Davi e Júlio eram presenças frequentes em minha casa. Quase todas as noites, voltávamos juntos para minha casa ou para a casa de Davi. Às vezes, se não estivesse trabalhando até tarde, meu pai cozinhava pratos interessantes para nós, e servíamos de cobaias para seus experimentos culinários. Enquanto isso, na casa de Davi, surpreendentemente, nenhuma de suas mães sabia cozinhar. Assim, elas nos incentivavam a pedir diversos sabores de pizza, hambúrgueres e comida japonesa, sem se preocupar em manter uma alimentação saudável. Os dias em que lá nos encontrávamos eram os dias de folga, os dias especiais em que nos libertávamos do rigor atlético e nos permitíamos comer e fazer o que quiséssemos.

Assim, apesar de saber que algo deveria

PERIGOSAS ACHERON

estar errado, meus pais não faziam perguntas demais. Minha expressão se fechava com a menção do nome de cada um de meus amigos e isso parecia ser explicação o suficiente.

Além do mais, ignorá-los tinha se tornado mais fácil com a presença de Kauan em minha vida. Se sentia falta de Davi, poderia ligar para Kauan. Se quisesse sair com Alícia, poderia me encontrar com Kauan na clínica. Assim, quando eu estava no final de mais uma sessão de terapia e Fábio me avisou, com um sorriso divertido, que Kauan estava esperando por mim na recepção, senti o estômago se revirando, alegre.

Quando o encontrei, ele estava sentado em uma cadeira do canto, a perna direita dobrada sobre o joelho, as sobrancelhas franzidas e os olhos concentrados em um livro grosso. Aproximei-me devagar, observando-o, até que me sentei ao seu

lado e ele levantou o rosto. Seus lábios se abriram em um enorme sorriso, e eu suspirei, aliviada por não termos que passar pela estranheza frequente após os primeiros encontros.

- Olá - falei, sorrindo.

- Oi – respondeu ele no mesmo tom.

Curvei o corpo em sua direção, buscando ver seu livro mais de perto.

- O que está lendo?

Ele suspirou, fechando o livro para que eu pudesse ler o título.

- Cardiologia pediátrica - li, surpresa. - Uau. Um aluno dedicado.

Ele esfregou a nuca, parecendo cansado e constrangido, mas, ao mesmo tempo, empolgado.

- Tenho uma prova na semana que vem, das difíceis - declarou, então, acrescentou: - É um

assunto fascinante.

Encarei-o com cuidado, enquanto ele marcava a página e fechava o livro, finalmente, voltando-se para mim.

- Então é a área que quer seguir? - perguntei, curiosa.

Kauan assentiu, um sorriso pendendo do canto de seus lábios.

- Acho que sim.

E, por um momento, imaginei-o em um consultório chique, a pele bronzeada contrastando com o jaleco branco, os cabelos desarrumados parecendo fora de lugar, em meio aos móveis recém-comprados e os instrumentos profissionais. Vi-o sorrindo para bebês e crianças, os olhos enormes cuidadosos e divertidos.

Então, sorri, também.

- Tenho certeza de que vai ser incrível.

Kauan assentiu e puxou uma de minhas mãos para segurá-las em seu colo. Seus dedos acariciavam com cuidado os meus, as pontas geladas passando pela palma e pelo pulso. Então, ele olhou ao redor e apontou para uma mulher jovem, de olhos muito azuis, usando um batom vermelho que destacava seus lábios. Kauan se aproximou para sussurrar em meu ouvido:

- Ela é casada, mas não está satisfeita com o casamento - começou ele, e eu o encarei, confusa.

- Perdeu os pais recentemente e tem medo de abandonar o marido e acabar sozinha.

- Do que você está falando? - perguntei, franzindo as sobrancelhas. - Você a conhece?

Kauan riu.

- Não - ponderou. - Quando fico esperando meu pai, gosto de imaginar a vida das pessoas que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vêm aqui.

Eu encarei a mulher novamente, vasculhando seu rosto distraído, como se ele pudesse me dar alguma dica de quem ela era.

- E por que ela está aqui? - murmurei para ele.

Kauan apontou para o pulso dela e eu enxerguei um imobilizador preto.

- Quebrou o pulso, é claro - respondeu ele, sorrindo. - Fazendo pilates.

Eu ri.

- Tenho quase certeza de que isso não é possível.

Ele deu de ombros.

- Não importa - exclamou. - Tente você.

Suspirei e olhei ao redor, buscando alguém que me parecesse interessante. Encontrei um

PERIGOSAS ACHERON

homem mais velho de olhos entediados focados na tela brilhante do celular. Ele usava calças jeans surradas e uma camisa polo em um tom de branco meio amarelado. Os cabelos eram ralos e ele tinha uma péssima postura, as costas curvadas na cadeira.

- Ele não é paciente - comecei, e Kauan se aproximou para escutar. - Sua neta caiu de bicicleta e quebrou o pé, ela é a paciente. Os pais da garota trabalham demais e ele é aposentado, por isso, fica responsável por buscá-la na fisioterapia. Obviamente, é um daqueles velhos viciados no Facebook, onde compartilha todas as piadas idiotas e levemente preconceituosas.

Kauan riu, escondendo o rosto em meu pescoço. Senti sua respiração quente na base de meu ouvido e me aproximei.

- Você é boa - comentou ele.

Eu assenti, orgulhosa, procurando minha

próxima história.

- Ela – murmurei quando coloquei os olhos sobre uma mulher idosa, cochilando. - Ela é muito feliz. Machucou as pernas quando caiu, depois de tentar alcançar algo em uma prateleira alta demais. O marido não estava por perto no momento e, depois, ele a repreendeu por não ter pedido ajuda. Ela está esperando que ele venha lhe buscar, como faz todos os dias, pontualmente. Estão juntos há cinquenta anos e não conseguem viver um sem o outro.

Kauan sorriu, encarando-me com intensidade.

- Sua vez - retruquei, as bochechas quentes.

Ele olhou ao redor, devagar, então, para minha surpresa, seus olhos pararam sobre mim e ele apertou minha mão em seu colo.

- Ela era bailarina - começou ele e eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suspirei. - Seu sonho era ter uma carreira extensa, com muitos espetáculos. Até que um acidente a impediu de continuar a dançar e, por algum tempo, ela acreditou que sua luz tivesse se apagado.

- Kauan - murmurei, envergonhada, mas ele continuou.

- Mas isso não era verdade, pois ela ainda é a garota mais impressionante do mundo - afirmou ele. - Ela pode ter o mundo nas mãos. E eu, um garoto de uma faculdade qualquer, tive a sorte grande de conhecê-la e sair com ela. E ela só se provou ainda mais maravilhosa do que eu havia previsto. Apesar de um primeiro encontro sensacional, a única dúvida que me resta é se ela gostaria de continuar saindo comigo.

Eu o encarei, divertida, e revirei os olhos. Kauan tentava conter um sorriso envergonhado enquanto acariciava o topo de minhas mãos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperando com expectativa.

- Ela gostaria - respondi, por fim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

O relógio na parede tinha um estilo retrô, as bordas de madeira escura, os ponteiros pretos adornados por flores, os números romanos. Seu marrom-escuro contrastava com o tom cinza da parede clara, parecendo deslocado. Pensei que parecia uma péssima escolha de decoração, pois não combinava com nada mais no consultório. Até a mesa do lado esquerdo era branca, enquanto o divã era preto de couro, e minha poltrona, estampada com formas geométricas. O consultório todo parecia descombinado, agora que observava atentamente, mas aquele relógio, em especial, chamava minha atenção não unicamente por seu estilo peculiar, mas pela velocidade reduzida com que seus ponteiros se mexiam.

- Lavínia?

Movi meus olhos para Bárbara. Ela estava posicionada logo abaixo do relógio, então, era muito fácil me distrair. Esta semana o tempo havia esquentado, trazendo uma onda de calor completamente inesperada, o que fez com que minha terapeuta abandonasse seus típicos terninhos e os substituísse por vestidos leves, ainda que ajustados ao corpo.

- Sim? - respondi.

Ela sorriu.

- Você está muito distraída com o relógio - apontou ela. - Entendo que algumas pessoas ficam ansiosas para o fim da terapia, mas hoje você parece especialmente aflita.

Suspirei. Nas últimas semanas, eu havia conseguido preencher minhas sessões de terapia com baboseiras insignificantes sobre minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

infância e assuntos aleatórios, como minha dieta de atleta. Tinha certeza de que Bárbara havia percebido, mas ela não parecia ter se importado. Agora, porém, eu parecia ter esgotado minha cota de assuntos inúteis.

- Não é isso - menti. - Só pensei que seria algo que as mães de meu amigo colocariam em sua casa. Elas adoram coisas antigas.

Essa parte não era mentira. As mães de Davi realmente eram obcecadas com artefatos antigos. Sua casa parecia vinda diretamente da Europa Vitoriana, com enormes candelabros, cadeiras e mesas adornadas e cortinas estampadas. Davi costumava fugir para minha casa, quando suas mães voltavam de vendas de garagem e leilões com o carro cheio de novos artigos de decoração.

Mas não era por isso que eu estava encarando o relógio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, sim - murmurou Bárbara. - Que amigo é este?

Suspirei, percebendo que minha desculpa, provavelmente, não tinha sido das melhores. Eu não tinha vontade alguma de discutir sobre Davi ou qualquer um de meus amigos.

- Ele se chama Davi - respondi, rapidamente. - Mas ele não gosta de coisas antigas, só suas mães. Elas costumam ir a todos os leilões, a todas as vendas de garagem, viajam por todo o país. Minha mãe até foi com elas algumas vezes, mas é preciso muita disposição.

- Certo. Imagino - continuou Bárbara. - Então você e Davi são amigos há algum tempo?

Apenas assenti.

- Como se conheceram? - insistiu ela.

- Ele também faz balé na Academia -

PERIGOSAS ACHERON

respondi simplesmente.

- Ah, então, vocês são bem próximos?

Desviei os olhos de Bárbara, encarando o pedaço de céu azul que aparecia na fresta da janela ao lado direito do consultório. Apesar de ficar bem no meio da cidade, era um lugar muito silencioso.

- Éramos bem próximos - murmurei.

Quando voltei a encarar a terapeuta, ela havia repousado as mãos sobre os joelhos, olhando-me com gentileza, como se esperasse que eu continuasse.

- Vocês *eram* bem próximos? - incentivou ela.

Travei o maxilar, respirando fundo.

- É, bem, não temos nos falado muito - respondi. Realmente, desde a festa de Alícia, Davi e eu não havíamos trocado uma palavra sequer, o

PERIGOSAS NACIONAIS

que não me surpreendia, afinal, não terminamos nossa última conversa nos melhores termos. - Não temos sobre o que falar.

- Sobre o que vocês conversavam antes do acidente?

- Sobre balé - respondi, ríspidamente. - E este não é bem meu assunto favorito no momento.

- Entendo - disse ela, anotando algo em sua prancheta, o que me deixou imediatamente apreensiva. — Então, vocês não podem conversar sobre outras coisas?

- Não há outras coisas.

Ela ergueu as sobrancelhas.

- Ele não sabe falar de outras coisas? Filmes, livros, política?

- Não - respondi rapidamente. - Não, claro que sabe. É só que...

PERIGOSAS ACHERON

Bárbara suspirou, inclinando-se na poltrona para apoiar os cotovelos sobre os joelhos.

- Talvez você não saiba falar de outras coisas.

Encarei-a, surpresa e revirei os olhos.

- Claro que sei.

- Bem, então qual o problema?

Levantei-me de repente, frustrada, caminhando até a janela, para que Bárbara não visse as lágrimas de raiva que se formavam em meus olhos. Cruzei os braços, encarando o mundo exterior, o céu tão azul e claro que chegava a me cegar.

- Não quero falar sobre outra coisa - respondi, engolindo em seco. - Mas não posso mais falar sobre balé. Não sou mais uma bailarina. Não sei o que está acontecendo na Academia. *Não* quero

saber, pois não estarei incluída. Não quero ser a pessoa do lado de fora escutando sobre todas as coisas incríveis que os bailarinos estão fazendo.

Suspirei novamente, voltando à minha poltrona e afundando na almofada.

- Não sei ser amiga dos meus amigos bailarinos sem ser eu mesma uma bailarina - sussurrei. - E não sei se quero. Talvez eu devesse fazer amizade com alguém da clínica de fisioterapia.

Bárbara levou alguns minutos para me responder. Ela estendeu as mãos para me entregar uma caixa de lenços e, então, encarou-me até que eu estivesse mais contida. Quando começou a falar, sua voz era suave, cada palavra contendo uma quantidade inacreditável de paciência.

- Lavínia, você era amiga de todas as pessoas da Academia? - perguntou ela, finalmente.

Franzi as sobancelhas, sem entender aonde ela queria chegar. Pensei em Natália e em algumas pessoas de minha sala de balé com as quais nunca realmente tive alguma conexão.

- Não.

- Certo - disse ela, sorrindo. - Pois há muito mais na criação de uma amizade além de interesses em comum. Se suas amizades fossem baseadas inteiramente no balé, você poderia ser amiga de qualquer bailarino no mundo. Seria muito fácil, não é? Mas, bem, não é assim. Somos amigas de pessoas com características que nos agradam, com personalidades que completam as nossas, com valores que se alinham aos nossos.

Pensei em Davi, com sua calma interminável e o bom humor constante; em Alícia, com sua loucura por aventuras e festas, o desprezo pelas regras; em Júlio, que sempre buscava

enxergar o lado positivo de qualquer situação. Percebi que meu amor por meus amigos não provinha do fato de eles serem bailarinos. Eu os teria escolhido mesmo se não tivessem nada a ver com a dança.

Ainda assim, eu só os conhecia como bailarinos.

- Mas eles não se sentem mais confortáveis comigo - murmurei.

- Acho que você não se sente mais confortável consigo mesma, Lavínia - destacou ela, gentilmente.

Bem, isso é óbvio, pensei. Já fazia quase dois meses desde meu acidente e eu ainda encarava com estranheza minha perna enfaixada, o joelho dolorido, travado. Ainda me surpreendia, todos os dias, quando ia me levantar e perdia o equilíbrio por alguns segundos. Eu já não precisava mais das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muletas, mas meus passos eram lentos, exclusivamente em linhas retas.

- Acho que chegamos ao fim de nosso horário - suspirou Bárbara. - Mas vou lhe dar uma tarefa para essa semana. Converse com um de seus amigos. Convide-o para um passeio ou, simplesmente, envie-lhe uma mensagem. Você escolhe. Mas dê o primeiro passo para aceitar essa nova fase de suas amizades. Tenho certeza de que vai valer à pena.

Determinada a seguir o conselho de Bárbara, pela primeira vez desde o início da terapia, pedi que meu pai me deixasse à frente da casa de Davi. Ele morava em uma enorme casa de colunas e um extenso jardim preenchido de flores coloridas que faziam jus à obsessão de suas mães por espaços bem decorados. Éramos praticamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vizinhos: ele morava na esquina de um grande quarteirão, e eu morava na esquina oposta.

Caminhei lentamente até o enorme portão de barras acinzentadas, sentindo os olhos de meu pai em minhas costas, pronto para me ajudar caso eu precisasse de ajuda. Mesmo que a médica tivesse me liberado para andar sem muletas, ele parecia com medo de que eu perdesse a força ou o equilíbrio e acabasse caindo. Não importava quantas vezes eu garantisse a ele que estava bem, meu pai não deixava de me observar caminhando com um cuidado excessivo.

Toquei o interfone, jogando um olhar rápido a ele, ainda dentro do carro e sussurrando *vá embora*, silenciosamente. Ele revirou os olhos, mas ligou o carro e se foi em alguns segundos.

- Alô? - a voz de Davi fez meu coração perder uma batida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sou eu, Lavínia - respondi.

Escutei sua pausa silenciosa do outro lado do interfone, até que ele suspirou.

- Claro - murmurou. - Entre, Vivi.

Com um clique, o portão se abriu e eu manquei para dentro, pulando de um pé só para subir um pequeno lance de escadas, a mão direita apoiada no corrimão. De dentro da casa, Davi veio correndo, oferecendo-me sua mão.

- Você poderia ter esperado ajuda - replicou, exasperado.

- Estou bem - respondi, dispensando sua mão. - Desenvolvi algumas estratégias.

Ele revirou os olhos.

- Se alguém fosse desenvolver estratégias para não precisar de ajuda, seria você.

Eu sorri e ele me guiou para dentro da casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre achei que o interior da casa de Davi tivesse um leve cheiro de mofo e papel queimado, mas acho que era um truque psicológico, pelo enorme número de objetos de aparência velha. Eu não era o tipo de pessoa que se preocupava com decoração, mas, se fosse, tinha certeza de que preferiria um estilo mais moderno.

Antes do acidente, costumávamos subir ao quarto de Davi, um enorme cômodo no segundo andar, com caixas de som e TV. Ambos sabíamos, porém, que eu seria incapaz de subir as escadas circulares, apesar de meu claro desenvolvimento no quesito “escadas”. Assim, caminhamos até a sala de estar, cercada de grandes janelas com cortinas aveludadas, dois sofás e uma mesa forrada de vasos de flores. Desviei os olhos quando avistei meu reflexo em um espelho antigo na parede.

Acomodei-me no sofá de almofadas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forradas de cetim bege e encarei Davi, do outro lado do cômodo, ainda em pé. Ele parecia aflito, os braços cruzados com força sobre o peito. Usava roupas de ginástica, como sempre. Imaginei que, provavelmente, teria acabado de sair da Academia. Lá fora, começava a escurecer.

- Como estão os ensaios? - perguntei em voz baixa.

- Estão bem - respondeu ele rapidamente. - Por que você está aqui, Lavínia?

Dei de ombros.

- Queria conversar.

- Não conversamos há um mês – apontou ele. – E, todas as vezes em que tentei fazer contato, você me ignorou.

Assenti, envergonhada.

- Me sinto péssima - afirmei. - Não sei...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não sei como ser sua amiga, de nenhum de vocês, desse jeito. Sinto que vocês esperam que eu seja a mesma pessoa de antes, mas não sou. E não consigo mais ser.

Levantei os olhos para encará-lo e vi seu rosto se suavizar. Então, ele suspirou e caminhou até mim, sentando-se ao meu lado no sofá, as almofadas afundando.

- Bem, isso foi profundo - zombou ele, um sorriso pendendo de seus lábios. - Com certeza, você não é a mesma.

Revirei os olhos e o empurrei com os ombros, feliz por termos conseguido fazer a atmosfera pesada de esvair.

- Idiota - murmurei e ele pegou minha mão.

- Está tudo bem, Vivi - garantiu ele, os olhos brilhando. - Gostamos de você mesmo com apenas uma perna funcional.

PERIGOSAS ACHERON

Achei que não estaria preparada para fazer piadas sobre meu acidente, mas, involuntariamente, soltei uma risada curta.

- Ei, eu consigo caminhar – defendi-me, apontando para meu joelho ainda enfaixado.

- Fascinante - concordou, uma falsa expressão de surpresa estampada no rosto.

Ouvi o som familiar do toque de meu celular nos interrompendo e o busquei dentro da bolsa. Na tela, o rosto de Kauan apareceu. Antes que pudesse evitar, Davi observou a tela brilhante, franzindo as sobrancelhas.

- Quem é Kauan? - questionou, parecendo ofendido.

Revirei os olhos novamente e me levantei, equilibrando-me por um momento, antes de caminhar para a cozinha, deixando Davi para trás. Apoiei-me na bancada de granito brilhante, a única

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parte com toques modernos de toda a casa.

- Alô? - atendi, o coração acelerado.

Desde nosso primeiro encontro, Kauan e eu estávamos conversando com frequência. Tínhamos saído mais duas vezes, além dos momentos em que nos encontramos na clínica de fisioterapia. Eu ainda me sentia flutuando, como se não pudesse ser real, mas os questionamentos constantes vindos de meus pais eram prova de que, realmente, eu estava saindo em encontros com um garoto da faculdade.

- Ei - ouvi sua voz do outro lado da linha, rouca. - Como você está?

- Bem - respondi, sorrindo. - E você?

- Saindo da aula - murmurou ele, parecendo distraído com o mundo exterior. - Ei, a que horas é sua sessão amanhã?

Pensei por um momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Às duas - falei por fim. - Por que?

- Porque minha aula da tarde foi cancelada e eu quero levá-la para tomar um sorvete - respondeu, parecendo orgulhoso de si.

Se possível, meu sorriso se alargou.

- Combinado.

- Até amanhã, então, Lavínia.

- Tchau, Kauan.

Cliquei no botão vermelho, para desligar e suspirei, ainda apoiada na bancada fria, os olhos fechados.

- “*Tchau, Kauan*” - ouvi a voz aguda de Davi no batente da porta e abri os olhos. Ele parecia se divertir muito com o rubor em minhas bochechas. - Meu Deus, você está apaixonada.

Caminhei até ele, puxando a bolsa para os ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Cale a boca - ordenei, mas não neguei.

Ele me ofereceu o braço para me levar até a porta e eu aceitei.

- Alícia vai surtar quando souber.

- Não conte! - apressei-me a dizer. - Não é nada sério. Ainda.

Davi revirou os olhos, enquanto descíamos as escadas, para chegar ao portão, onde ele o segurou aberto para que eu pudesse passar. Então, puxou-me para um abraço, as mãos pressionando minhas costas enquanto eu passava os braços por seu pescoço. Encarei o céu escuro, a luz do poste da rua me cegando. Um vento fresco serpenteou entre nós, balançando meu vestido. Quando Davi me soltou, ele sorria.

- Fico feliz que tenha vindo - disse ele.

Suspirei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu também - respondi com sinceridade. -
Eu também.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

No dia seguinte, meu grupo de mensagens com Alícia, Davi, Pedro e Júlio já estava novamente ativo. Desde que o clima de tensão havia sido instalado na festa de Alicia, o grupo parecia morto, um silêncio preenchido por piadas ocasionais enviadas por Júlio, às quais ninguém respondia. Imaginei que eles teriam encontrado um jeito de se comunicar sem a minha influência, mas, agora, tudo parecia estar voltando ao normal. Ou algo parecido.

Eu digitava animada quando Kauan entrou na clínica, onde eu o esperava sentado em uma das já familiares cadeiras almofadadas, acostumando-me com o constante cheiro de hortelã. Finalmente, as decorações natalinas começavam a ser retiradas

PERIGOSAS NACIONAIS

e colocadas de volta em suas enormes caixas de papelão, para serem guardadas no depósito até que dezembro voltasse. Apesar de gostar do Natal, estava feliz que a época de comemorações estava, oficialmente, acabada. As paredes limpas e desgastadas, livre de enfeites, representavam normalidade. Normalidade da qual eu precisava para encontrar novamente um ritmo de vida. Pelo menos, era isso que Bárbara costumava dizer.

Levantei-me rapidamente ao vê-lo, apoiando-me no braço de plástico da cadeira. Calça jeans, camisa lisa, tênis surrados e a mochila azul. Era assim que ele sempre aparentava, como da primeira vez que o vi. Por algum motivo, eu não conseguia ficar enjoada.

Kauan segurou minha mão, puxando-me de leve para depositar um beijo em minha bochecha. Ele sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pronta? - perguntou.

- Claro - respondi, acenando para Lana, a recepcionista, enquanto nos movíamos para a saída.

Senti meu celular vibrando no bolso e soltei a mão de Kauan por um momento para responder Alícia. A coisa toda durou menos de um minuto, mas, quando voltei os olhos para Kauan, ele me encarava com estranheza.

- Alícia? - indagou ele, parecendo confuso.

- Achei que vocês não estivessem conversando.

Dei de ombros, entrelaçando minhas mãos com seu braço livre.

- Bem, agora estamos - respondi apenas.

Observei Kauan erguer as sobrancelhas pelo canto dos olhos, mas permaneci em silêncio enquanto caminhávamos até a sorveteria. Apesar de estarmos nos aproximando do fim do verão, o céu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permanecia em uma constante coloração de azul anil, sem sinal de nuvens. Eu sempre havia preferido o inverno, pelas roupas quentes e o vento fresco, mas também pela sensação de aquecimento que me acompanhava nos ensaios de balé. Bastavam quarenta minutos de aula para que eu me sentisse renovada, aquecida e viva, como se jamais tivesse me sentido diferente. Nos verões, por outro lado, a ineficácia dos ventiladores na Academia sempre me frustrava.

Este ano, porém, não poderia levar em conta este fator. Assim, comecei a pensar que o verão poderia bem se tornar minha estação favorita. Os dias mais claros, as roupas mais leves, o alívio de uma brisa, do sorvete gelado, da piscina. Enquanto eu sabia que muitas pessoas diziam se sentir mais preguiçosas no verão, percebi que eu me sentia mais animada. Mas poderia ser apenas

PERIGOSAS ACHERON

toda a energia acumulada.

De qualquer forma, ainda sentia essa energia atravessando meu corpo quando chegamos à sorveteria. Como não costumava vir a esse lado da cidade, nunca tinha vindo à Gellato, mas, assim como grande parte das pessoas, já tinha ouvido falar. Os sorvetes eram caseiros e reconhecidos na região, depois de o sorvete de amora ter sido premiado em alguma competição não muito conhecida. Mesmo assim, havia sido o suficiente para atrair novos clientes. Kauan ficara revoltado quando contei que nunca havia experimentado o sorvete de lá.

- Está preparada? - perguntou ele, puxando-me pelas mãos para nos sentarmos em uma das mesas livres, no canto da sorveteria. O lugar era todo dourado e prata, com enormes bolas coloridas pendendo do teto. - Não, você não está.

Revirei os olhos para sua expressão animada, os olhos gigantes encarando-me com expectativa. Suas bochechas pareciam maiores assim, e ele ficava com uma aparência de garoto, especialmente com os cabelos bagunçados. Estiquei as mãos para tocá-los de leve.

- Estou, sim.

Ele apertou minha mão.

- Vou servir os melhores pra você - disse ele e, então, correu em direção às máquinas de sorvetes, onde uma pequena fila havia se formado.

Quando voltou, trazia consigo dois potes amarelos. No dele, vi um tom de verde, um de rosa e um de marrom. No meu, roxo, verde, branco e o mesmo marrom.

- Certo - disse ele, agitado, sentando-se ao meu lado e apontando para os sorvetes. - O roxo é o de amora, claro. Superestimado, se você quer saber

PERIGOSAS ACHERON

minha opinião, mas você não poderia ficar sem provar. O verde é meu favorito, de pistache. O branco também é ótimo, de coco. E, por último, não podia faltar o de chocolate. Experimente.

Ri de sua expressão animada enquanto ele me encarava, concentrado. Provei o de amora primeiro, sentindo o gosto na ponta da língua e demorando mais do que o normal apenas para provocá-lo.

- Bom – concordei, finalmente, passando a língua pelos lábios doces. - Mas, com certeza, superestimado.

Ele comemorou com as mãos e eu ri.

- Esta é a minha garota - disse, voltando a me encarar, e eu o encarei de volta, o coração ardendo, as bochechas quentes. Quando não respondi, ele pareceu confuso: - O que foi?

Balancei a cabeça, pegando a colher para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provar o próximo sabor, tentando não demonstrar que suas palavras haviam me afetado.

- Nada - respondi apenas, colocando a colher cheia de sorvete na boca.

Depois de provar todos os sabores, resolvi que o de coco era, na verdade, o favorito. O de pistache era delicioso, mas amargo no final. Kauan discutiu comigo por alguns minutos, mas concluiu que era melhor eu preferir o de coco ao de amora.

- Não conseguiria namorar alguém que preferisse o de amora. - admitiu ele, dramaticamente, mas eu não estava mais prestando atenção na discussão. Em vez disso, ergui as sobrancelhas e o encarei, o rosto esquentando novamente.

- Namorar? - perguntei.

Ele abaixou os olhos, parecendo envergonhado, mas eu o encarei, surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos saindo, há mais ou menos um mês, e tudo tinha sido mais incrível do que eu poderia imaginar até então. Depois de nosso encontro no restaurante vegano, Kauan havia me levado a um enorme jardim botânico na saída da cidade. Passamos o dia caminhando entre as árvores, parando para descansar em bancos de madeira quando meu joelho se cansava. No início, senti-me envergonhada por ter que parar com tanta frequência. Mas, então, ele mesmo começou a sugerir os intervalos, como se para evitar meu constrangimento. Dizia que estava fora de forma e precisava parar para respirar. Dizia que admirava minha força.

Então, na semana seguinte, ele me levou a um show de uma banda da cidade. Eu havia comentado que queria conhecer mais a música local e ele, rapidamente, encontrou uma forma de me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levar. No fim das contas, a música era horrível. Uma mistura de rap, música clássica e metal muito confusa. Estava chovendo quando saímos, rindo, Kauan implorando desculpas eternamente por ter me obrigado a escutar aquele som horrível por duas horas. Esperamos a chuva passar, mas, depois de um tempo, resolvemos correr até o carro, estacionado a alguns quarteirões da casa de shows. Visto que eu não conseguia, realmente, correr, acabamos chegando ensopados ao carro, e Kauan me beijou antes que pudéssemos entrar, afinal, já estávamos molhados mesmo.

A verdade era que havia tempos eu não me sentia tão bem, como se *estivesse* tudo bem. Não me sentia defeituosa, pois não precisava provar nada. Não parecia que nos conhecíamos há pouco tempo. Na verdade, não conseguia me lembrar de como era antes de conhecê-lo. Davi não havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exagerado: eu estava, de fato, apaixonada, para a surpresa de todos, inclusive, a minha.

Mas sempre tinha imaginado que Kauan seria o tipo de garoto que gostaria de levar tudo de forma natural, devagar. Por isso, quando ele mencionou um namoro, não pude evitar questioná-lo, especialmente porque o assunto não havia sido discutido.

Finalmente, ele suspirou.

- Se você quiser, é claro - disse ele, suavemente. - Sei que nunca conversamos sobre isso, mas pensei...

- Pensou o que? - insisti.

Kauan suspirou, novamente, passando as mãos pelo cabelo.

- Pensei que... - ele bufou de repente, colocando as mãos sobre a mesa e levantando os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos para mim. Surpreendi-me com a intensidade neles e franzi as sobrancelhas. - Não. Não, você está certa. Eu devia fazer isso do jeito certo.

Confusa, apenas o encarei. Mas ele correu para pagar os sorvetes antes que eu pudesse questioná-lo e, quando voltou, agarrou minha mão, puxando-me com delicadeza para segui-lo.

- Ah, onde vamos? - indaguei enquanto andávamos rapidamente pela calçada, serpenteando entre a multidão de pessoas, o sol queimando forte sobre nossas cabeças.

Finalmente, chegamos em frente a uma floricultura, onde Kauan pediu que eu esperasse. Escondi-me do sol sobre a marquise de uma farmácia lotada, olhando ao redor, um pouco perdida. Meu vestido havia começado a grudar em minhas costas, ensopadas de suor. Meu cabelo já não estava tão arrumado, e eu o preendi em um

PERIGOSAS ACHERON

coque rápido, abanando a parte de trás de meu pescoço. Estava começando a ficar irritada quando Kauan voltou, segurando um gigante buquê de rosas coloridas.

Novamente, ele agarrou minha mão e continuamos a atravessar as calçadas lotadas. Quando alcançamos uma enorme loja de departamentos, ele nos fez parar, caminhando determinado até um dos funcionários que berrava as promoções da loja em um pequeno microfone, sua voz preenchendo as ruas em uma caixa de som surpreendentemente pequena. Para minha surpresa, após alguns segundos de conversa, o funcionário entregou o microfone para Kauan.

- Hã. Testando? - começou ele e eu franzi as sobrancelhas, ainda confusa. - Certo. Lavínia, chegue aqui perto.

Com meu nome ecoando pela rua, não tive

opção senão me mexer.

- O que você está fazendo? - perguntei em voz baixa, mas minha proximidade com o microfone fez com que um pequeno eco ocorresse. Por algum motivo, meu coração batia com força, como se pudesse prever o que estava por vir.

- Lavínia Deschamps - disse Kauan em alto e bom som e, finalmente, algumas pessoas desaceleraram para olhar, parecendo tão confusas quanto eu. - Lavínia. Não a conheço há muito tempo, é verdade. Mas o último mês tem sido incrível e sei que é por sua causa. Você é a garota mais fantástica que já conheci. Você é talentosa, divertida e muito forte. E, ah, você também é maravilhosa. Meu Deus, você é a coisa mais linda que já vi.

Pela terceira vez no dia, senti minhas bochechas esquentando e soube que elas deviam

PERIGOSAS NACIONAIS

estar vermelhas. Meu corpo todo, na verdade, parecia pegar fogo, o coração disparado e as mãos incapazes de se manter quietas. Mas eu só conseguia manter meus olhos em Kauan. Queria que ele continuasse ainda que estivesse morrendo de vergonha. O gesto todo era um exagero, as flores em suas mãos completando o constrangimento. Mas ninguém nunca havia feito algo tão grandioso para mim.

- E, ah, o que mais? Tenho vontade de te ver a todo momento. Quero conversar com você e te beijar e te levar para todos os lugares do mundo - ele continuou, as pessoas na rua parando para observar. - Obviamente, isso não foi planejado. Mas acho que as melhores coisas não são. O que quero saber é: Lavínia, você quer namorar comigo?

Arregalei os olhos e suspirei, ainda surpresa. Ele me entregou o enorme buquê,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encarando-me com expectativa, um sorriso incerto pendendo de seus lábios. Senti a pressão dos olhares das pessoas na calçada e ouvi alguém gritar “diga sim!”. Mas, realmente, como eu poderia dizer não?

- É claro - respondi, sorrindo e puxando Kauan pelo pescoço, o que foi o bastante para que as pessoas comesçassem a aplaudir. Ouvi assobios, gritos de incentivo e a comemoração do funcionário da loja, que havia pegado o microfone de volta e usava nossa cena para atrair mais clientes.

Eu me sentia leve. Poderia flutuar. Nada, além de nós, parecia importar. Tudo estava realmente bem.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Alícia colocou as mãos sobre a barriga, curvando-se de tanto rir.

- Não, não, espere. É *sério*? - perguntou ela, os olhos arregalados e o rosto vermelho. - Você está namorando? Para valer?

Revirei os olhos, empurrando-a com o ombro.

- Sim, Alícia - confirmei pela décima vez.

Por algum motivo, Alícia não conseguia acreditar. Talvez porque ela me conhecesse há tanto tempo e soubesse que minha prioridade nunca havia sido namorar. Na verdade, eu sempre havia criticado garotas que tinham namoros duradouros e sérios enquanto ainda eram muito novas. Sempre me pareceu uma perda de tempo, um desperdício de

PERIGOSAS ACHERON

energia que poderia ser gasta em investimentos mais úteis para o futuro. Alícia, que já estava com Júlio há quase um ano, era uma das únicas exceções a essa regra, afinal, Júlio também era bailarino. Ele compreendia bem as horas intermináveis de ensaio e o foco nas competições.

- Inacreditável - comentou ela, encostando-se na parede. - Realmente inacreditável. Quero conhecê-lo.

Revirei os olhos novamente e me ajeitei no chão da sala. Eram quase nove da noite e Alicia, Davi e Júlio haviam passado em minha casa para me ver quando saíram do estúdio. Estávamos todos sentados no chão da sala de TV, as pernas esticadas sob da mesa de vidro. A cena toda tinha uma atmosfera de normalidade, mesmo que, em um cenário normal, eu estaria usando roupas de ginástica, como eles, os cabelos presos e o corpo

suado. Em vez disso, eu já estava de pijama, o cabelo molhado e cheiroso.

- Deixe-a em paz, Alícia - pediu Davi, então me encarou com um olhar provocativo. - Não vai durar mesmo. Vivi é muito focada.

- Vocês são insuportáveis - gemi.

- Somos - concordou Júlio, balançando a cabeça. - Como você o conheceu?

- O pai dele é meu fisioterapeuta - respondi, apenas um pouco envergonhada. - No conhecemos na clínica.

- E então ele a chamou para sair? - indagou Alícia. - Não é estranho com o pai dele?

Dei de ombros.

- Fábio é legal - respondi, sinceramente.

Era verdade que, agora, ele havia começado a me provocar por causa de Kauan. Mesmo assim,

era mais constrangedor para Kauan do que para mim.

- E Kauê vai à inauguração de seu pai? - perguntou Davi, parecendo realmente curioso, visto que meus amigos também tinham sido convidados.

- *Kauan* - corrigi e Alícia soltou uma risada. - Sim. Bem, eu o convidei.

- Ótimo. Vamos ver se ele está preparado para namorar Lavínia - exclamou Davi, um sorriso estampado em seu rosto, e Júlio e Alícia riram.

- Certo, chega - afirmei, sorrindo contra minha vontade. - Hora de mudar de assunto. Como estão as aulas?

Davi pareceu me encarar antes de responder, como se checasse se estava realmente bem conversar sobre balé. Quando permaneci em silêncio, esperando, ele suspirou, o sorriso morrendo em seus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Começamos a escolher o espetáculo do fim do ano - declarou ele. - Fernanda está em dúvida entre Romeu e Julieta, Quebra-Nozes e...

- O Lago dos Cisnes - sussurrei, e Davi assentiu.

- Vamos votar em Romeu e Julieta. - Alícia apressou-se a dizer.

Balancei a cabeça, sentindo um buraco se abrir em meu coração. Há anos eu sonhava em dançar O Lago dos Cisnes. Não era à toa que o espetáculo era um dos mais famosos do mundo: as coreografias eram perfeitas e, a história, emocionante. Eu havia assistido ao espetáculo da Academia quando ainda era mais nova e me apaixonado desde então. Sabia que queria ser a Princesa Odette e sabia que Fernanda conseguiria dar um toque original à produção toda, especialmente à coreografia.

PERIGOSAS ACHERON

E agora eu não estaria lá para participar.

- Acho que a maioria ainda prefere dançar Romeu e Julieta - disse Alícia, amargamente. - Mas Natália e sua turma...

Revirei os olhos.

- Ela quer ser Odette - resmunguei.

- Sim - disse Davi. - E sabe que será mais fácil conseguir o papel agora, sem você para competir com ela.

Suspirei, franzindo as sobrancelhas. Mais uma vez, desejei poder voltar no tempo e não dar aquele último salto. Desejei ter pedido mais intervalos e feito mais alongamentos. Desejei ter tido a sorte de não precisar fazer uma cirurgia. Mas, ainda assim, independente do quanto desejasse, sabia que não poderia voltar atrás. Sabia que não poderia mudar nada. De alguma forma, eu sempre acabaria aqui: o joelho direito esticado sob a mesa,
PERIGOSAS ACHERON

a mobilidade limitada. Os remédios para dor ainda guardados nos armários baixos de fácil acesso. As muletas encostadas na parede do quarto. As roupas de balé escondidas no fundo do armário, como ficariam ainda por um longo tempo.

- Ótimo. Boa sorte para ela - respondi, sem poder evitar o tom ríspido de minha voz. - Alguma outra novidade?

Davi, Alícia e Júlio trocaram um olhar apreensivo, mas então Júlio soltou uma risada.

- Alícia caiu de bunda no meio do seu *grand jeté*.

- *Não* foi isso que aconteceu - reclamou Alícia, mas ela também estava sorrindo, encarando-me com os olhos brilhantes. - Certo, você sabe que fico nervosa quando minha mãe vai assistir aos ensaios? Então, é claro que...

Aconcheguei-me no chão, as costas
PERIGOSAS ACHERON

apoiadas na base do sofá. Então, suspirei, permitindo-me escutar a história de Alícia e concentrando-me em esquecer qualquer pensamento menos agradável.

No domingo seguinte, meu pai ficou o dia todo fora, organizando os preparativos para a inauguração do restaurante que seria no próximo sábado. Minha mãe e eu, buscando aproveitar nossos poucos momentos sozinhas, decidimos fazer um dia de beleza. Assim, testamos diversas máscaras caseiras de hidratação para o cabelo e pele, colocamos uma playlist de músicas relaxantes e fizemos as unhas. Como não conseguia mover o joelho, minha mãe se ofereceu para pintar meus dedos do pé. Tínhamos ficado em dúvida entre um tom escuro de azul e nude. Eu sabia que a maioria das pessoas não costumava usar esmaltes coloridos

nas unhas dos pés, mas, antes do acidente, eu não me importava em pintá-las. Agora, porém, queria algo diferente que pudesse se destacar. Assim, acabei escolhendo o azul.

Enquanto minha mãe limpava o pincel, meu celular tocou. Com as unhas das mãos ainda molhadas, apenas olhei a tela brilhante para ver quem era. O rosto de Kauan apareceu e, inexplicavelmente, meu coração deu um salto. Ainda assim, cliquei no botão vermelho para desligar e voltei a atenção para minha mãe.

- Quem era? - perguntou ela, erguendo os olhos de meus pés por um segundo.

- Kauan - respondi, simplesmente e observei sua reação.

Minha mãe era jovem, eu sabia. Mas em seus shorts de ginástica, com uma enorme blusa da faculdade, os pés descalços e os cabelos presos, ela

poderia ser minha irmã. Mesmo com os raios de luz do fim de tarde criando sombras em seu rosto, a pele permanecia impecável, e as olheiras, inexistentes. Quando mencionei Kauan, os lábios se separaram, como se estivesse pensativa.

- E não vai atender?

- Ligo pra ele mais tarde.

Ela suspirou.

- Então... - começou ela, ainda focada em minhas unhas. - Você realmente gosta dele?

Franzi as sobrancelhas, encarando o topo de sua cabeça.

- Sim - respondi firmemente. - Por que?

Ela terminou de passar o esmalte e fechou o frasco, buscando algodão e acetona para limpar os cantos manchados.

- Nada, só queria saber - murmurou minha

mãe. - É que aconteceu tão rápido.

Um mês era, sim, pouco tempo. Sabia o que minha mãe queria dizer. Mas eu nunca havia tido tanta certeza e, se ele também se sentia da mesma forma, por que esperar?

- Sim, bem... eu gosto dele. E ele gosta de mim.

Ela assentiu, levantando a cabeça para abrir um sorriso.

- Sim, querida, eu sei - concordou. - E não estou questionando. Mas o quão bem você acha que o conhece?

Cruzei as mãos sobre a barriga e refleti por alguns segundos. Eu sabia que o conhecia; sabia que não tinha conhecido a mãe, mas se dava bem com o pai. Sabia que gostava de sorvete e MPB. Sabia que queria ser cardiologista quando entrou à faculdade, mas, agora, pensava em ser pediatra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar de não serem muitos fatos, sabia o que era importante: ele era gentil. Kauan se importava comigo e parecia querer me fazer feliz. Ele não me via como uma bailarina em recuperação; para ele, eu era apenas Lavínia, como ele sempre havia conhecido. E, pra mim, isso bastava.

- Acho que conheço o suficiente para querer estar com ele - respondi, firmemente.

Minha mãe assentiu novamente e suspirou, guardando o algodão, a acetona e os esmaltes e sentando-se no sofá ao meu lado.

- Então tudo bem - disse ela. - Mal posso esperar para conhecê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

No dia da inauguração, meu pai não conseguia parar quieto. Apesar de o evento só começar às oito da noite, ele já estava marchando pela casa em seu terno quando o relógio marcou seis horas. Mesmo com o fim do horário de verão, a noite permanecia quente, e eu sabia que meu pai estaria com a camisa ensopada quando chegasse ao restaurante. Assim, fui até seu quarto, onde minha mãe me entregou uma camiseta limpa de mangas curtas.

- Diga para ele ficar com ela até a hora de sairmos - pediu ela, abotoando as tiras de sua sandália preta.

Observei-a no espelho, os cabelos de cachos naturais presos em um enorme rabo de cavalo, os fios rebeldes penteados para trás com

gel. Ela usava um vestido vinho justo, com mangas até os cotovelos. Apenas o rosto se destoava, ainda sem um pingo de maquiagem. Não que ela precisasse.

Atravessei o corredor em busca de meu pai e o encontrei ao lado da enorme janela no segundo andar, um vento forte bagunçando seus poucos fios de cabelo.

- Ah, oi, Lala - murmurou ele, os olhos grudados no celular. - Está quente, não é?

Assenti, entregando-lhe a camisa.

- Mamãe falou para você colocar esta até a hora de sair.

Ele suspirou.

- Sua mãe é uma mulher esperta - murmurou, caminhando até o banheiro para se trocar. Antes de fechar a porta, virou-se novamente

para mim. - Seu namorado ainda vem buscá-la?

Revirei os olhos. Meu pai não se cansava de brincar com Kauan, fingindo esquecer seu nome e chamando-o apenas de “seu namorado”.

- Sim, pai - respondi, entrando em meu quarto.

Sentei-me na beirada da cama, encontrando meu celular, e enviei uma mensagem para Kauan, avisando-lhe que deveria me buscar às 19h30. Meus pais saíam antes para receber os convidados e garantir que tudo estava em seu lugar.

Assim, entrei no banheiro para me arrumar, escutando o som da porta da frente batendo, meus pais gritando um rápido aviso de que estavam saindo. Quando terminei o banho, já abrindo o armário em busca de minhas roupas, vi que o vestido e as sandálias estavam pendurados em cabides na porta. Minha mãe, como sempre, havia

PERIGOSAS NACIONAIS

se lembrado de deixar tudo pronto. Era graças a ela que meus figurinos de balé estavam sempre impecáveis: ela os levava para lavar e passar em uma lavanderia de confiança, deixando-os sempre pendurados e longe de umidade para que estivessem perfeitos no dia da apresentação.

Assim, passei o vestido rapidamente pela cabeça e os ombros, ajeitando o zíper na lateral. Como acessório, coloquei apenas o colar de bailarina que havia ganhado de natal, combinando-o com brincos de argola dourados. Então, sentei-me num banco, em frente ao meu enorme espelho, abrindo rapidamente a bolsa de maquiagens, usadas apenas em datas especiais, como apresentações e inaugurações de restaurantes. Apesar de meu pai garantir que não seria um evento muito chique, aventurei-me ao passar iluminador e um brilhante batom vermelho, animando-me com a possibilidade

PERIGOSAS ACHERON

de estar verdadeiramente arrumada depois de algum tempo.

Ouvi a campainha tocar e peguei rapidamente minhas sandálias e a bolsa, descendo as escadas o mais rápido que conseguia. Quando abri a porta, lá estava Kauan, o rosto sereno, o tom de branco da camisa contrastando com a pele e os cabelos morenos. Ele estava sem seu paletó, o que era compreensível, visto que a noite ainda estava quente, apesar de uma leve brisa. Ele sorriu, os dentes perfeitamente alinhados, os lábios naturalmente corados. Os ombros largos se ajeitaram ao me ver, a postura ereta. Senti meu coração perder uma batida, sentindo-me de repente animada para que ele conhecesse meus amigos e meus pais apropriadamente. De repente, sabia que tinha tirado a sorte grande ao conhecê-lo.

- Meu Deus - exclamou, os olhos descendo

e subindo. - Você está linda, Lavínia.

Não pude evitar um sorriso. Há tanto tempo insistia, para que Davi e meus amigos abandonassem o infantil apelido “Vivi”, mas eles nunca cediam. Eu gostava de meu nome completo, da abertura do “La”, do som forte no “VÍ” e da fluidez no “Nia”. Por ser um nome longo, as pessoas logo buscavam apelidos. Mas Kauan havia sempre me chamado de Lavínia, o que, percebi, era especial. De alguma forma, o som de meu nome saindo de seus lábios, sem reduções e sem rodeios, fazia-me gostar dele ainda mais.

- Obrigada - respondi. - Você também.

- Somos um casal e tanto, não é mesmo? - brincou ele, e eu ri, passando minha mão por seu braço.

Caminhamos até o carro, onde ele abriu a porta do passageiro, ajudando-me a entrar enquanto

segurava a barra do vestido.

- Me dê um segundo, só vou colocar as sandálias - pedi, encaixando o pé direito na sandália. Como eu não tinha permissão para andar de salto, minha mãe havia comprado uma bela sandália de tiras douradas.

Ouvi Kauan soltar uma risada ao entrar no banco do motorista.

- O que foi? - perguntei, confusa, ainda com as mãos no pé.

- Ah, meu amor, você é linda - disse ele. - Mas, meu Deus, seus pés. São os mais feios que já vi.

Envergonhada, encarei meus pés descalços. Por causa do balé e das sapatilhas de ponta, eu havia adquirido machucados e cicatrizes ao longo de toda a pele. Eu sabia que meus ossos dos dedos também eram estranhamente acentuados, tortos e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arroxeados. Porém, nunca havia visto isso como um problema. Eu era uma bailarina; meus pés seriam de bailarina.

- É por causa do balé - justifiquei, terminando de abotoar a sandália.

Kauan ainda tinha um sorriso debochado no rosto enquanto colocava o cinto e ligava o carro.

- Bom, aí está um ponto positivo de você não poder mais dançar.

Senti meu coração parar por um segundo e o encarei.

- Eu vou voltar a dançar - falei, e o tom frio de minha voz chamou sua atenção.

Ele me encarou por alguns segundos, os olhos escuros parecendo confusos. Então, sua expressão se suavizou e ele tocou minha coxa com a mão livre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Claro. Me desculpe.

Então ele voltou a olhar para a rua, e eu fiquei sem saber se suas desculpas eram por insinuar que eu não voltaria a dançar, por pensar que isso poderia ter um lado positivo, ou, simplesmente, por achar meus pés horríveis.

Quando chegamos ao restaurante, encontramos uma vaga no final do quarteirão, e Kauan se apressou para abrir a porta. Antes que pudesse me levantar, ele colocou o rosto perto do meu, suas mãos em minhas bochechas.

- Ei - disse ele, a voz baixa. - Está brava? Me desculpe. Você sabe que é perfeita para mim.

Desviei os olhos apenas por um segundo, mas então assenti. Afinal, meus pés eram mesmo feios. Ele só havia sido o primeiro a dizer.

- Tudo bem - murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

- Mesmo? - perguntou ele, estendendo a mão. —Me deixe ajudá-la a sair.

Com quase três meses de recuperação, meu joelho já estava bem firme e eu não precisava de ajuda. Mesmo assim, deixei que Kauan me ajudasse, apenas para que ele soubesse que tudo estava, de fato, bem.

Quando entramos no restaurante, fiquei surpresa ao dar de cara com Alícia, uma taça cheia nas mãos e o vestido vermelho voando atrás de si. Os cabelos loiros estavam presos em um coque desarrumado, os brincos enormes e dourados destacando-se. As bochechas estavam mais vermelhas que o normal, e ela se abanava com uma das mãos.

- Vi! - gritou ela ao me ver, tropeçando até mim e agarrando meu braço com força. - Garota, não me avisaram que teria álcool. Por favor, não

PERIGOSAS NACIONAIS

me deixe passar vergonha na frente de seus pais.

Em seu hálito, senti o cheiro forte de álcool e soltei uma risada.

- Certo - murmurei, tirando a taça de suas mãos. - Melhor parar então. Seus pais não vieram?

Ela bufou, abanando-se com mais força.

- Eles viajaram, graças a *Deus* - então, seus olhos voaram para algo atrás de mim, e eu me lembrei de Kauan. - Olá. Você é o Kauê?

Revirei os olhos, puxando Kauan para o meu lado com uma das mãos. Ele parecia tenso e um pouco desconfortável, mas estendeu sua mão livre para Alícia.

- *Kauan* - sibilei - Esta é Alícia.

Eles apertaram as mãos e Alícia estreitou os olhos, desviando-os para mim e então desaparecendo em um segundo. Lancei um olhar de

PERIGOSAS ACHERON

desculpas a Kauan e a segui devagar, esperando que ela me levasse ao resto de meus conhecidos.

De fato, ao lado do bar, encontrei Davi e suas mães conversando com meus pais. Meu pai parecia mais feliz do que nunca, o terno perfeitamente arrumado, a expressão animada. Minha mãe, ao seu lado, emanava orgulho, as mãos apoiadas na cintura. Quando me viu, fez um gesto para que nos aproximássemos.

- Oi, mãe - cumprimentei, beijando sua bochecha. - Lembra de Kauan?

Kauan aproximou-se, seu sorriso mais encantador estampado no rosto. Pegou a mão de minha mãe e levou aos lábios, beijando com delicadeza.

- Ah, claro - murmurou minha mãe, lançando-me um olhar impressionado e chamando a atenção de meu pai. - André, querido, Kauan está

aqui.

Meu pai virou-se rapidamente, analisando Kauan de cima até embaixo.

- Ah, claro, o namorado - disse ele, divertido, e apertou a mão de Kauan. - Qual seu nome mesmo? Lala não fala muito de você.

Revirei os olhos para meu pai, mas Kauan sorriu.

- Kauan - respondeu ele. - E é uma sorte que Lavínia sequer se importe em falar comigo. Sua filha é extraordinária.

Senti minhas bochechas esquentando e voltei meus olhos para Kauan, que apenas alargou o sorriso. Então, ouvi a voz de Davi me chamando e me virei, encarando-o e a suas mães. Abracei-as, rapidamente, apresentando Kauan.

Dora e Emilly tinham adotado Davi quando

PERIGOSAS NACIONAIS

ele havia acabado de completar cinco anos, justamente quando elas se mudaram para a nossa rua. No início, alguns vizinhos ficaram chocados ao descobrir que Dora e Emilly eram, de fato, casadas, mas os questionamentos logo tiveram fim. As duas eram, afinal, as melhores vizinhas que qualquer pessoa poderia ter. Em sua primeira semana na nova casa, Dora e Davi compraram cupcakes no supermercado e saíram pela rua entregando-os para todos os vizinhos. Apenas meu pai percebeu que eram comprados, apesar de Davi garantir que tinha visto suas mães cozinhando. Foi assim que acabamos nos conhecendo, quando meu pai convidou Dora para entrar e comer conosco, e Davi ficou brincando comigo no meio da cozinha.

- Por favor, o nome dele é Kauan - sussurrei em seu ouvido, agora, enquanto o abraçava. - Kauan, esse é Davi.

PERIGOSAS ACHERON

Davi olhou de relance para mim, parecendo querer me provocar. No final, porém, apenas segurou a mão de Kauan.

- Prazer - disse ele. - Parabéns por aguentar a Lavínia. É um trabalho difícil.

Kauan sorriu novamente, perfeitamente educado.

- É um prazer.

- Você encontrou um santo, Vivi. - respondeu Davi e apontou para Alícia, parada como uma estátua ao lado de Júlio, que conversava com meu pai animadamente. — Júlio é outro santo. Alícia já está tonta.

- Percebi - murmurei apenas. - Por favor, não a deixe beber mais nada.

- É claro que não - retrucou ele, bebendo um gole de sua própria bebida. - Já sei que seu

joelho não lhe permite ajoelhar, então sou eu quem vai ter que ficar segurando o cabelo dela enquanto vomita as tripas.

No fim das contas, acabamos, nós cinco, sentados em uma mesa; Alícia, com a língua embolada, tentando convencer Júlio de que não estava bêbada. Júlio, sempre muito compreensivo, apenas assentia, entregando-lhe outro copo d'água. Às vezes, ela se virava para Kauan e murmurava, como se estivesse revelando um segredo:

- Sabe, Lavínia é muito focada. Não fique chateado se ela te der um pé na bunda.

Na primeira vez, arregalei os olhos e joguei um olhar furioso para ela, já implorando desculpas a Kauan. Mas, então, percebi que ele não se importava e passei a ignorá-la, como ele parecia estar fazendo. Davi, por outro lado, muito sóbrio e consciente, continuava a bombardear Kauan com

perguntas sobre sua vida.

- Então, você faz faculdade? - começou ele.

- Já pensei em fazer, mas acabei desistindo.

Para nós, dançarinos, o conceito de faculdade era um tanto controverso. Alguns optavam por fazer cursos de dança, enquanto outros se jogavam de cabeça nas aulas e apresentações das Academias particulares. Assim, apesar de saber que a primeira opção da maioria dos jovens era, sim, entrar em uma faculdade, a ideia me era um pouco estranha.

- Sim - respondeu Kauan, balançando um copo de cerveja nas mãos. - Mas imagino que, para vocês, atletas, não deva fazer muito sentido.

Davi deu de ombros.

- Às vezes, sim, às vezes, não.

- E todos vocês dançam? - perguntou

PERIGOSAS NACIONAIS

Kauan, apontando com o copo para Júlio e Alícia.

- Sim - respondi. - Estudamos juntos desde sempre.

- Na escola?

- Na Academia.

Ele assentiu, ainda assim parecendo não compreender. Mas, quando não disse mais nada, virei-me para Davi.

- Dora parece mais magra - apontei silenciosamente.

Seus olhos pareceram escurecer, mas ele concordou.

- Ela vai ao médico de novo na semana que vem.

Assenti, estendendo minha mão sobre a mesa para segurar a sua. Senti os olhos de Kauan observando o movimento, mas ele não disse nada.

PERIGOSAS ACHERON

- Tenho certeza de que ela vai melhorar.

Dora tinha sido diagnosticada com depressão há alguns anos. No início, eles haviam tentado alguns tratamentos alternativos, mas, depois, seu psiquiatra recomendou alguns remédios, juntamente com sessões de terapia. Davi havia sido muito afetado pelo diagnóstico e, desde então, passava grande parte de seu tempo livre com a mãe. Emilly também tinha diminuído seus turnos na floricultura em que trabalhava, buscando ficar mais com a esposa. Apesar de ter se recuperado, o humor de Dora vinha recaindo há alguns meses.

Assim, depois de Alícia ter tirado um cochilo, chamei-a para que fôssemos conversar com Dora, que, ultimamente, parecia apenas a sombra de Emilly. Da mesma forma, Kauan me acompanhou, sempre muito educado, ainda que silencioso. Sua mão repousava constantemente em

meu quadril. Mesmo assim, conseguimos conversar bastante com Dora, especialmente sobre o abrigo de cachorros. Ela era a coordenadora de um centro de adoções, em que ficava durante a parte da tarde. Apesar de os animais fazerem bem a ela, nos últimos tempos, eles pareciam não ser o suficiente para fazê-la sorrir.

Finalmente, quando as duas resolveram ir para casa, juntamente com a maioria dos convidados, Kauan me puxou para perto e sussurrou em meu ouvido:

- Vem comigo.

Então, segurei sua mão e o segui. Os músicos haviam começado uma música lenta e calma. Davi decidira ficar mais um pouco e estava sentado em nossa mesa com Alícia, Júlio e minha mãe, que parecia cansada. Eu sabia que meu pai teria que ficar até que todos os convidados fossem

PERIGOSAS NACIONAIS

embora.

Para minha surpresa, Kauan me guiou até um pequeno corredor, logo atrás do palco, escondido pelas cortinas finas. Ele se sentou na beirada no palco, puxando-me pela cintura.

- O que foi? - perguntei.

- Nada - respondeu ele com a voz suave. - Apenas me cansei de ter que dividir você com todas aquelas pessoas.

Eu sorri, pousando as mãos em seus ombros.

- Então você me trouxe para trás do palco?

- brinquei. - Muito romântico.

Kauan sorriu, mas não falou nada. Então, suspirou.

- Queria ver você dançar - admitiu ele em voz baixa, os olhos intensos me encarando. - Por

PERIGOSAS ACHERON

favor?

Eu o encarei de volta, tocando sua bochecha com as pontas dos dedos. Eu não poderia realmente *dançar*, não da forma como gostaria. Mas era verdade que já sentia a melodia da música em meu corpo, as notas fluindo, os músculos pedindo para serem movidos. Então, afastei-me dele, tirando as sandálias e dancei.

Os passos eram lentos e pouco ousados. Meu joelho direito ainda não tinha flexibilidades ou muita força, mas consegui girar devagar sobre o joelho esquerdo, estendendo as mãos para o alto. O vestido voava ao meu redor, e eu fechei os olhos, sentindo a liberdade dos mais mínimos movimentos, do esticar de um braço e da delicada abertura das pernas. Meu corpo inteiro estava conectado. Uma nota aguda começava nos pés flexionados, passava direto pelas pernas, pelo

coração e terminava nas pontas dos dedos esticados das mãos.

Quando a música acabou, abri meus olhos, sem ter percebido que os havia fechado, e suspirei, como se estivesse prestes a chorar.

Kauan me olhava, encantado. Ele se levantou, caminhando até mim e pegando as sandálias jogadas ao chão. Então, segurou minha mão firmemente e beijou o topo de minha testa.

- Incrível - sussurrou ele. - Vamos pra casa, bailarina.

Despedimo-nos rapidamente de todos e avisamos a meus pais que Kauan me deixaria em casa. A noite estava silenciosa quando saímos do restaurante, as lojas ao redor fechadas e a brisa fria da madrugada balançando a copa das árvores. Dirigimos em silêncio até em casa, quando Kauan correu para me ajudar a sair do carro. Meu joelho

latejava um pouco, claramente reclamando do esforço extra que lhe tinha sido exigido. Ainda assim, sentia-me bem por ter dançado, mesmo que agora estivesse mancando levemente até a porta de casa.

- Desculpe - murmurou Kauan, ajoelhando-se à minha frente no sofá. - Não devia ter pedido que dançasse.

- Não - respondi firmemente. - Foi ótimo dançar depois de tanto tempo.

Ele assentiu, sorrindo, então levantou os olhos.

- Vou lhe fazer um chocolate quente – disse, de repente, e eu ergui as sobrancelhas.

- Ah, está fazendo uns trinta graus lá fora.

Mas ele já estava correndo para a cozinha.

- Não importa! - exclamou, e eu ouvi os

PERIGOSAS NACIONAIS

sons dos armários sendo abertos, objetos sendo movidos.

Minutos depois, ele voltou, carregando consigo uma xícara fumegante e cheirosa. Tomei um gole.

- Hum, delicioso - admiti, levando a xícara de volta aos lábios.

- Que bom - disse ele, erguendo-se do chão.

- Mas tenho que ir. Não acho que seus pais ficariam felizes em me encontrar aqui.

Antes que pudesse discordar, ele me deu um beijo rápido, acariciando meus cabelos, o sussurro quase imperceptível:

- Te amo.

E então Kauan havia sumido pela porta da sala, deixando-me com o coração ardendo, ainda mais quente que a xícara em minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

- Você parece mais animada hoje - comentou Bárbara com um sorriso. - Algum motivo especial?

Suspirei. Era verdade que eu havia tagarelado muito mais do que o normal, revelando detalhes dos últimos dias. Ainda assim, não havia chegado ao assunto que realmente gostaria de falar.

Por algum motivo, senti minhas bochechas corando.

- Bem - respondi. - Na verdade, comecei a namorar.

Ela ergueu as sobrancelhas, tocando a ponta de sua caneta preta nos lábios.

- É mesmo? - perguntou ela. - Que ótimo.

- Sim - concordei, cruzando as mãos sobre as pernas. - Sim, é ótimo.

Quando Bárbara continuou me encarando, suspirei, incapaz de conter um sorriso.

- Certo, na verdade, tem sido bem mais incrível do que eu esperava - admiti. - Eu nunca havia namorado antes. Você sabe, sempre estive tão focada no balé e em minha carreira, nunca realmente investi meu tempo em garotos e tudo o mais. De certa forma, sempre enxerguei o namoro como algo tão distante, para quando eu já tivesse alcançado tudo que queria. Mas com Kauan... é diferente. Ele me entende, ele... ele cuida de mim. E ele me ama.

- E se sentir amada é realmente incrível, não é mesmo? - murmurou Bárbara, ainda sorrindo.

- Mas é diferente - insisti. - Não é como meus pais ou meus amigos. Ele me ama por mim,

não pelo que faço. Ele me vê como ninguém mais vê.

- Ele te vê como você se vê? - perguntou ela.

Balancei a cabeça.

- Não - admiti. - Ele me vê melhor do que eu mesma.

Bárbara assentiu, parecendo satisfeita que eu estivesse falando. Mas não podia me conter: eu queria falar sobre Kauan. Queria que todo o mundo soubesse o quanto ele me amava e o quanto eu o amava e como era bom não ter que me sentir tão pressionada e determinada o tempo todo. Como eu me sentia protegida e feliz quando ele me abraçava, como se nada no mundo pudesse me machucar. Com ele, tudo fazia mais sentido, os problemas não pareciam tão grandes. Desde que estivesse com ele, eu sabia que tudo ficaria bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então, talvez seja bom para você ficar com ele - sugeriu Bárbara. - Você pode começar a se ver mais como ele a vê e não somente como uma bailarina em reabilitação.

Assenti. Não pude deixar de concordar, pois já não me sentia mais como uma bailarina que havia sofrido um acidente. Pela primeira, vez em muito tempo, sentia-me apenas como uma garota comum, muito amada, sem grandes preocupações. Nunca achei que a mudança me agradaria tanto.

- Não me vejo mais assim - falei.

- Lavínia, isso é ótimo - disse Bárbara. - Suponho que a fisioterapia esteja indo bem?

- Sim - respondi. - Meu fisioterapeuta é o pai de Kauan.

- Foi lá que se conheceram?

- Foi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembrei-me da primeira vez em que o tinha visto, quando me sentia tão derrotada que mal podia conter as lágrimas. Lembrei-me de suas palavras gentis e de consolo, como tinha sido tão empático mesmo sem me conhecer. Se não estivesse tão imersa na própria dor, teria me apaixonado por ele naquele momento.

- Ele também faz fisioterapia?

- Não, ele faz faculdade - respondi, deixando transparecer o orgulho em minha voz. - Medicina.

- Então vocês se vêem pouco?

- Na verdade, ele está sempre por perto.

E era verdade. Apesar de seus horários de aula, Kauan sempre arrumava tempo para me ver, encontrando-me na clínica, surpreendendo-me em casa ou me levando para sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No dia seguinte à inauguração do restaurante, eu havia levado Davi, Alícia e Júlio para provarem o sorvete da Gellato. Lá, eles tinham me dado uma avaliação completa de Kauan, afirmando que, apesar de tímido, ele parecia legal. Depois disso, contei sobre os encontros que tínhamos tido antes, enquanto estávamos brigados, e eles aceitaram que Kauan era um dos bons. Até meus pais tinham ficado encantados com ele e, assim, eu havia concluído que, enquanto a má sorte me havia feito arrebentar o joelho, ela também tinha me permitido conhecer Kauan e, portanto, não devia ser tão má assim.

- Bom, ele parece perfeito - riu Bárbara. - Qual é o defeito?

Eu encolhi os ombros, incapaz de conter uma risada também.

- Por enquanto, nenhum.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela assentiu, fechando sua agenda no colo.

- Mas, como todo ser humano, ele tem defeitos e você vai descobri-los - advertiu ela, ainda em tom gentil. - Ainda assim, a fase que vocês estão vivendo agora é ótima. Aproveite.

Torci o nariz.

- Assim parece que estamos só esperando que algo ruim aconteça, como “aproveite enquanto pode” - reclamei.

Mas Bárbara apenas riu, balançando a cabeça, pois nosso tempo tinha acabado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Era sábado e estava chovendo. Se meus pais não estivessem em casa, Kauan e eu poderíamos ficar juntos, assistindo a algum filme ruim na TV. Mas, como os dois também estavam presos em casa, investidos em seus próprios trabalhos, Kauan resolveu me levar ao shopping e me mostrar sua loja favorita de discos. A ideia de pessoas comprando discos de vinil ainda me era muito estranha, mas era verdade que eles estavam voltando à moda. Quando mencionei isso para Kauan, ele disse que os verdadeiros fãs de vinil nunca tinham parado de comprá-los.

Agora, enquanto atravessávamos o estacionamento do shopping de mãos dadas, Kauan me explicava a beleza dos discos de vinil.

- Primeiro, é claro, o som é muito melhor - afirmou ele, os dedos quente nos meus.

- É?

- Claro. E temos as capas, que são obras de arte em si...

Mas eu não estava realmente prestando atenção. Estava focada no modo como seus lábios se moviam, na força de sua mão na minha, no perfume cítrico que ele usava. Há algumas semanas, ele havia cortado os cabelos, que agora estavam bem mais lisos e arrepiados. As pequenas ondas tinham sumido, deixando a vista mais de sua pele morena.

- ... e você pode imaginar como deve ser não receber pelo seu trabalho. É simplesmente injusto!

Kauan continuou seu discurso até chegarmos à loja de discos, muito menor do que eu

PERIGOSAS ACHERON

imaginara. Ainda assim, tinha que admitir que havia um charme nas prateleiras de discos enfileirados, nos pôsteres antigos e nas máquinas de tocar espalhadas pelo lugar. A loja estava bem mais vazia que as outras ao lado, com apenas mais duas pessoas atravessando os corredores e o vendedor entediado, assistindo a algo em seu celular.

- Bem-vinda ao paraíso - murmurou ele, sorrindo com os braços abertos e me encarando com expectativa.

- É legal – respondi.

- Vem cá - ele pegou minha mão novamente e me puxou por entre as estantes.

Kauan começou a tirar os discos, mostrando-me as capas.

- Tom Jobim, Lulu Santos... ah! Marisa Monte, você tem cara de quem gosta de Marisa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Monte.

Eu ri.

- Pessoas que gostam de Marisa Monte têm uma cara? - brinquei e ele assentiu, então continuei:

- Não sei se me lembro das músicas dela.

Kauan olhou ao redor então me puxou para perto, posicionando os lábios perto de minha orelha. Suas mãos apoiavam minha cabeça, os dedos puxando os cabelos para trás. Ele limpou a garganta, preparando-se.

- “Deixa eu dizer que te amo/Deixa eu pensar em você/Isso me acalma, me acolhe a alma/Isso me ajuda a viver”.

Ri de sua voz aguda e desafinada, afastando o rosto.

- Certo, certo, me lembrei dela.

- Não, espera - pediu ele, ainda rindo. -

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Quem diria que a meu lado/Você iria ficar/Você veio pra ficar/Você que me faz feliz/Você que me faz cantar/Assim”.

- Eu? - ri. - Pode parar então!

- Só mais uma - brincou ele, sorrindo. - Beija eu! Beija eu! Beija eu, me beija!Deixa o que seja ser...

Senti minhas bochechas esquentando e torci para que ninguém estivesse nos observando. Ainda que envergonhada, revirei os olhos e puxei seu pescoço, seus lábios encontrando os meus enquanto as mãos se enroscavam em meus cabelos. Meu estômago parecia abrigar um milhão de borboletas, e eu podia senti-las batendo asas, como se fossem voar. Eu me sentia capaz de voar. *Assim, pensei, é assim que as pessoas nos filmes se sentem.* E eu não conseguia adivinhar por que alguém escolheria *parar* de sentir assim.

PERIGOSAS ACHERON

- Lavínia? - escutei uma voz conhecida e me afastei rapidamente de Kauan, sentindo suas mãos me segurando com força.

Virando-me para a entrada da loja, enxerguei Alícia e Júlio. Os dois seguravam enormes copos de açaí nas mãos, Alícia prestes a derrubar o seu enquanto caminhava até nós. Peguei a mão de Kauan, ajeitando o cabelo, e o escutei suspirar, como se estivesse irritado. Antes que pudesse questioná-lo, Alícia me abraçou, entrelaçando as mãos ao redor de meu pescoço.

- Que bom ver vocês! - exclamou ela, abraçando Kauan com a mesma intensidade. Vi-o colocar as mãos nos ombros dela, parecendo receoso. – O que estão fazendo aqui?

- Kauan queria me mostrar os vinhos - respondi, colocando uma mecha atrás da orelha e acenando para Júlio, que atravessava as estantes

PERIGOSAS NACIONAIS

para chegar até nós. - Ei, Júlio!

Ele me abraçou com força, murmurando um “oi” em meu ouvido e, então, bagunçando meus cabelos. Mostrei a língua para ele, sorrindo, e o empurrei enquanto puxava Kauan para o meu lado.

- Lembra de Kauan? - perguntei, segurando seu braço.

- Claro - respondeu ele, apertando a mão livre de Kauan. - Estavam olhando os vinhos?

- Sim - respondeu Kauan, rapidamente. - Você curte?

Júlio deu de ombros.

- Tenho alguns que meu avô me deixou - disse ele. - Mas não coleciono.

Kauan assentiu, encarando-me com expectativa, e eu pude sentir que ele queria ir embora. Ergui as sobrancelhas, segurando com

PERIGOSAS ACHERON

força sua mão. Eu entendia que ele era tímido, mas queria que ele se tornasse amigo dos meus amigos.

- Fofa! - exclamou Alícia, pegando a tiara que eu usava em minha cabeça e colocando na sua.

- Espera, esta não é...

Eu ri.

- Sim - admiti, encolhendo os ombros. - É a tiara que usamos na apresentação do ano retrasado. Meio que roubei do camarim.

- Vi! - ela murmurou, observando seu reflexo no vidro que guardava ainda mais vinis. - Queria ter tido sua ideia! Sempre adorei essa tiara.

- Lavínia - murmurou Júlio, sorrindo e colocando as mãos na testa como se estivesse frustrado. - Achei que você fosse uma boa influência para minha namorada.

- A melhor! - eu ri e busquei os olhos de

PERIGOSAS NACIONAIS

Kauan, que parecia distraído. Então, suspirei. - Bem, acho que já vamos. Mas podíamos combinar de sair juntos um dia desses!

Alícia abriu um largo sorriso, apertando minhas mãos e me abraçando.

- Sim! - exclamou ela. - Só nós. Até mais!

Acenei enquanto ela e Júlio se afastavam, passando pelas portas automáticas do shopping e saindo para a rua. Então, virei-me para Kauan, que parecia quieto, os olhos distraídos.

- Tudo bem? - perguntei, passando as mãos por seus cabelos em uma tentativa inútil de arrumá-los.

Ele apontou um dedo para Alícia, colocando as mãos dentro dos bolsos.

- Ela levou sua tiara - respondeu apenas.

Franzi as sobrancelhas, confusa.

PERIGOSAS ACHERON

- Sim. E daí? Pego com ela depois.

Kauan suspirou, tocando minhas costas e nos levando para fora da loja, em meio ao shopping lotado. As vitrines estavam todas enfeitadas com enormes letras anunciando promoções, os funcionários nas portas distribuindo panfletos. Na praça de alimentação, encontramos uma única mesa livre e nos sentamos entre uma família cheia de crianças e um casal de velhinhos.

- Você não gosta deles? - perguntei a Kauan, incomodada com seu silêncio.

Ele esticou as mãos sobre a mesa, pegando as minhas e abriu um pequeno sorriso.

- Não é isso - disse ele.

- Então o que é? - perguntei, apertando seus dedos. - Você sempre fica tão quieto perto deles.

Mesmo que estivesse me baseando apenas

nas poucas vezes em que Kauan e meus amigos tinham se encontrado, não havia como ele negar que seu rosto se fechava quando os via. Mesmo na loja de vinhos, ele tinha estado no melhor dos humores antes de Alícia e Júlio nos encontrarem e não poderia ser coincidência que o bom humor tivesse desaparecido assim que eles chegaram.

Kauan suspirou novamente.

- Só acho que eles não são bons pra você.

Arqueei as sobrancelhas.

- O que?

- Bem, é óbvio que Alícia só queria ser você - explicou ele, parecendo tão certo de suas opiniões que eu me perguntei como ele não havia falado delas antes. - Parece até um pouco obcecada. E Júlio parece ser aquele cara que só faz balé pra ficar perto das garotas. Não duvido de que ele trocaria a namorada por você, em um segundo, se

PERIGOSAS ACHERON

você quisesse.

Arregalei os olhos e bufei, puxando minhas mãos das suas.

- Está falando sério? - perguntei. - Você nem os conhece. Não é nada disso.

- Lavínia, só estou preocupado com você - respondeu ele, firmemente. - Não quero que você seja amiga de pessoas que não querem o seu bem. Também me lembro de que eles não foram os amigos mais presentes depois do seu acidente.

- Eu não fui a melhor amiga também depois do acidente - retruquei. Quando ele não respondeu, suspirei. - Então, o que? Você acha que eu não devia ser amiga deles? E Davi? Não se preocupa com ele? Ele não namora, então, com certeza, faz balé só pra ficar com umas garotas idiotas, não é?

Eu sabia que estava me exaltando. O neném da família ao lado já me encarava

PERIGOSAS ACHERON

abertamente, a mãe tentando voltar sua atenção para a comida. O casal de velhinhos parecia nos observar com um sorriso, como se estivessem se lembrando de uma briga passada.

- Bem, não preciso me preocupar com Davi, veja onde ele foi criado - resmungou ele, sem me encarar.

- Onde ele foi *criado*? Do que é que você está falando?

- Nada - respondeu ele, pegando de volta minhas mãos e me fazendo olhar para ele. - Chega, Lavínia. Você está fazendo um escândalo.

E estava mesmo. Mas não podia evitar, vendo-o reclamar de meus amigos assim.

- Mas você...

- Estou tentando protegê-la - continuou Kauan com firmeza. - Você é muito inocente, às

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes, não tem noção dos perigos do mundo, da quantidade de pessoas que podem te fazer mal. Eu me preocupo com você, meu amor, estou tentando protegê-la.

Encarei sua expressão de cuidado. Não entendia como ele poderia realmente acreditar que meus amigos me fariam mal. Era verdade que eu gostava de acreditar no melhor das pessoas, que raramente pensava que algo ruim poderia acontecer. Mas eu conhecia Davi, Júlio e Alícia há anos, e Kauan há apenas alguns meses.

- Você está errado sobre eles - defendi, e Kauan respirou fundo.

- Acho que já chega dessa discussão - disse ele. – O que você quer comer?

Quando não respondi, cruzando os braços sobre o peito, ele suspirou e se levantou.

- Certo, eu decido - disse ele e se afastou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bufei, frustrada, encarando o teto do shopping. Não podia acreditar que Kauan havia chegado àquelas péssimas impressões sobre meus amigos com base em apenas alguns encontros e uma mínima troca de palavras. Repassei, em minha cabeça, meus momentos com Alícia e Júlio, verificando as conversas, os gestos, as risadas. Perguntei-me se era assim que o resto do mundo nos via. Era verdade que Alícia sempre havia ficado atrás de mim no balé, mas isso nunca pareceu incomodá-la. Ainda assim, não pude evitar pensar que talvez ela quisesse, sim, ser como eu. Por que não gostaria? Todos os bailarinos queriam ser os melhores. Tínhamos um instinto natural de competição. Era normal, saudável. E eu sabia que Júlio só tinha olhos para Alícia, mas, talvez, estivesse perdendo algum aspecto que não poderia enxergar por estar tão inserida na situação.

PERIGOSAS ACHERON

Balancei a cabeça, tentando ignorar a onda de pensamentos em minha mente, focando em não me estressar. Quando Kauan voltou, consegui abrir um sorriso e mudar de assunto. Afinal, só queria que tudo ficasse bem entre nós, como estava no início do dia. E, quando ele sorriu de volta, entregando-me um pedaço de pizza e refrigerantes, acreditei que suas preocupações eram apenas para o meu bem. Ele puxou minhas mãos e levou-as aos lábios, depositando um beijo em cada uma delas. Naquele momento, não conseguia imaginar um motivo sequer para que não ficássemos juntos por muito tempo.

Capítulo 16

Na semana seguinte, após uma avaliação, Livia me liberou para fazer corridas na rua. Feliz por, finalmente, voltar a me exercitar, acordei animada, colocando roupas de ginástica e tênis. Desci as escadas alegremente, sentindo a energia acumulada pulsando pelo meu corpo. Até agora, não havia percebido o quanto sentira falta de realizar atividades físicas, de sentir o corpo suando, o calor circulando pelas veias, os pulmões ardendo. Encontrei minha mãe na cozinha, aprontando-se para sair e lhe dei bom dia, fazendo um lanche rápido. Então, peguei minha garrafa d'água e corri para fora.

Senti a brisa da manhã batendo em meu rosto, fresca. Respirei fundo, absorvendo o cheiro

PERIGOSAS NACIONAIS

das árvores na calçada. O sol ainda estava baixo, uma claridade brilhante iluminando as ruas e os portões das casas. Pude ouvir o som dos passarinhos acordando, notas agudas em meio aos sons da cidade. Eu adorava o início da manhã. Resolvi começar com uma caminhada acelerada para que pudesse me acostumar novamente ao ritmo de corrida.

No início, senti o joelho travado, como se não conseguisse mais movê-lo com tanta agilidade. Mas, então, tudo começou a fluir melhor, como se tivesse jogado óleo nas engrenagens. Mesmo assim, após duas voltas no quarteirão, já sentia o coração pulsando desesperadamente, a respiração ofegante, e precisei parar. Apoiei as mãos nos joelhos, inalando profundamente até sentir os pulmões cheios.

Irritada comigo mesma, dei-me apenas um

PERIGOSAS ACHERON

minuto para me recuperar e então voltei a correr. Sabia que deveria estar com o rosto pegando fogo, o suor escorrendo sem controle pelas têmporas, costas, abdome. Sentia as pernas cansadas, latejando. Após alguns minutos, precisei parar novamente.

Sentei-me na calçada, frustrada, levando a garrafa d'água até os lábios e bebendo muitos goles de uma vez. Apesar de as ruas estarem cheias de carros, as calçadas estavam vazias, apenas uma senhora passeando com um cachorro enorme de pelos dourados. Ela acenou, e eu acenei de volta, sentindo-me derrotada.

- Vivi?

Tapei os olhos do sol com uma das mãos e olhei para cima, vendo o vulto de Davi me encarando com um sorriso.

- Ei - acenei, sorrindo também. – O que

PERIGOSAS NACIONAIS

está fazendo aqui?

- Correndo - respondeu ele, sentando-se ao meu lado. Ele parecia ter acabado de sair de casa, os cabelos ainda secos, o rosto contido, diferente do meu. - E você?

Suspirei.

- O mesmo - respondi, erguendo a garrafa. - Sem muito sucesso, devo dizer.

Ele riu, levantando-se e estendendo suas mãos. Segurei-as e ele me puxou, levando-me de volta para o centro da calçada.

- Então agora você não só pode andar, mas também correr? - perguntou ele, fazendo polichinelos para se aquecer. - Você evoluiu, Vi.

Revirei os olhos e comecei a fazer alongamentos também, tentando tocar os pés com as pontas dos dedos. Só alcancei a canela.

PERIGOSAS ACHERON

- Estou fora de forma - resmunguei, obrigando-me a descer mais. Quando não consegui, levantei-me, exasperada. - Ah! Odeio isso.

- Ei - chamou Davi, tocando meu braço de leve. - Calma. Podemos correr juntos. Vou no seu ritmo.

- Assim vai ser mais humilhante - afundei o rosto nas mãos.

Davi aproximou-se, afastando minhas mãos dos olhos e me encarando sério.

- Lavínia - disse ele, firmemente. - Já a vi vomitando as tripas na pia da sua cozinha e segurei seu cabelo enquanto seus pais dormiam. Acredite, isso não vai ser nem um pouco humilhante.

Sem conseguir evitar, soltei uma risada, lembrando-me de quase dois anos atrás, em meu aniversário de dezoito anos, quando Davi, Alícia, Júlio e eu faltamos aos ensaios para ir a um bar e,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então, a uma balada no centro da cidade. Como era de se esperar, aproveitei minha legalidade para beber muito mais álcool do que devia, chegando em casa no início da manhã, no dia seguinte, felizmente antes de meus pais terem acordado. Ainda assim, não cheguei a tempo ao banheiro do térreo, passando mal no meio da cozinha. Apesar de ter me divertido, resolvi que álcool nenhum valia o desgaste do dia seguinte.

- Certo - respondi a Davi, ajeitando o rabo de cavalo no topo da cabeça. - Vamos.

Começamos em um ritmo lento, Davi observando meu desempenho. Eu o encarei de volta enquanto atravessávamos uma rua cheia de crianças chegando à escola local. Serpenteamos entre os postes, árvores e os pequenos seres com mochilas nas costas, muito mais lento do que eu gostaria. Ainda assim, respirava ofegante, as pernas já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cansadas. Estendi as mãos para Davi, desacelerando e parei, bebendo um gole da garrafa d'água.

Quando levantei os olhos para Davi, ele parecia bem, a respiração apenas um pouco mais acelerada que o normal. Eu lhe dei um empurrão.

- O que foi? - exclamou ele.

- Nunca se esqueça de que eu costumava ganhar todas as corridas - falei, sorrindo e jogando um pouco de água gelada sobre a cabeça.

Ele riu, esticando os braços e pulando com as pernas dobradas.

- Já está difícil de lembrar - respondeu ele, então, virou-se para frente na calçada. - Corrida até minha casa!

E então ele havia sumido, antes que eu pudesse perceber o que estava acontecendo. Soltei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um grito atrás dele e comecei a correr o mais rápido que pude. A casa de Davi ficava a dois quarteirões de onde estávamos, e eu o vi atravessar a rua por entre os carros, alguns metros à minha frente. Estendi o corpo para frente, acelerando mais do que sabia que meu corpo aguentaria, meu peito queimando em busca de oxigênio. Quando o alcancei, Davi acabara de tocar o portão de sua casa e me encarava, vitorioso. Eu sentia o suor escorrendo de meus braços, têmporas e costas, a blusa fina grudando na pele. Desabei na calçada, dobrando os joelhos e colocando a cabeça no chão frio. O céu sobre mim era inteiro azul, sem uma única nuvem. O sol brilhava com sua máxima intensidade, e um vento preguiçoso balançava as copas das árvores, algumas folhas caindo sobre mim. Mesmo com a respiração ofegante e o corpo dormente, sentia-me mais viva do que havia me sentido nos últimos tempos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vivi? - vi Davi se ajoelhar ao meu lado, os olhos preocupados. - Você está bem?

Coloquei-me sobre os cotovelos, encarando-o séria.

- Você roubou! - exclamei. - Eu teria ganhado!

Ele riu, parecendo aliviado, e me ajudou a levantar.

- Você sempre foi uma péssima perdedora - reclamou enquanto abria os portões de sua casa, deixando-me passar.

Atravessamos o jardim até a porta da frente e entramos na casa, caminhando até a cozinha. Davi me ofereceu uma maçã e eu a peguei, lavando-a na pia e dando uma mordida. Ele se serviu de suco e então me levou até a sala de TV, onde Dora estava sentada no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

- Bom dia, Dora - falei em voz alta, tentando ultrapassar o volume elevado da televisão.

Dora se virou para nos olhar, o rosto cheio de sombras, a pele flácida. Seu corpo magro estava escondido por uma larga camiseta, os braços encolhidos.

- Ah, oi, Lavínia - respondeu ela, em voz baixa. - Como você está?

- Estou bem - respondi, sentando-me ao seu lado no sofá. - E você?

Como resposta, Dora apenas sorriu e se virou novamente para a TV, o olhar desfocado. Davi suspirou, fazendo um gesto para que eu o seguisse. Subimos as escadas até o seu quarto, onde ele se jogou na cama e eu me sentei no chão sob a enorme janela de vidro, brincando com o reflexo da garrafa d'água.

- Ela foi ao médico? - perguntei

PERIGOSAS ACHERON

silenciosamente.

Davi assentiu.

- Ele aumentou a dose dos medicamentos - respondeu, colocando o braço sobre os olhos. - E vai começar a terapia novamente.

- Tenho certeza de que ela vai melhorar.

Ele se apoiou nos cotovelos para me encarar, as pernas pendendo para fora da cama. Davi sempre havia sido bonito com seu rosto anguloso, os cabelos curtos e a pele perfeita. Mas, ultimamente, eu havia notado olheiras sob seus olhos, e as roupas estavam sempre um pouco amassadas.

- A terapia está te ajudando? - perguntou ele.

Assenti, sincera.

- Não achei que ajudaria - admiti. - Mas é

bom.

Ele suspirou.

- Espero que seja bom pra ela também. -
Davi esfregou os olhos. - Só quero que tudo volte ao normal. É horrível ficar em casa o dia todo assim. Às vezes, não consigo arrancar uma palavra dela.

- Ela deve se sentir mal por isso - falei. -
Mas acho que, às vezes, ela simplesmente não deve ter energia. Nem mesmo para uma simples conversa.

Davi se levantou e veio sentar-se ao meu lado, as pernas esticadas ao lado das minhas.

- E agora Emilly está viajando - disse ele. -
Só até amanhã, mas ainda não consegui fazer Dora comer algo.

- Talvez pudéssemos cozinhar algo que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

goste. - sugeri, encarando-o com expectativa.

- Não sei cozinhar nem ovos, Vivi - reclamou ele, e eu revirei os olhos.

- Bem, sorte sua ter uma melhor amiga que é filha de cozinheiro.

Arrastei Davi até a cozinha e ligamos para Emilly, que disse que o prato favorito de Dora era lasanha. Assim, pegamos o carro e fomos até o supermercado mais próximo comprar os ingredientes necessários. Há muitos anos meu pai havia me ensinado a fazer uma deliciosa lasanha de frango, que costumava fazer quando íamos visitar minha avó no Rio de Janeiro. Assim, peguei emprestado o celular de Davi e liguei para conferir como deveria fazer.

Meu pai me deu as dicas rapidamente e então desligou quando voltamos para casa, deixando-me sozinha na cozinha cercada por vários

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pacotes de massa, enquanto Davi me observava com curiosidade da bancada.

- Tem certeza de que sabe o que está fazendo? - perguntou ele.

Fiz um gesto para que ele se aproximasse, lavando as mãos na pia.

- Coloque o frango para cozinhar - ordenei, apontando para as panelas. - Depois você tem que desfiá-lo. Vou fazer o molho.

Ele fez uma continência, movendo-se para ligar o forno, e eu ri.

Demoramos pouco mais de meia hora para montar a lasanha, o que eu imaginava que meu pai conseguiria fazer em apenas quinze minutos. Mesmo assim, encarei satisfeita a travessa cheia, enquanto estava no forno, sentindo o cheiro gostoso dos ingredientes.

PERIGOSAS ACHERON

Para a sobremesa, tínhamos escolhido fazer um merengue de morango. Enquanto eu misturava o creme de leite com o açúcar, Davi lavava as louças. Então, colocamos a mesa na sala de jantar, no instante em que a lasanha ficou pronta. Davi foi buscar Dora na sala de TV, e eu a encontrei sentada na ponta da mesa enquanto trazia a lasanha quente nas mãos.

- Espero que esteja como você gosta - falei, sorrindo e, para minha alegria, ela sorriu de volta.

- Obrigada, querida.

Comemos em silêncio, mas Dora parecia ter gostado tanto da lasanha quanto da sobremesa. Depois do almoço, ela se ofereceu para lavar o restante das louças e eu e Davi subimos novamente para o seu quarto para assistir a um filme. Estranhei que ele não precisasse ir aos ensaios, mas Davi explicou que Fernanda tinha viajado no final de

PERIGOSAS NACIONAIS

semana, dando a eles um dia a mais de folga.

Fui embora apenas quando vi o relógio marcando quase quatro horas e me lembrei de que precisava ir para a fisioterapia. Davi me levou até o portão, onde me abraçou com força, agradecendo. Eu o abracei de volta e então corri para casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Acabei chegando à fisioterapia alguns minutos atrasada, mas, por sorte, Fábio tinha acabado de chegar também. Ele sorriu ao me ver, ofegante, entrando na clínica.

- Bom saber que consegue correr o suficiente para chegar esbaforida, Lavínia - comentou ele, apoiando-se no balcão da recepção. - É um ótimo progresso.

Revirei os olhos, ajeitando o cabelo e caminhando até seu consultório.

- Vou precisar sair um pouco mais cedo hoje, se não se importa - disse ele, fechando a porta atrás de si, enquanto eu me deitava na cama. - Preciso atender uma paciente em domicílio.

- Tudo bem - respondi apenas, preparando-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me para a terapia de choques.

No fim das contas, acabamos fazendo apenas meia hora de fisioterapia antes que Fábio precisasse sair. Mesmo assim, ele elogiou meu desempenho, e saí satisfeita do consultório, sentando-me na sala de espera.

Desviei os olhos para a porta de entrada e vi Júlio entrando na clínica. Ergui as sobrancelhas, confusa, enquanto ele se aproximava de mim, sorrindo.

- O que está fazendo aqui? - perguntei quando ele se sentou ao meu lado. - Por acaso quebrou alguma coisa?

Ele riu, puxando sua mochila e tirando minha tiara de dentro do bolso.

- Eu estava aqui perto e Alícia pediu que eu lhe entregasse isto - respondeu ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei a tiara e a coloquei na cabeça, prendendo a franja para trás.

- Obrigada - respondi. - E o que estava fazendo por aqui?

Júlio suspirou, encostando-se na cadeira e esfregando os olhos.

- Não conte para ninguém, tá? - pediu ele. - Mas estava olhando alguns cursos na faculdade.

- Oh - respondi, sem saber o que dizer. - Isso significa que não quer mais dançar?

- Não, não - respondeu ele. - Ainda quero dançar. Mas, bem, acho que quero fazer outra coisa também.

Dei de ombros e sorri, pousando as mãos em seu braço.

- Acho incrível, Júlio. Alícia já sabe?

Ele assentiu, sorrindo também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim - respondeu. - Ela me deu muito apoio para vir aqui.

Por detrás de seus ombros, observei Kauan entrando na clínica, seus olhos atentos procurando por mim. Então, ele me viu junto com Júlio e se aproximou. Por um momento, fiquei alegre em vê-lo, pois tinha sentido sua falta nos últimos dias. Mas, então, vi sua expressão. Os lábios estavam franzidos, o maxilar travado, e ergui as sobrancelhas, confusa. Mas ele apenas se posicionou ao meu lado, encarando Júlio.

- Ei, Kauan - disse Júlio, tocando seu ombro. Kauan pareceu ficar ainda mais tenso, respondendo apenas com um balançar da cabeça. Voltando-se para mim, Júlio continuou: - Bem, já vou indo. Até mais, Vi.

- Tchau, Júlio - acenei. - Mande um beijo para Alícia.

PERIGOSAS ACHERON

Ele assentiu, piscando um dos olhos. Então, senti os dedos fortes de Kauan apertando meu pulso. Por um momento, pensei que ele estivesse apenas tentando chamar minha atenção. Mas, quando me virei para encará-lo, enxerguei a intensidade furiosa em seus olhos, os braços tensos, as mãos se estreitando cada vez mais ao redor de meu pulso.

- Qual o problema? - perguntei, tentando me libertar de seu aperto, em vão. - Kauan, solta, está doendo.

Em vez de me soltar, Kauan me puxou para o interior da clínica, arrastando-me com força até o consultório de seu pai, agora vazio. Ele abriu a porta com violência para que pudéssemos entrar e fechou-a imediatamente.

Kauan finalmente me soltou, e eu o encarei, assustada, esfregando o pulso dolorido. As marcas

de seus dedos apareciam vermelhas na pele.

- O que foi? - perguntei, irritada. - Você me machucou.

- Você não me escuta - sibilou ele, e eu me encolhi com o tom de sua voz. - Liguei cinco vezes e você não atendeu, e aí chego aqui e vejo você rindo com aquele idiota.

Dei um passo para trás e chequei meu celular rapidamente. De fato, havia cinco chamadas perdidas. Mas eu não o havia levado para a corrida e, depois que cheguei da casa de Davi, não me preocupei em checá-lo. Afinal, estava atrasada.

- Eu fui correr, estava sem celular - respondi em voz baixa. - E depois fiquei na casa de Davi para ajudá-lo com Dora. E Júlio não é um idiota, é meu *amigo*.

Kauan riu sem humor algum.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você é uma tonta se acha mesmo que ele quer ser só seu amigo - resmungou, aproximando-se de mim. - Mesmo se fosse. Você *não pode* ir para os lugares sem me avisar. Você é *minha*.

Ergui as sobrancelhas e bufei, cruzando os braços.

- *Sua?* - perguntei. - Não preciso de sua permissão para fazer nada, Kauan. Se acredita nisso, você é o idiota.

Então, de repente, suas mãos estavam em mim. Seu punho direito apertava meu ombro, e sua mão esquerda segurava com força meu queixo, obrigando-me a encará-lo. A expressão em seu rosto era diferente de todas que já havia visto antes. Nunca imaginaria que em seus olhos poderia haver tanta raiva, tanto ódio. Jamais imaginaria que estariam direcionados a mim. Não havia amor ou carinho na forma como ele me tocava. Havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas dor, a pele se esticando por debaixo de seus dedos, os ossos sendo apertados, as articulações sendo torcidas.

- Idiota? - repetiu ele em um sussurro assustador. - Eu sou idiota? Você não é *nada*, Lavínia. *Nada*.

Então, ele me soltou com um empurrão, virando-se de costas para mim e esfregando a parte de trás do pescoço, a mão livre pendendo no quadril. Eu o encarei, pasma, sem saber como reagir. As palavras que saíam de sua boca não pareciam suas, não do Kauan que eu conhecia. Não daquele cujo toque era o mais gentil, cujos elogios saíam fáceis. *O quão bem você realmente o conhece?*

Mas quando Kauan se virou de volta para mim, vendo-me esfregar o ombro dolorido, testando o maxilar tenso, ele suspirou e, com a

PERIGOSAS ACHERON

expressão suave, vi o Kauan que eu conhecia. Respirei, aliviada por tê-lo de volta, mas o encarei com seriedade.

- Você me machucou - repeti.

Ele se aproximou e eu dei um passo para trás, magoada. Não sabia o que esperar. Não sabia como ele havia sido capaz de me tocar com tanta violência, de cuspir as palavras em mim com a clara intenção de me ferir.

- Me desculpe - sussurrou ele, a intensidade do olhar ainda presente, mas, agora, com arrependimento. –Me desculpe, Lavínia. Eu só... fiquei tão preocupado. Você não me atendia e eu não sabia onde estava. Me desculpe. Me desculpe.

Seus olhos estavam brilhantes com lágrimas. Kauan parecia realmente arrasado, os ombros soltos e desolados, a postura envergonhada. Deixei que ele estendesse as mãos para encostar as

pontas dos dedos em meu rosto. Seu toque agora era leve, gentil. Seus dedos acariciavam minhas bochechas devagar, fazendo cócegas.

Eu sabia que o que havia acontecido não deveria acontecer. Sabia que meu pulso e meus ombros ficariam roxos, e meu maxilar ainda doeria por algum tempo. Sabia que não devia ignorar sua reação. Conhecia as histórias de relacionamentos violentos e abusivos.

Mas eu também conhecia Kauan. Sabia que ele parecia arrependido. Seu rosto implorava meu perdão, e ele nunca havia se comportado desta forma antes. Eu o amava e, se este era seu defeito, eu deveria lhe dar a oportunidade de melhorar. Ele havia ficado preocupado, como qualquer um ficaria. Mesmo que a reação houvesse sido exagerada, ela não era infundada. E eu sabia que lhe devia uma chance, por todos os momentos

PERIGOSAS NACIONAIS

incríveis que já tínhamos vivido.

- Isso não pode voltar a acontecer - falei firmemente, e ele assentiu com força.

- Nunca mais, meu amor - disse ele, passando os braços por minha cintura e afundando o rosto em meu pescoço. - Meu Deus, me perdoe. Me perdoe, Lavínia.

E, enquanto eu sussurrava que lhe perdoava, que sabia que ele nunca faria isso novamente, Kauan distribuía beijos por todo o meu corpo, indo do rosto aos ombros e, então, levando meu pulso machucado aos lábios, como se pudesse desfazer o que havia feito antes. E, naquele momento, acreditei realmente que poderíamos esquecer tudo aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

- Você está bem, Lavínia? – perguntou Bárbara, curiosa. – Anda tão quieta.

Dei de ombros.

- Não tem muito acontecendo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

- É mesmo? – comentou ela, anotando algo em sua prancheta. – Nada de novo com os amigos?

- Não, eles estão ocupados ensaiando para a competição local.

- Certo – respondeu, acenando com a cabeça. – E Kauan?

Suspirei.

- Está tudo bem com Kauan – respondi. – Como sempre.

Bárbara sorriu.

- Que ótimo – seus olhos desviaram de meu rosto apenas por um segundo, mas ela apontou para o meu pulso roxo – Ei, o que aconteceu aí?

Cobri rapidamente o machucado, puxando a manga da blusa.

- Ah, nada – suspirei. – A porta do carro fechou em cima dele. Foi um acidente.

Capítulo 19

Nos dias após o incidente no consultório de seu pai, Kauan fez tudo para me recompensar. No início, fiquei receosa ao vê-lo me esperando todos os dias na recepção da clínica, vasculhando seu rosto por sinais de sua versão violenta e maldosa. Mas, à medida que os dias iam passando, e Kauan se esforçava cada vez mais para conquistar de volta minha confiança, mais acreditava que aquele teria sido apenas um momento ruim em nosso relacionamento. Eu tinha lhe dado a chance de melhorar e ele a havia aceitado, fazendo seu melhor para me fazer esquecer.

As marcas em meu corpo tinham durado alguns dias, mas eu as havia escondido bem. Agora, no pulso, só restavam pequenos pontos arroxeados,

PERIGOSAS NACIONAIS

fáceis de serem justificados. O maxilar voltara ao normal, assim como o ombro dolorido. Em algum momento, comecei a duvidar se o que havia acontecido teria mesmo sido tão sério e significativo. Afinal, agora tudo parecia bem.

No sábado, acordei com um telefonema de Kauan.

- Alô? - atendi, sonolenta.

- Bom dia, meu amor - sua voz no outro lado da linha era alegre e carinhosa, e eu senti meu peito se aquecendo. —Te acordei?

Espreguicei-me na cama, levantando os braços.

- Sim, mas tudo bem - encarei o relógio na mesa de cabeceira. - Já estava na hora de qualquer forma.

- Bem, só queria confirmar se vamos à

PERIGOSAS ACHERON

competição hoje - perguntou ele e eu suspirei.

Hoje aconteceria a primeira fase das competições locais de dança. Davi havia me convidado para assistir, já que eles seriam um dos primeiros a se apresentar. No começo, fiquei relutante, mas percebi que ficaria mais aflita em casa, sem saber o que estava acontecendo. Eu havia convidado Kauan a me acompanhar, já que meus pais não poderiam estar presentes, ambos ocupados demais com seus próprios trabalhos. Para a alegria de meu pai, o restaurante vinha atraindo muitos clientes, inclusive, jornalistas que fizeram críticas muito positivas. Minha mãe, por outro lado, andava estressada com um caso particularmente difícil que tinha pegado. Ainda assim, eu sabia que ela gostava dos casos mais complicados.

- É claro - respondi. - Estou animada

- Eu também - admitiu ele. - Nunca vi nada

do tipo.

- Bom, acho que vai adorar - falei, sorrindo para o teto. —Passa aqui em casa às 15h?

- Vou estar aí - respondeu. - Te amo.

- Eu também.

Desliguei o celular e fui tomar um banho, surpresa por ter acordado tão tarde. Agora que minhas corridas tinham se tornado mais frequentes, sentia que meu corpo ainda não estava completamente recuperado, precisando de mais momentos de descanso para se colocar no lugar. Ainda assim, insistia em correr todos os dias com Davi, geralmente, no final da tarde, após os ensaios.

Mandei uma mensagem de boa sorte a todos os meus amigos que iam competir, sabendo que eles estariam nervosos. Fernanda era uma ótima professora e coreógrafa e, nos últimos anos, PERIGOSAS ACHERON

tínhamos conseguido ficar sempre entre os três primeiros colocados na competição. Apenas duas outras escolas criavam uma competição real, e era com elas que lutávamos pelo primeiro lugar.

Às duas e meia, já estava marchando pela casa, ansiosa. Quando Kauan tocou a campainha, corri para a porta, agarrando a bolsa na mesa da cozinha.

Ele estava usando uma bermuda branca e camisa de botões esverdeada, os cabelos bagunçados e as mãos nos bolsos. Ao me ver, abriu um enorme sorriso. E, assim eu soube, não havia sinais de sua versão ruim. Ele me puxou para um abraço, segurando com cuidado minha cintura, enquanto beijava minha testa e alisava meu cabelo.

Segurei sua mão enquanto caminhávamos sob o sol escaldante do meio da tarde. Meu vestido balançava com o movimento de minhas pernas,

mas não havia sequer uma brisa. O teatro onde aconteciam as apresentações era o mesmo em que eu havia feito minha última apresentação como Bela Adormecida, há cinco meses. Não sabia como me sentiria ao voltar ali, mesmo que o acidente em si tivesse acontecido na casa de Alícia. Eu me lembrava bem daquela noite, de como havia estado feliz apenas alguns minutos antes de cair. Mesmo que as corridas diárias suprissem minha necessidade de exercícios físicos, eu sentia falta de estar nos palcos.

Chegamos ao auditório lotado, e eu vasculhei o local em busca de meus amigos. As três primeiras escolas a se apresentar já estariam atrás do palco, preparando-se, mas Alícia havia me avisado que eles seriam o quinto grupo na programação. Finalmente, enxerguei-os reunidos em frente à primeira fileira de poltronas, Fernanda

dando instruções. Apenas Júlio me viu e acenou. Acenei de volta, fazendo um coração com as mãos e, quando me virei para Kauan, preocupada com sua reação, vi que ele também acenava. Em seu rosto, havia o vestígio de um sorriso. Assim, sorri internamente, feliz que ele não estivesse tão distante de meus amigos.

Encontramos um lugar para sentar em duas poltronas no centro do auditório, onde a maioria dos espectadores estava sentada. Os bailarinos, percebi, tinham sido todos colocados nas primeiras fileiras, distinguindo-se por seus uniformes coloridos. Observei atenta os competidores das melhores escolas, olhando-os com as sobrancelhas franzidas.

- É tudo tão chique - comentou Kauan, olhando ao redor e chamando minha atenção.

Segui seu olhar para o teto abobadado, as

poltronas azuladas e o chão de madeira. Eu tinha estado ali tantas vezes que os detalhes haviam se perdido, e esta era a primeira vez que realmente notava a beleza do lugar. Antes eu havia estado sempre tão focada em meus movimentos, meus saltos e giros, minha posição no palco. Não tivera tempo para perceber onde estava de fato.

- É, acho que sim - acabei concordando.

Kauan pegou minha mão, beijando meus dedos.

- Você parece nervosa - comentou.

- E estou - admiti.

Embora não fosse dançar, podia sentir o coração pulsando mais forte, como se não aguentasse a ansiedade. Estava nervosa por meus amigos e gostaria de estar com eles compartilhando essa mistura de medo e animação, como havia sido da última vez. Ainda me sentia como parte da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

equipe, ainda que sem estar praticando.

- Não se preocupe - disse Kauan no mesmo momento em que as luzes se apagaram, a cortina se abriu e todos terminaram de se sentar. - Tenho certeza de que eles vão se sair muito bem.

Encarei-o com um sorriso, surpresa. Então, a primeira escola começou sua apresentação, e eu me virei para o palco. Os bailarinos usavam roupas pretas bem justas, as garotas com uma saia curta de tule amarrada à cintura. A música escolhida era rápida e sombria, com muitas batidas. Eles se moviam com agilidade, dando saltos e giros sem se preocupar com sincronia. Era um estilo moderno de dança, com uma mistura de balé e dança de rua.

Aplaudi, impressionada, quando eles finalizaram a apresentação.

- Eles foram bem, certo? – perguntou Kauan ao meu lado, batendo palmas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim – respondi, preocupada. – Muito bem.

A segunda apresentação acabou sendo um grande fracasso. Os bailarinos usavam roupas coloridas e se dividiam com base nas cores. Quando uma garota de amarelo foi para a esquerda, enquanto os demais de amarelo foram para a direita, o grupo todo se confundiu. Eles perderam o ritmo da música e, no final, a garota de amarelo saiu correndo do palco, as mãos cobrindo o rosto.

Após duas apresentações medianas, vi meus amigos chegando ao palco e apertei com força a mão de Kauan. Eles usavam roupas em diversos tons de azul, Natália destacando-se pelo azul-marinho bem escuro, com detalhes em brilho branco, tornando-a uma representação do céu estrelado. Senti um aperto no peito ao vê-la, mas sabia que ela era a única opção para um solo inicial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim, a música começou com o som de um piano, lenta. Enquanto os outros permaneciam parados, Natália se movia com agilidade sobre o palco, os movimentos fluidos e o corpo flexível. O tecido de sua saia se arrastava atrás dela, formando um borrão quando ela se movimentava. Então, o piano parou, criando uma pausa de apenas alguns segundos, antes que o resto dos instrumentos explodisse de repente e todos os bailarinos comesçassem a se mover. Vi Davi puxando Natália pelas mãos, segurando-a sobre os ombros e girando-a, e senti uma pontada de ciúmes. Vi Andrea e Alícia, dançando sincronizadas em um dos lados do palco, imitando o movimento de Pedro e Júlio, do outro lado. Camila dançava com Layla e Maria, ambas amigas de Natália, logo atrás do casal principal. Em outra pausa na música, todos se juntaram no meio e, quando o piano voltou, solitário, eles recomeçaram a dança, desta vez,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sincronizados em uma linha reta no palco. Era realmente impressionante de assistir, percebi. Eles eram bons. *Eu* era boa. E devia estar ali.

Quando a música finalmente terminou, senti os olhos cheios de lágrimas e aplaudi, sorrindo. Sabia que eles tinham ido muito bem e conhecia a sensação de satisfação e alívio que agora deviam estar sentindo. Eu a sentia também, sem sequer ter dançado. Eu sabia que fazia parte de tudo isso, mesmo sem estar realmente incluída.

Vi Kauan, em pé ao meu lado, aplaudindo vigorosamente e sorrindo também. Ele parecia maravilhado, e eu encarei sua expressão de espanto com pesar, desejando que ele pudesse estar *me* aplaudindo também.

- E você dançava assim? – perguntou ele ao se sentar, soltando um assobio. – Uau. Queria ter visto isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorri, observando meus amigos descendo do palco e desabando nas poltronas da primeira fileira. Queria ficar junto com eles, mas sabia que estariam concentrados até o fim das apresentações, avaliando a competição. Assim, desviei o olhar e voltei-me para o palco, onde a próxima escola já se posicionava.

Quando todas as dez escolas haviam se apresentado, os juízes subiram ao palco, anunciando os classificados para a próxima fase. Em primeiro lugar, estava uma de nossas maiores escolas competidoras. E, em segundo, a Academia. Comemorei silenciosamente, enquanto via meus amigos se abraçando, sorrindo. A próxima fase seria em alguns meses e, desta vez, os juízes determinariam um tema a ser seguido. A coreografia devia ser montada com rapidez e simplicidade, mas ainda demonstrando o potencial

PERIGOSAS ACHERON

de todos os bailarinos. Fernanda sempre costumava dizer que esta era a parte mais difícil da competição.

Quando o evento terminou, puxei Kauan pelas mãos, atravessando o mar de pessoas que tentava sair do auditório enquanto buscava chegar aos meus amigos.

Davi me puxou pela cintura assim que me aproximei, girando-me nos braços. Eu ri, segurando seu pescoço. Olhei relutante para Kauan, mas ele parecia tranquilo, apertando a mão de Júlio e dando um beijo na bochecha de Alícia. Quando Davi me soltou, ele o cumprimentou também, colocando as mãos em seus ombros.

- Parabéns – disse ele, abrindo um enorme sorriso. – Agora entendo o que Lavínia vive falando. Vocês são realmente ótimos.

Alícia veio me abraçar e eu observei

contente, por cima de seus ombros, enquanto Davi explicava a Kauan como seria o resto da competição. Meu coração se aqueceu ao ver os dois finalmente se dando bem, e sorri ainda mais quando Júlio se aproximou. Talvez, assim, Kauan finalmente compreendesse que não devia se preocupar com meus amigos.

- Vi, estamos indo comemorar – disse Alícia, passando um braço pela minha cintura. – Vocês vêm?

Encarei Kauan com expectativa, e ele sorriu, estendendo sua mão para pegar a minha.

- Claro.

Feliz, segurei sua mão com força, enquanto caminhávamos atrás da turma de bailarinos, saindo do auditório para a rua. Os outros conversavam animadamente à frente, Alícia pulando nas costas de Júlio enquanto Davi discutia algo com Natália e

Fernanda. Eu sabia que, provavelmente, era apenas uma conversa sobre as próximas coreografias, mas não pude deixar de sentir novamente uma pontada de ciúmes. Eu queria ser a parceira de Davi. Era sempre assim que havia sido.

Mas mesmo a tristeza por não poder dançar não era o suficiente para me tirar o bom humor. O céu começava a escurecer quando chegamos à pizzaria, um mar de estrelas visíveis apesar das luzes da cidade, nenhuma nuvem à vista.

- Então, agora você gosta de meus amigos? – perguntei a Kauan enquanto Fernanda conversava com a garçonete, buscando uma mesa grande o suficiente para caber todos nós.

Ele deu de ombros, mas parecia satisfeito que eu houvesse percebido.

- Eles são seus amigos – respondeu. – Você deve tê-los escolhido por algum motivo. Confio em

você.

Sorri, beijando sua bochecha, e então seguindo a todos para dentro da pizzaria. Como ainda era cedo, conseguimos uma enorme mesa, ao lado da janela, e eu me sentei entre Kauan e Alícia, de frente para Davi e Júlio. Acenei para os outros bailarinos, no meio da mesa, Andrea e Camila me perguntando, imediatamente, quando poderia voltar às aulas. Com quase cinco meses de recuperação, tudo indicava que eu teria a movimentação completa, sem problemas para utilizar a sapatilha de ponta. Ainda assim, sabia que Livia recomendara um tratamento de oito meses. Apesar de ter uma pequena esperança de que meu desempenho convencesse Fábio a me liberar mais cedo, duvidava que ele fosse agir contra as recomendações médicas. Neste ritmo, eu estaria de volta às aulas em agosto.

- Isso é ridículo – ouvi Alícia murmurar e me virei. – O melhor da trilogia original é obviamente *O Ataque dos Clones*.

Confusa, encarei Davi, que os observava com um olhar divertido. Pelo jeito, Kauan tinha se metido em uma discussão com Júlio e Alícia sobre os filmes de *Star Wars*.

- Desculpa, gatinha, mas você é a única que acha isso – apontou Júlio, colocando a mão no ombro de Alícia.

- Não tem discussão – concordou Kauan. – *O Império Contra-Ataca* é o melhor. Tanto da original quanto da nova.

- Você só diz isso, porque é um daqueles fãs que acha que a nova trilogia não pode ser boa – reclamou Alícia, revirando os olhos.

- Não, não – disse Kauan, sorrindo. – *O Despertar da Força* é decente. O pior mesmo é *A PERIGOSAS ACHERON*

Ameaça Fantasma.

Júlio assentiu, estendendo as mãos para tocar a de Kauan, e Alícia bufou, revoltada, desistindo da discussão e pedindo um refrigerante. Eu sorri, encarando Kauan, que parecia realmente estar se divertindo. Então ele se virou para mim, depositando um beijo em minha testa e pedindo uma Coca para nós dois. Quando voltou a falar, dirigia-se a Davi, perguntando se sua mãe estava bem. Eu apenas os observei, mais alegre do que poderia expressar por, finalmente, todos estarem se dando bem.

Capítulo 20

- E este? – perguntou minha mãe, estendendo algo que parecia um cinzeiro.

Ergui as sobrancelhas, confusa.

- Tia Elisa é fumante? - indaguei, e minha mãe revirou os olhos.

- Não é um cinzeiro, Lavínia - suspirou ela.
- É para enfeitar a mesa, está vendo? É chique.

Dei de ombros, caminhando para longe.

- Parece um cinzeiro chique.

Estávamos há alguns minutos na loja de decoração, mas pareciam horas. Era um sábado de manhã e minha mãe havia insistido que eu a acompanhasse para escolher um presente para minha Tia Elisa. Ela morava em uma cidade

PERIGOSAS NACIONAIS

próxima e acabara de ter um bebê. Em algumas semanas, meus pais iam visitá-la e queriam levar algo de presente. Já compráramos uma roupinha de neném, mas minha mãe queria algo pessoal para Tia Elisa, como um agradecimento por recebê-los. Assim, tínhamos passado em algumas lojas de roupa até chegarmos a uma enorme loja de artigos decorativos, cheia de peças que eu jamais imaginaria que alguém compraria, como o cinzeiro chique.

- E isto? - perguntou ela, agora me mostrando um vaso de flores colorido.

- Acho que não combina muito com Tia Elisa.

- Por que não? - perguntou minha mãe, parecendo ultrajada. - Bem, é minha irmã e eu a conheço e acho que vai adorar.

- Então leve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela agarrou o vaso com firmeza, marchando até o caixa.

- Vou levar - afirmou. - Já estou de saco cheio dessa loja.

Eu ri, seguindo-a e trocando mensagens com Kauan e Alícia enquanto esperava que ela pagasse. Alicia estava me convidando para uma noite de garotas em sua casa, e eu concordei, animada. Não fazíamos uma noite de garotas desde alguns meses antes do meu acidente, e eu sentia falta das conversas banais, filmes clichês e comidas cheias de açúcar. Kauan, por outro lado, parecia irritado com alguma coisa. As mensagens eram secas e diretas, mas, quando perguntei o que havia acontecido, ele apenas disse que não queria falar sobre o assunto.

- Seu pai vai trabalhar até tarde hoje, de novo - suspirou minha mãe, depois de termos

PERIGOSAS ACHERON

pagado e saído da loja. – O que acha de vermos um filme?

- Ah, Alícia já me convidou para dormir na casa dela - encolhi os ombros. - Noite de garotas.

Minha mãe suspirou, apertando a chave para abrir o carro, colocando as compras no banco de trás.

- Bem, era isso que eu queria - ao ver minha expressão, ela bufou. - Estou brincando, querida. Vá e aproveite por mim. Consigo ver um filme sozinha.

Eu sorri, sabendo que ela só estava sentindo falta de meu pai. Ele estava mesmo trabalhando muito, o que era bom, pois significava que o restaurante estava atraindo clientes. Ainda assim, sabia que minha mãe ficava frustrada por seus horários serem tão desencontrados, ela trabalhando o dia todo e, ele, até tarde da noite e

PERIGOSAS NACIONAIS

nos horários de almoço.

- Ah! - minha mãe apontou para o outro lado da rua. - Estou mesmo precisando de uma mudança. O que acha?

Encarei o lugar para onde ela apontava, um enorme salão de beleza lotado.

- Acho que não vamos conseguir nem entrar ali dentro - respondi, sincera, observando o movimento constante de clientes e funcionários. O salão tinha portas e janelas de vidro, deixando a movimentação bem exposta. Vi mulheres fazendo as unhas, outras com os cabelos molhados e cheios de creme, outras com os rostos enrugados pelo ar forte dos secadores de cabelo.

- Bobagem - disse minha mãe, pegando minha mão para atravessarmos a rua. - Conheço a Jamile. Ela sempre tem um horário vago para emergências como essa.

PERIGOSAS ACHERON

De fato, Jamile tinha um horário vago ao meio-dia. Resolvemos esperar, e minha mãe pegou algumas revistas, buscando inspirações para sua transformação espontânea.

- Não quero tirar no comprimento - suspirou ela, exclamando de repente e me mostrando uma foto na revista. - Acha que eu ficaria bem de loira?

Antes que eu pudesse responder, ela mesma tirou sua conclusão.

- Não - concluiu. - Não mesmo. Talvez ruivo?

- Talvez umas mechas - apontei para a foto da página seguinte, de uma morena com os cabelos iluminados por mechas cor de cobre. - Acho que ficaria bom.

Ela assentiu, parecendo concordar, mas continuou vasculhando as revistas. Meia hora
PERIGOSAS ACHERON

depois, Jamile apareceu, um enorme sorriso no rosto, parecendo louca para fazer transformações. Seus olhos eram gigantes e azuis, destacados por um delineado forte. Os cabelos eram curtos e bagunçados, combinando com o estilo meio roqueiro das roupas e o batom vermelho berrante.

- Então? - perguntou ela para minha mãe. - O que vai ser?

- Estava pensando em algumas mechas cobre, assim - respondeu minha mãe, mostrando-lhe a revista, como se tivesse pensado sobre o assunto por muito tempo. – O que acha?

- Divino - concordou Jamile, puxando minha mãe pelos braços. - Sente-se ali. E você, querida?

Suspirei.

- Bem, só um corte - respondi, pois realmente precisava. As pontas do cabelo longo já

PERIGOSAS ACHERON

não eram cortadas há muito tempo e estavam ressecadas e espigadas.

- Certo, Angelina vai cuidar de você.

Fui guiada para lavar os cabelos por uma moça muito mais discreta que Jamile, usando um simples vestido verde por baixo do uniforme preto, os cabelos loiros presos em um coque.

- Então só vamos tirar as pontas? - perguntou ela quando me sentei de volta na poltrona à frente do enorme espelho. Podia ver minha mãe do outro lado do salão, rindo com Jamile.

- Ah... - hesitei, observando os cabelos molhados que iam até a cintura.

Desde sempre eu havia tido o cabelo grande. Na verdade, nunca havia me preocupado muito com ele, pois o prendia constantemente para os ensaios e apresentações. Ele precisava mesmo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidados, especialmente sendo tão longo, mas eu nunca havia me importado. A cor havia escurecido um pouco desde que era criança, firmando-se em um tom de marrom perto do preto. Era liso, sem muito movimento, ainda mais com a falta de corte. Era um cabelo chato, mas eu nunca havia prestado muita atenção.

De repente, comecei a ficar muito incomodada.

- Não sei - falei. - Talvez... Ah, o que acha que ficaria bom?

Vi o rosto de Angelina se iluminar, como costuma acontecer quando cabeleireiros recebem um passe livre para opinar. Ela buscou rapidamente uma revista no sofá, abrindo a página como se a tivesse decorado. Então, inclinou-se para me mostrar a foto de uma modelo com um cabelo muito curto, acima das orelhas.

PERIGOSAS ACHERON

- Seu rosto é fino e bonito, acho que você ficaria ótima com um corte curto. *Pixie cut* - explicou ela. - Claro, é bem curto. Um chanel também ficaria bem. Ou um médio. Um *long bob*...

- Quero o *pixie* - respondi, firmemente.

Não podia imaginar de onde havia tirado a coragem para aderir a um corte tão curto, mas, de repente, sentia-me animada com a possibilidade de uma mudança radical. Parecia certo que meu cabelo acompanhasse minha mudança mental. Eu nunca havia compreendido a necessidade de algumas amigas, inclusive, Alícia, de fazer mudanças externas quando passavam por algo interno. Parecia-me uma tentativa desesperada de fingir ter controle sobre algo na vida. Mas, agora, compreendia que o controle externo poderia inspirar uma mudança interna.

Prendi a respiração quando Angelina

trançou meus cabelos e cortou-os rente ao crânio. Minha cabeça ficou estranhamente leve, como se estivesse faltando alguma coisa. E estava mesmo: nas mãos, Angelina segurava pelo menos vinte centímetros de cabelo, divididos em duas tranças.

- Podemos doar, se quiser - sugeriu ela, e eu concordei.

Minha mãe chegou de repente, acompanhada de Jamile, e as duas arregalaram os olhos. Minha mãe soltou um pequeno grito, cobrindo a boca com as mãos e se aproximando.

- Lavínia! - exclamou ela, e eu ri.

- O que foi? - perguntei, inocentemente. - Tem algo diferente em mim?

Mas minha mãe não conseguia sequer falar, o que me fez rir ainda mais. Era verdade que eu começara a estranhar meu reflexo no espelho, especialmente quando me virei na cadeira e não

PERIGOSAS ACHERON

senti a cascata de cabelos me acompanhando. Mas meus ombros estavam expostos de uma forma que achei bonita, e o pescoço mais fresco do que já estivera antes. Meu rosto destacava-se sem a distração dos cabelos, parecendo mais anguloso.

Quando Angelina terminou de repicar os fios, ajeitando-os na cabeça com um creme, minha mãe pareceu sair de seu transe.

- Você parece um garoto – disse ela.

Revirei os olhos.

- Não. Pareço uma garota de cabelos curtos.

Ela assentiu, cutucando os fios com medo, como se seu toque pudesse fazer ainda mais fios caírem.

- Ficou bonito – disse ela, incerta, e eu ri novamente.

Sabia que ela não tinha gostado. Demoraria

PERIGOSAS NACIONAIS

um tempo para se acostumar, assim como todas as outras pessoas. Mas eu havia gostado, apesar de estar, de repente, muito consciente do tamanho de minhas bochechas. Senti meu coração dar um pulo, animada para ver o que Kauan acharia.

Quando chegamos em casa, meu pai parou à porta, apoiando-se no batente com os braços cruzados.

- Não sei se devo deixá-las entrar – brincou ele, suspirando. – Não conheço vocês e minha esposa deve chegar logo com minha filha.

Minha mãe revirou os olhos, beijando sua bochecha, e eu ri, correndo para o banheiro do térreo para admirar ainda mais o novo corte. As mechas cobres tinham ficado incríveis em minha mãe, mas eram bem discretas. Apenas quando sol batia forte sobre sua cabeça elas realmente se destacavam, brilhando em seu tom avermelhado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu, por outro lado, parecia outra pessoa.

Decidi não contar para ninguém sobre o corte, esperando para surpreender Alícia à noite e Kauan no dia seguinte.

Meu plano, porém foi por água abaixo, quando a campainha tocou no início da noite, enquanto eu arrumava minha bolsa para dormir fora. Desci rapidamente, pois meu pai já havia saído e minha mãe estava no banho. Quando abri a porta, vi Kauan, as mãos enfiadas com força nos bolsos, os olhos distraídos olhando para o céu. Então, ele me viu, e sua expressão se fechou.

- Que merda é essa? – murmurou ele, analisando meu cabelo, ou minha falta de cabelo.

Sorri, envergonhada e tentei fazer graça.

- O que? – respondi, inocente, mas ele não entrou na brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por que fez isso? – perguntou, bufando e entrando na casa.

Fechei a porta com cuidado e então me virei para ele, parado no hall de entrada com os braços cruzados, ainda me encarando.

- Ah, queria uma mudança – respondi, sentindo-me menos animada.

- É muito curto – disse ele.

Suspirei, passando a mão pelos cabelos rebeldes. Ainda estava me acostumando com a textura macia e desajeitada do repicado.

- Sim – respondi. – Sim, está curto. Você gostou?

Kauan deu um passo para trás, analisando.

- Suas orelhas estão enormes – murmurou.
– E você parece um menino. Todos vão achar que estou namorando um garoto.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli em seco, sentindo as lágrimas por trás das pálpebras. Sentia-me ridícula, como se o corte tivesse sido um grande erro, o que era estranho, pois, até alguns minutos atrás, eu me sentia livre com tão pouco cabelo. Parecia ter-me libertado de algo. Agora, sentia falta do cabelo até a cintura. Eu sabia que a maioria dos homens preferia mulheres com cabelos longos, mas essa não era a reação que eu esperava.

Ouvi Kauan bufar de novo enquanto eu encarava meus pés descalços.

- Sério, Lavínia? – resmungou ele, sem nenhuma gentileza. – Vai ficar chateada porque disse que não gostei? Droga, você me perguntou. Queria que eu mentisse?

Eu havia perguntado, realmente, e ele havia dito o que pensava. Não conseguia entender porque estava tão afetada, mas, estava, ainda mais com seu

PERIGOSAS NACIONAIS

tom de voz grosso e mal-educado, mas não sabia o que responder.

Kauan suspirou.

- Escute, vim chamá-la para sair – disse ele, estendendo sua mão para pegar a minha.

- Não posso – respondi. – Vou dormir na casa de Alícia.

- Você tem que vir – insistiu ele. – Vamos encontrar meus amigos.

Arqueei as sobrancelhas, surpresa, e ele sorriu.

- Eu sei que você quer conhecê-los há um tempo – disse Kauan. – Finalmente consegui reunir todos, você precisa vir.

Suspirei novamente. Era verdade que eu vinha insistindo para Kauan me apresentar a seus amigos há algumas semanas. Eu achava estranho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele tivesse conhecido os meus, sem que eu conhecesse nenhuma das pessoas com as quais ele passava a maior parte dos dias. Por algum motivo, ele não parecia tão animado com a ideia.

Mas, agora, aqui estava ele, sugerindo, finalmente, fazer as apresentações, como eu queria.

- Não sei – murmurei. – Combinei com Alícia, ela vai ficar chateada.

- Alícia vai sobreviver uma noite sem sua rainha – disse ele, revirando os olhos, e eu curvei a cabeça, apertando seu braço.

- Achei que você gostasse de Alícia.

- E gosto – disse ele. – Mas, sério, Lavínia, a garota precisa deixar de ser obcecada com você. Você fala com ela o dia todo. Ela não tem outras amigas?

É claro que Alícia tinha outras amigas, mas

PERIGOSAS ACHERON

eu era sua *melhor* amiga. Porém compreendia o que Kauan estava dizendo. Nas últimas semanas, eu e Alícia tínhamos conversado muito, especialmente porque Júlio estava tão concentrado nas provas dos vestibulares que queria tentar.

- Vou falar com ela – suspirei, e Kauan sorriu, satisfeito.

- Ótimo – respondeu, beijando o topo de minha cabeça. – Vou esperá-la aqui fora. Não demore.

Capítulo 21

Avisei minha mãe que estava saindo com Kauan, e ela pareceu surpresa, mas não disse nada. Estava se arrumando, colocando um vestido bonito e prendendo os cabelos. Quando perguntei aonde ia, ela disse que meu pai a havia convidado para um encontro em seu próprio restaurante, o que me pareceu muito prático.

Mandei uma mensagem para Alícia, cancelando nossa noite de garotas, enquanto estava no carro de Kauan, e ele dirigia até o lado oposto da cidade. Ela respondeu imediatamente, parecendo chateada, mas concordou em remarcar para o dia seguinte. Pedi-lhe desculpas mais uma vez, sentindo-me culpada.

- Tudo certo? — perguntou Kauan,

PERIGOSAS NACIONAIS

pousando a mão livre em minha perna enquanto os olhos permaneciam focados no trânsito.

- Tudo – respondi, fazendo um gesto para colocar o cabelo atrás da orelha e descobrindo que não havia cabelo para colocar. – Remarcamos para amanhã.

Ele suspirou, mas não disse nada.

- O que foi? – perguntei, começando a me irritar.

- Queria levá-la ao teatro amanhã. – disse ele, em voz baixa. – Uma sessão especial do musical do Rei Leão. Não sei, achei que você pudesse gostar...

Respirei fundo. Ele sabia que eu amava musicais, e eu sabia que não poderia recusar. Além disso, os ingressos não poderiam ser baratos. Alícia teria que esperar mais uma noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Como ficou sabendo? – perguntei, impressionada. – E como conseguiu ingressos? Achei que já estariam esgotados!

Ele sorriu e me olhou pelo canto dos olhos.

- Meu tio trabalha no teatro – disse ele. – Ele me falou e eu comprei imediatamente. Era pra ser uma surpresa. Sei que você adora musicais. Mas, se você não quer ir...

- Não! – exclamei imediatamente, e ele riu. – Alícia vai sobreviver. Ah, estou muito animada. Não acredito que fez isso!

Kauan alargou o sorriso e apertou minha coxa com delicadeza.

- Você sabe que faço tudo por você – sussurrou ele, e eu senti o peito se aquecendo.

Quando chegamos ao bar, a rua já estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lotada, e conseguimos estacionar há alguns quarteirões de distância. Por ser no lado oposto da cidade, eu não conhecia o bar ou a região. Mas Kauan parecia bem familiarizado, cumprimentando diversas pessoas e os atendentes, enquanto caminhávamos para um dos cantos no interior do bar, perto de uma janela.

- Kauan, finalmente, cara! – gritou um garoto com aparência mais velha, apoiado perigosamente na janela.

- E aí, Pietro? – cumprimentou Kauan, sorrindo e segurando minha mão com mais força.

Aproximamo-nos da mesa nos fundos, onde Pietro estava com mais três garotos. Eles se apresentaram rapidamente como Luis, Giovanni e Mateus, e eu sorri, tímida. Kauan tinha me largado por um momento, parecendo distraído com os amigos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ela é bonita – ouvi Giovanni elogiando.

- Era mais bonita ontem, quando estava com mais cabelo – zombou Kauan, e eu senti o rosto esquentando.

Fiquei afastada por alguns minutos, esperando que a animação inicial se dissipasse e eu pudesse ser mais incluída. Quando isso não aconteceu, apertei-me ao lado de Kauan, segurando seu braço. Ele pareceu não me notar e continuou conversando.

- Não sei, cara, acho que talvez eu tranque o semestre – ouvi Mateus dizendo. – Não sei onde estava com a cabeça quando resolvi fazer medicina.

- E vai fazer o que? Usar seus talentos musicais para virar cantor de sertanejo? – riu Pietro, batendo com força no braço de Luis.

Mateus revirou os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quero tentar uma transferência, idiota – resmungou. – Devo conseguir cortar algumas matérias se escolher um curso na área da saúde.

- Consegue, sim – respondi, feliz por finalmente ter o que comentar. – Minha prima fez isso, saiu de medicina e se transferiu para odontologia. Ela cortou quase todo o ciclo básico.

Senti Kauan enrijecer ao meu lado e o vi torcendo o nariz.

- Mas Lavínia não faz faculdade, não entende muito do assunto – disse ele casualmente.

- Ah, o que você faz, então? – perguntou Mateus, parecendo interessado.

Sorri para ele.

- Sou bailarina – respondi, esperando a expressão de choque que as pessoas costumavam demonstrar ao descobrir que eu pretendia ser atleta

PERIGOSAS ACHERON

profissional.

- Maneiro! – exclamou Mateus. – Uma atleta.

- Na verdade, ela não está praticando mais, não é, Lavínia? – interrompeu Kauan, apertando-me com mais força. – Teve uma lesão no joelho. Talvez seja hora de começar a pensar em outra carreira.

Ergui as sobrancelhas, ofendida e abri a boca para falar, mas Kauan já havia mudado de assunto, cortando meus protestos.

Pelo resto da noite, a dinâmica de exclusão continuou. Sentia-me deslocada, como se não tivesse sido convidada. Quando tentava me incluir no assunto, Kauan parecia se irritar e fazia questão de imediatamente me interromper, desqualificando minha opinião ou mudando de assunto. Em algum momento, parei de tentar, permanecendo quieta,

enquanto Kauan passava o braço por cima de meus ombros, como se fosse um acessório.

Quando um cara mais velho passou ao meu lado, empurrando-me para conseguir atravessar, Kauan finalmente pareceu me notar. Ele franziu as sobrancelhas, furioso, e me puxou para mais perto, apertando com força meus ombros.

- Ei! – gritou ele, mas o homem não o ouviu, já distante.

- Está tudo bem – eu o acalmei, pousando minha mão por cima da sua. – Foi sem querer.

- Sem querer uma ova – resmungou ele. – Só queria se esfregar em você. Acho melhor irmos embora. Preciso estudar para uma prova amanhã.

Apesar de discordar do motivo, fiquei aliviada de podermos ir embora. Minhas pernas doíam por ter ficado tanto tempo em pé, e os ombros estavam pesados onde Kauan apoiara seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços. Despedimo-nos rapidamente de todos, e Kauan me guiou pela mão de volta até o carro.

A noite estava fria, e eu usava uma saia curta e regata. Os cabelos curtos contribuíam para que eu sentisse mais frio, e eu apertei os braços de Kauan, na esperança de me aquecer enquanto caminhávamos pelos quarteirões desertos. Não era tão tarde, mas toda a movimentação parecia estar concentrada no bar.

- Você está quieta – reclamou Kauan e senti minha irritação vindo à tona.

- Achei que era assim que você queria que eu ficasse – resmunguei de volta.

- Do que é que você está falando?

Suspirei, largando seu braço e cruzando os meus. Encarei seu rosto e vi que ele parecia confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você me ignorou a noite toda – reclamei, séria. – E ficava me cortando. Parecia que você só me queria ali para ostentar com seus amigos.

Kauan continuou me encarando sem expressão, andando devagar.

- Você está imaginando coisas, Lavínia – respondeu ele.

Ergui as sobrancelhas.

- Não estou, não.

Finalmente, ele parou, fazendo-me parar também e enfiou as mãos nos bolsos.

- Está – insistiu ele. – A maioria dos assuntos era coisa de homem. Achei que você não ia querer participar. Você parecia tão entediada.

- Eu *estava* entediada! – exclamei, batendo o pé. – Você sequer tentou me incluir na conversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kauan suspirou e pareceu pensar por alguns segundos, estendendo os dedos e tocando minhas bochechas geladas.

- Desculpe – disse ele, acariciando meu rosto. – Não tive a intenção.

Hesitei, pois não era o que tinha parecido. Ele parecia ter feito de propósito, como se realmente não me quisesse ali. Mas, no fim, eu queria mesmo acreditar que não havia sido por maldade.

Kauan pareceu sentir minha mudança de humor e pegou minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus.

- Meu Deus, você está gelada – disse ele, puxando-me mais para perto. – Venha. Vou lhe fazer um chocolate quente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Eu e Kauan tínhamos combinado de nos encontrar meia hora antes do horário marcado do musical, em frente ao teatro. Como ele estaria na faculdade, pedi que minha mãe me levasse para encontrá-lo às oito da noite. Eu estava tão animada que mal podia me conter. Tinha explicado para Alícia porque não poderíamos ter nossa noite de garotas, e ela havia ficado chateada, mesmo quando expliquei que ia ver um musical incrível. Eu sabia que ela sentia minha falta, ainda mais agora que Júlio estava tão ocupado, mas pensei que ela poderia apenas convidar Andrea ou Camila para fazerem algo.

Na noite anterior, Kauan tinha me levado em casa e feito outro chocolate quente. Como não

PERIGOSAS NACIONAIS

era tarde, sentamos na sala para assistir a um filme até que meus pais chegassem. Soube que eles gostavam de Kauan quando chegaram e não se incomodaram ao vê-lo esparramado no sofá, a cabeça no meu colo, um sono profundo. Ele acordou quase imediatamente, mas minha mãe apenas riu, e meu pai subiu as escadas sem uma segunda avaliação da situação. Apesar de nunca ter tido um namorado sério antes, eu sabia que meus pais eram bem restritos quanto a levar garotos em casa. Mesmo Davi não podia ir ao meu quarto, e nos conhecíamos há quase quinze anos. Kauan, pelo jeito, havia conquistado a confiança deles.

Estava alegre enquanto esperava Kauan do lado de fora do teatro, vendo as pessoas entrando, bem vestidas, parecendo muito cultas. Eu havia me arrumado com cuidado para que não me sentisse deslocada como na noite anterior. Usava um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vestido vermelho rodado com mangas até os cotovelos e uma sandália de salto grosso. Meu cabelo curto parecia dar um toque de sofisticação à composição, ainda que fosse bem moderno. Eu o tinha ajeitado de forma que cobrisse um pouco as orelhas, esperando que elas não parecessem tão grandes.

Comecei a me preocupar quando vi meu celular marcando oito e vinte. Kauan era muito pontual e estava com os ingressos. Esperei até oito e meia, quando o espetáculo começaria, e disquei seu número. Imediatamente, ouvi o aviso da caixa postal e desliguei. Fiquei em pé, confusa, em frente à bilheteria. Vi uma mensagem de Davi, desejando um bom show, pois sabia que eu amava musicais, mas não lhe respondi. Não sabia o que responder. Já deveríamos estar lá dentro, sentados e prontos. Torci para que o espetáculo atrasasse, mas, quando

PERIGOSAS ACHERON

o relógio marcou nove e quinze da noite, decidi que não podia mais esperar.

Estava nervosa e preocupada, um misto de receio e irritação. Eu havia levado um bolo enorme, e Kauan sequer tinha se preocupado em me avisar. Pensei se ele poderia apenas ter esquecido e fiquei apenas com mais raiva. Mas como ele poderia se esquecer? Ele estaria na faculdade e me encontraria no teatro, ao fim da aula, já que ficava a apenas alguns quarteirões de distância. Era o que tínhamos combinado.

Quando liguei para seu número e, novamente, ele não atendeu, resolvi tentar encontrá-lo. Eu sabia onde era a faculdade do bairro e o prédio de medicina, então, caminhei com passos apressados até chegar ao campus, um enorme local com prédios gigantes espalhados pela propriedade, os caminhos entre eles iluminados por

PERIGOSAS NACIONAIS

postes pequenos. Segui as placas que indicavam a direção do departamento de medicina.

- Ei! - gritei, vendo Kauan descendo as escadas vazias do prédio central, seu rosto iluminado apenas pela luz fraca dos postes. Como já era tarde, a faculdade estava vazia, com apenas algumas pessoas passando apressadas de tempos em tempos.

Ao me ver, o rosto de Kauan se fechou, o que era a última reação que eu esperava depois de ele ter me deixado esperando por quase duas horas. Ele caminhou rapidamente em minha direção, os olhos escuros sombrios, os braços firmes ao lado do corpo. Em vez de me cumprimentar, passou direto por mim.

- Ei! - gritei novamente, correndo o mais rápido que conseguia atrás dele, até alcançar seu braço e segurá-lo. - Qual é o seu problema, Kauan?

PERIGOSAS ACHERON

Me deixou esperando quase duas horas! O que aconteceu? Ei!

De repente, tínhamos invertido a posição. Seu braço tinha se soltado habilmente de minhas mãos e, agora, era ele que me segurava com força, os dedos apertando os braços. Lembrei-me imediatamente da cena no consultório de Fábio, quando ele havia me segurado com tanta força, com tanto ódio e violência. Lembrei-me dele prometendo que jamais me tocaria daquela forma de novo.

- Me solte - sussurrei, tentando não irritá-lo ainda mais. - Kauan, me solte, por favor, você prometeu que isso não aconteceria mais...

Tapa. Suas mãos haviam soltado meus ombros, apenas para acertarem meu rosto. Pisquei com força, sentindo as lágrimas nos olhos, a bochecha ardendo. Ele havia me esbofeteado, como

PERIGOSAS NACIONAIS

se não tivesse escutado o que eu tinha dito antes. Ou como se não se importasse.

- Meu Deus, Lavínia - rosnou ele, abrindo a boca pela primeira vez. - Isso é tudo culpa sua. Você acha que o mundo gira ao seu redor só por causa do seu acidente idiota.

Arregalei os olhos, encarando-o, as lágrimas ainda queimando. Novamente, uma expressão de puro desprezo havia tomado conta de seu rosto. Quis responder e revidar, mas não pude. Sentia-me humilhada e envergonhada, desejando que Kauan apenas voltasse a ser aquele que eu podia reconhecer, com as palavras gentis, o carinho. Eu queria o Kauan que me amava.

- Você é uma egoísta - continuou ele, e cada palavra sua parecia me atingir como uma facada. - Eu estava refazendo uma prova. Você acha esse um motivo bom o suficiente para perder

PERIGOSAS ACHERON

um estúpido musical? *Hein?*

Ele deu um passo em minha direção, as mãos em punho, e eu recuei, cruzando os braços sobre o peito. Queria perguntar por que então não havia apenas me avisado, por que precisava reagir *assim*. Mas era verdade que eu havia presumido o pior quando ele não aparecera. Ele havia mencionado que precisaria refazer uma prova? Provavelmente. Eu devia ter me lembrado. Sabia que por muito tempo havia desejado que todos orbitassem ao meu redor e sentissem a minha dor, logo depois do acidente. Lembrei-me de meus pais e meus amigos tentando me ajudar, e eu os empurrando para longe. Sim, eu era egoísta. Ainda assim, o ódio em seu olhar...

- Me desculpe - murmurei, apertando os braços com mais força ao meu redor. —Me desculpe, Kauan, mas...

- Mas *o que?* - sibilou ele e, então, eu estava no chão.

Rapidamente, Kauan havia me empurrado pelos ombros, com tanta força que havia me feito perder o equilíbrio e cair sobre as costas. Numa tentativa de conter a queda, minhas mãos haviam se arrastado no chão, os cotovelos batendo no concreto duro e áspero. Vi um vulto passando por nós, mas, quem quer que fosse, decidiu não me ajudar. Senti os cortes se abrindo, mas não tive tempo de verificar os danos antes que Kauan tivesse se abaixado, encarando-me.

- Você acha que tem algum direito sobre mim? - sussurrou ele, um sorriso terrível nos lábios, nada parecido com os sorrisos doces que, em seus melhores dias, ele costumava guardar apenas para mim. - Você acha que tem algum direito? Não. Não pense que vou pegar leve com você só porque é

uma vagabunda que quebrou o joelho e nunca mais vai conseguir fazer algo de útil.

Abri os lábios, mas não conseguia dizer nada. Eu sabia que ele não poderia realmente pensar aquilo, sabia que a raiva devia estar tomando conta... Ainda assim, machucava.

Kauan segurou meu rosto com força e me puxou, seus lábios encontrando os meus com um baque.

- Meu Deus, Lavínia, eu te amo, mas você torna tudo tão difícil - resmungou ele, puxando-me pelas mãos para que eu me levantasse. Os cortes estavam começando a arder, e me perguntei se algum deles precisaria ser fechado com pontos. - Venha. Vou levá-la em casa.

A ideia de atravessar a cidade em um carro silencioso com ele parecia-me assustadora, mas não pude negar, sabendo que isso o deixaria mais

PERIGOSAS ACHERON

nervoso. Assim, vinte minutos depois, ele estacionou à porta de minha casa, sem dizer uma palavra, enquanto eu saía do carro e caminhava até a porta, contendo as lágrimas que ameaçavam cair.

Assim que atravesssei a sala, minha mãe me encarou, os olhos arregalados.

- Querida, como foi que você se machucou? - ela correu até mim, analisando meus braços e tocando meu rosto.

Com todas as luzes acesas, pude ver os cotovelos em carne viva, o sangue vermelho brilhando e fazendo pequenas trilhas enquanto escorria por todo o meu braço. As palmas das mãos também estavam arranhadas, pequenos pedaços de pele soltos. Engoli em seco, fazendo uma análise rápida dos machucados, verificando que nenhum deles precisaria de pontos.

- Eu caí - menti, desvencilhando-me de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas mãos. - Está tudo bem, mãe. Vou tomar um banho.

Enquanto subia as escadas, peguei-me pensando sobre como a mentira havia saído assim tão fácil e não consegui descobrir. Entrei no banho com rapidez, arrancado as roupas do corpo enquanto me sentia começar a tremer. As lágrimas começavam a se derramar em um fluxo desesperador e incontrolável e eu me escutei soluçar debaixo do chuveiro, cobrindo a boca com as mãos para que meus pais não escutassem. Eu amava Kauan e queria continuar amando-o, mas, como poderia? Como poderia estar com ele, se, agora, a lembrança de seu nome provocava arrepios por todo o meu corpo e eu tinha vontade de me encolher? Eu estava com medo dele. Como poderia estar com alguém que me dava medo? Como poderia estar com alguém que me *batia*?

PERIGOSAS ACHERON

Queria que tudo ficasse bem. Queria encontrar uma maneira de manter Kauan carinhoso e gentil, como o havia conhecido, como sabia que, no fundo, ele era. Ou, pelo menos, esperava que fosse. Tirei o rosto inchado de baixo do chuveiro, com medo de me afogar em meio a tantas lágrimas e tanto desespero.

Capítulo 23

Quando acordei no dia seguinte, meu rosto estava sensível e meus lençóis cheios de marcas de sangue. Os machucados nos cotovelos tinham voltado a sangrar, e eu corri até o banheiro. Lavei os cortes, sentindo a ardência causada pelo sabonete e enfaixei os braços. Nas mãos, passei um remédio cicatrizante, esperando que os arranhões sumissem mais depressa. Encarei meu reflexo no espelho.

Os cabelos muito curtos estavam arrepiados, todos voltados para cima. Agora podia ver o que Kauan havia dito: assim, eu parecia uma criança, um garoto. Minhas bochechas estavam rosadas, e a direita, em que ele havia me acertado, apenas um pouco mais vermelha do que a esquerda.

Se não fosse pelos machucados causados pela queda, não haveria sinais externos do que havia acontecido na noite anterior. Ainda assim, eu mesma conseguia perceber o vazio em meu olhar, o medo na forma como encolhia os ombros. O que ele estava fazendo comigo?

Levei um susto com o som de minha mãe batendo à porta e pulei na frente do espelho.

- Lavínia! Você recebeu uma coisa.

Suspirei, esfregando a testa e voltei ao quarto. Puxei os cabelos para trás, prendendo-os com alguns grampos. Então, tirei o pijama, colocando um short jeans e uma blusa e descí as escadas.

Em cima da mesa da cozinha, esperando por mim, estava um enorme buquê de rosas vermelhas. Engoli em seco, os machucados ardendo ainda mais por debaixo das faixas nos

braços com a lembrança de Kauan.

Minha mãe me encarava com os olhos divertidos por cima da xícara de café, apontando para o buquê.

- Você encontrou um príncipe, Lavínia.

- É - respondi em voz baixa. - Acho que sim.

Em meio às flores, encontrei um bilhete: *Lavínia, me perdoe. Por favor, não desista de mim. Não vivo sem você, meu amor. Te amo.*

Prendi a respiração e encarei minha mãe, que já se distraíra com as notícias no celular. Por um segundo, pensei em contar a ela. Imaginei sua reação: raiva, pena, dor, decepção. Ela não me julgaria. Eu choraria em seus braços e ela me protegeria, sem que eu precisasse lidar mais com esse peso, com o peso do temperamento de Kauan e de minhas próprias dores. Eu nunca mais o veria.

PERIGOSAS ACHERON

Mas o momento passa, eu não digo nada e desvio o olhar, subindo de volta para o meu quarto com o buquê e o bilhete nas mãos.

Pensei que queria ter a chance de resolver isso. Pensei que ainda queria protegê-lo. Eu sabia que Kauan tinha seus dias ruins, mas também sabia que, na maior parte das vezes, ele era o melhor namorado que uma garota poderia querer. E eu, que havia demorado tanto tempo para encontrar alguém que me encantasse, não queria perdê-lo. Eu o amava e sabia que ele me amava também. Não queria desistir de nós, não ainda. Não sabendo que ele podia me fazer tão bem. Eu queria mudar isso. Queria fazer bem a ele também.

Mesmo assim, sentia-me envergonhada ao sentar à frente do espelho, verificando a vermelhidão de minhas bochechas e braços, enquanto testava o corretivo, checando se ele seria

bom o suficiente para esconder os machucados de meus amigos e familiares.

No início da tarde, meus pais resolveram sair para algum lugar. Ouvi minha mãe me convidando para ir com eles, mas não processei as palavras e apenas balancei a cabeça, recusando o convite. Eu precisava ficar sozinha. Ignorei as ligações de Kauan e as mensagens de meus amigos. Não queria conversar com nenhum deles. Não sabia o que dizer. Eu nunca havia sido uma boa mentirosa e, agora, tinha muito o que esconder. Sabia que nenhum deles compreenderia; eu mesma não compreendia direito. Mas não queria os olhares preocupados e as palavras insistentes de ajuda, mesmo que não soubesse o que fazer. Eu precisava ficar sozinha.

Por algum motivo, quando a campainha tocou, não imaginei que poderia ser Kauan. Mas,

PERIGOSAS NACIONAIS

então, abri a porta e o vi ali, parado. A camisa branca, os jeans surrados, a mochila azul. O cabelo preto bagunçado e espetado, a pele morena. As mãos no bolso, o semblante envergonhado.

- Lavínia – ele murmurou, e seus olhos pareciam suplicar meu perdão. – Podemos conversar, por favor?

Eu apenas o encarei, colocando os braços ao meu redor e sentindo a ardência dos machucados. Parte de mim queria vê-lo arrependido, queria ouvi-lo implorar meu perdão. Queria conversar com ele e ver em seus olhos a busca por uma resolução, a promessa de que tudo ficaria bem.

Mas outra parte de mim, a mais covarde e assustada, queria bater a porta e trancá-la a sete chaves. Tinha medo de deixar Kauan entrar, ainda mais estando sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por favor— sussurrou ele.

Engoli em seco. Então, dei um passo para trás, abrindo espaço para que ele passasse. Kauan pareceu suspirar, aliviado e entrou em minha casa. Fechei a porta e caminhei até o quintal que quase nunca usávamos. Meu pai e minha mãe não tinham tempo para jardinagem, e eu não tinha interesse algum. A grama era de um verde amarelado e os arbustos estavam cheios de ervas daninhas. Da casa de minha avó, minha mãe trouxera uma mesa de pedra branca, combinando com cadeiras claras e desconfortáveis. Depois de tanto tempo tomando chuva, os móveis estavam enferrujados e sujos. Mesmo assim, sentei-me em uma das cadeiras, cruzando os braços.

Kauan se sentou na cadeira ao meu lado e eu, involuntariamente, encolhi-me para longe. Ele suspirou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O dia estava quente. Conseguia ouvir as crianças no vizinho brincando com água, dando gritinhos agudos e divertidos. Os mosquitos zumbiam em meu ouvido, e eu os afastei com um movimento das mãos. Vi Kauan secando a testa suada com o antebraço. Eu apenas o encarei, esperando que começasse a falar.

- Me desculpe – implorou ele, finalmente.

- Não – sussurrei.

Ele engoliu em seco, olhando para baixo.

- Eu sei – murmurou. – Eu sei que você não tem motivos para acreditar que não farei isso de novo. Mas, Lavínia, eu *prometo*...

- Você já prometeu antes.

Kauan assentiu.

- Sim – respondeu. – Eu sei. Mas, você não entende, eu estava tão irritado naquele dia...

PERIGOSAS ACHERON

Ergui as sobrancelhas.

- Irritado comigo?

Ele balançou a cabeça e os fios rebeldes mudaram de lugar.

- Não – disse. – Eu havia ido mal numa prova. O professor é um babaca, mas me deixou refazer. Só que a prova de reposição estava mais injusta ainda. Um conteúdo muito avançado, acabei indo mal de novo. Quando a vi...

Kauan suspirou, esfregando a testa.

- Eu estava irritado e você chegou me xingando.

Ergui as sobrancelhas.

- Então a culpa é minha?

- Não! – exclamou ele.- Não, claro que não. Só não foi um... momento favorável.

Permaneci em silêncio. Eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

compreendido que havia circunstâncias atenuantes na noite anterior. Ainda assim, não era uma desculpa boa o suficiente. Mas eu também sabia que *não havia* uma desculpa boa o suficiente. Não para isso.

- Não sei o que fazer – murmurei.

Kauan estendeu as mãos sobre a mesa, e eu deixei que ele pegasse as minhas.

- Lavínia – disse ele, com a voz firme, e eu ergui os olhos. Seu olhar era intenso, cheio de amor e arrependimento. – Me perdoe. Por favor. Eu juro, nunca mais vou encostar em você daquela maneira de novo. Te amo tanto, Lavínia, por favor, me perdoe, eu sei que não mereço...

Puxei minhas mãos de volta, sabendo que não conseguiria pensar com ele me tocando. Na verdade, não conseguiria pensar em momento algum. Não queria pensar sobre o que havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecido. Só queria esquecer.

-Eu não consigo viver sem você, Lavínia – ouvi Kauan sussurrar. - Não sei se sobreviveria se algum dia você me deixasse. E sei que você me ama também. Tem certeza de que quer ficar sozinha? Faria tão mal a nós dois...

Contra minha vontade, concordei com ele. Eu tinha estado mais feliz desde que Kauan havia entrado em minha vida. Tínhamos enfrentado problemas nos últimos meses, mas, mesmo assim, ele continuava sendo um companheiro maravilhoso. Ele havia me salvado depois do acidente, fazendo-me sentir viva novamente. Eu não queria perder isso.

Assim, ainda que uma parte de mim estivesse gritando de frustração e medo, concordei com a cabeça e peguei suas mãos de volta. Ele teria que se esforçar. E eu, percebi, também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Tudo voltou ao normal nas semanas seguintes. Eu ia às sessões de fisioterapia, almoçava com minha mãe e, às vezes, jantava com meu pai no restaurante. Mas, na maior parte do tempo, eu estava com Kauan. Ele não vinha medindo esforços para me agradar, para fazer com que eu me sentisse bem. De novo, era como se nada tivesse acontecido. Ele voltara a ser o Kauan pelo qual me apaixonara, com as palavras cuidadosas, o sorriso doce, os toques apaixonados e a completa devoção a mim. Era bom tê-lo de volta, mas, de certa maneira, eu não havia voltado. Se seu tom de voz era elevado, eu me encolhia, com medo. Estava sempre pisando em ovos, medindo minhas palavras para que não arriscasse destruir seu bom humor, agora constante. Parecia estar sempre vazia, ainda

PERIGOSAS ACHERON

que cheia de segredos e pensamentos guardados.

Apesar de tudo ter voltado ao normal, eu ainda evitava meus amigos. Não queria mentir, mas não sabia como confrontá-los. Alícia já desistira de me chamar para a noite das garotas, visto que eu havia recusado tantas vezes, usando Kauan como desculpa. Ele era, afinal, a razão que me impedia de ir, direta ou indiretamente. Júlio estava muito ocupado com os estudos, mas eu sabia que tinha percebido minha ausência. Se não tivesse percebido, Alícia teria mencionado. Davi, por outro lado, parecia não desistir. Ele me ligava todos os dias e, às vezes, eu atendia. Conversávamos por alguns minutos e, então, ele começava a insistir que algo estava errado. Eu negava com agilidade e inventava uma desculpa para desligar.

Com meus pais, conseguia agir normalmente. Afinal, eles trabalhavam o dia todo, e

PERIGOSAS NACIONAIS

eu ficava sozinha. Trocávamos algumas palavras durante as refeições compartilhadas, mas, fora isso, eles me deixavam em paz. Se haviam notado alguma mudança em meu comportamento, não disseram nada. Mas eu sabia que a mudança não era visível aos olhos. Eu me comportava normalmente, dava risadas e me sentia bem. Mas algo sempre causava um aperto em meu peito, como uma ameaça invisível que nunca desaparecia. Ainda assim, tinha esperanças de que tudo fosse se ajeitar. Sentia que, agora, Kauan e eu poderíamos, finalmente, ficar bem e deixar o passado para trás.

Fábio também não parecia suspeito de nada. Pelo contrário, andava muito contente com tudo. Ele assobiava alegremente enquanto caminhávamos para o seu consultório, murmurando incentivos para que eu conseguisse realizar os exercícios. Naquele dia, parecia especialmente

PERIGOSAS ACHERON

animado ao final da sessão, rabiscando minha ficha com satisfação. Eu o observava, intrigada, ainda sentada na cama de procedimentos.

- Você está contente – comentei, lançando-lhe um sorriso. Era estranho que ele fosse o pai de meu namorado e nos déssemos tão bem, mas, querendo ou não, ele havia se tornado uma espécie de amigo para mim.

- E você vai ficar contente – rebateu ele, largando a prancheta e me encarando.

- Ah, vou? – perguntei. – O que é?

- Não consegue nem adivinhar?

Gemi, ansiosa.

- Só me diga.

- Você está pronta.

Ergui as sobrancelhas, cruzando os braços.

- Pronta para quê?

- Para voltar a dançar.

Eu o encarei, confusa por um segundo. Então, arregalei meus olhos, um sorriso espalhando-se por meu rosto. Eu havia notado que os exercícios vinham se tornando mais fáceis e raramente sentia incômodos em meu joelho direito. Mas Lívia havia estipulado uma recuperação de oito meses, e eu sabia que os oito meses só se completariam no meio de agosto. Estávamos no início de junho, então, franzi os olhos para Fábio.

- Mas achei que teria que ficar parada por oito meses – falei, suspeita. – Foi o que Lívia falou.

- Sim – concordou Fábio. – Mas você tem se desenvolvido rápido. Vou conversar com Lívia, mas não vejo motivos que a impedem de voltar às aulas ainda no início de julho.

Soltei um grito agudo, tão alegre que não pude me conter e, então, coloquei as mãos sobre a

PERIGOSAS ACHERON

boca.

- Ah, meu Deus – murmurei. – Obrigada.

Ele fez um gesto com as mãos, dispensando meus agradecimentos com um sorriso.

- Falei que você ia ficar contente.

Assenti, de fato, muito contente, enquanto ele me guiava para fora do consultório.

- E você? – perguntei. – Por que está tão contente?

Fábio suspirou e se virou para mim.

- Então, Kauan não lhe contou?

Balancei a cabeça, e ele suspirou novamente, passando as mãos pelos cabelos, incapaz de parar de sorrir. Então, colocou uma das mãos na cintura e me encarou.

- Vou me casar.

- Ah! – exclamei, surpresa. Eu mal sabia que Fábio tinha uma namorada, quanto mais que estava noivo. Ainda assim, fiquei feliz por ele, por ter encontrado outra pessoa que lhe fizesse tão bem. – Fábio, isso é ótimo!

- E você está convidada – afirmou ele. – É o par de Kauan, não é?

- Claro – respondi, dando de ombros. – Bem, obrigada. Estou muito feliz por você.

Ele assentiu, ainda sorrindo e então apontou para a porta de entrada da clínica.

- Tem alguém a esperando.

Segui seus olhos e vi Kauan apoiado no batente da porta da clínica, distraído com o celular. Como vinha acontecendo ultimamente, senti um misto de emoções ao vê-lo. Primeiro, o receio, enquanto vasculhava seu rosto por sinais de raiva ou irritação. Em seguida, o alívio, quando percebia

PERIGOSAS ACHERON

que ele estava bem e, portanto, eu ficaria bem. E, então, o carinho. A sensação quente no peito de felicidade e conforto, que só se intensificava à medida que o via se aproximando. Sem que eu notasse, Fábio havia sumido, já pronto para sua próxima sessão. Kauan me puxou pela cintura, sorrindo e me beijou.

- Oi – murmurou ele contra meus lábios. – Como você está?

- Estou ótima – exclamei, colocando as mãos em seus ombros. – Tenho ótimas notícias.

Seus olhos pareceram brilhar e ele segurou minhas mãos.

- O que é? – perguntou.

- Seu pai disse que estou pronta para voltar a dançar.

Seu sorriso se alargou, tomando todo o

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto, lembrando-me de quando o havia conhecido e ele não parava de sorrir.

- Lavínia, isso é incrível! – murmurou ele ao me abraçar, o rosto escondido em meu pescoço. – É maravilhoso.

- Sim – sussurrei, apertando os braços ao redor de seus ombros. – É maravilhoso.

Era o momento que eu havia esperado desde o acidente: o momento em que minha vida voltaria aos eixos. O momento em que voltaria a ser eu mesma, em que voltaria a correr atrás de meus sonhos. Eu estava tão pronta para esse momento.

- Eu ia convidá-la para sair – disse Kauan. – Agora, temos que comemorar. Passo na sua casa às oito?

- Aonde vamos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele piscou um dos olhos.

- É surpresa.

Às oito em ponto, ouvi Kauan buzinando do carro e desci as escadas alegremente. Meus pais haviam ficado emocionados com a notícia de que poderia voltar a dançar mais cedo do que o previsto e, mesmo com a distância entre nós, não pude deixar de mandar uma mensagem a meus amigos. Eu sabia que eles ficariam tão felizes quanto eu.

Acenei para meus pais, sentados no sofá da sala em um de seus raros momentos juntos, e bati a porta atrás de mim, correndo até o Honda Civic de Kauan. Assim que me sentei, ele acelerou, então pegando minha mão na sua.

- Aonde vamos? – perguntei pela décima vez no dia. Eu não era muito fã de surpresas.

PERIGOSAS ACHERON

Ele sorriu de lado.

- Surpresa, meu amor.

Revirei os olhos, mas fiquei quieta. Nada poderia tirar o meu bom humor.

Mas não pude deixar de encarar Kauan com uma expressão confusa ao vê-lo estacionar à frente do teatro municipal, o mesmo em que eu o havia esperado por quase duas horas. Por um momento, fui sufocada com as lembranças dos eventos daquele dia e permaneci paralisada no banco. Mas, então, Kauan abriu minha porta, oferecendo-me um de seus mais doces sorrisos e estendendo a mão, como um cavalheiro.

- Vamos ver um musical? – perguntei.

Ele balançou a cabeça, guiando-me para dentro do teatro. Então, percebi que, na verdade, o local estava fechado. E fazia sentido, visto que era uma terça-feira.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Kauan, está fechado – alertei, puxando seu braço, mas ele apenas sorriu e continuou em direção à porta.

Para minha surpresa, ele tirou um pequeno maço de chaves do bolso, encaixando na fechadura. Ouvi um som baixo e, simples assim, a porta se abriu. O sorriso de Kauan era agora presunçoso, impressionado consigo mesmo.

Apontei para a chave, olhando ao redor.

- Você roubou isso? – sussurrei, alarmada, e ele revirou os olhos, empurrando-me para dentro.

- Não, Lavínia – respondeu, fechando a porta atrás de nós. – Meu tio me emprestou. Um antigo favor que me devia.

Eu estava impressionada, mas ainda sem entender o que faríamos ali. Afinal, se não assistiríamos a um espetáculo, o que mais poderíamos fazer em um teatro?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas Kauan continuou me guiando, acendendo interruptores e usando seu maço de chaves para abrir todas as portas no caminho. Eu me sentia como uma criminosa, mesmo sabendo que o tio de Kauan havia lhe dado sua permissão e sua benção para a invasão.

Finalmente, chegamos ao auditório principal, onde acontecia a maioria das apresentações. Eu tinha assistido a uma peça com meus pais quando era ainda criança, então, não me lembrava dos detalhes. Mas o lugar era enorme, intimidador de tão grande. O palco era em formato de meia lua, e as poltronas acompanhavam suas margens. As enormes cortinas de veludo vermelho estavam, agora, fechadas por completo, caindo pesadas do teto ao chão. O teto em si era dourado, ornamentado de desenhos artísticos e abstratos, ainda que clássicos.

PERIGOSAS ACHERON

- Você gostou? – ouvi Kauan perguntar atrás de mim.

Eu me virei, sorrindo.

- Adorei – respondi, sincera. Era realmente um lugar incrível, mais impressionante ainda sem as dúzias de pessoas lotando as poltronas e os corredores, todo o teatro mergulhado em um silêncio profundo e meio sagrado. – Mas o que vamos fazer aqui?

Foi sua vez de sorrir, oferecendo-me o braço dobrado.

- Madame – brincou ele e eu ri, deixando-o me guiar pelos degraus, aproximando-nos no palco.

Lá embaixo, avistei uma toalha de piquenique no chão, com dois pratos e taças de vidro. Soltei uma risada, vendo a embalagem de plástico no centro, cheia de sushi e outros tipos de comida japonesa. Do lado, havia um champanhe

PERIGOSAS ACHERON

rosado, com certeza menos chique do que parecia.

- Vamos fazer um piquenique no teatro municipal? – perguntei, confusa, mas animada com a ideia.

Kauan se jogou na toalha, abrindo as embalagens de comida e me servindo de sushi. Quando me sentei também, ele apontou timidamente para o palco.

- Pensei que você gostaria de ter o palco todo para si – confessou ele, timidamente, e eu senti o coração perder uma batida.

Ele queria que eu dançasse.

Estendi os braços para puxá-lo para perto de mim, bagunçando a toalha e lhe dei um beijo. Kauan abriu um sorriso enorme, sem se incomodar com a posição desconfortável. Meu Deus, como eu o amava, apesar de tudo. Queria seu sorriso, queria seu bem. Lá estava o garoto por quem eu havia me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonado, preparando um piquenique no chão de um teatro vazio para me fazer feliz. Para me fazer dançar.

- Amo você, Kauan – sussurrei.

- Também amo você, Lavínia – ele suspirou. – Bom, também tenho um motivo para comemorar. Já passei em todas as minhas matérias.

Eu ri, pegando a garrafa de champanhe e nos servindo. O líquido tinha um tom rosado, com certeza mais doce do que eu gostaria, mas não importava. Eu estava feliz.

- Bem, então em agosto você começa novas matérias e eu volto para as aulas de dança – falei, oferecendo-lhe uma taça cheia. – Muito para comemorar.

Mas Kauan não estava sorrindo. Ele me encarava com as sobrancelhas franzidas, parecendo confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Espere – disse ele. – Você não vai realmente voltar às aulas de balé, vai?

Soltei uma risada, esperando que ele estivesse brincando. Mas Kauan permanecia sério. Eu o encarei.

- É claro que vou – respondi. – Não é exatamente isso que estamos comemorando?

- Estamos comemorando sua *recuperação* – retrucou ele. – Comemorando que você pode dançar e correr e fazer o que quiser. Mas não achei que você estivesse pensando seriamente em *voltar*.

Percebi a mudança no tom de sua voz. Antes, tão leve, agora, maldoso.

- Por que eu não voltaria? – perguntei, em voz baixa.

- Porque você pode se machucar de novo, Lavínia! – exclamou ele, jogando as mãos para o

PERIGOSAS ACHERON

alto, e eu me afastei instintivamente. – Porque seu joelho nunca será o mesmo. Você quer voltar para que? Para ficar com seus amiguinhos?

Abri a boca para responder, mas nenhum som saiu. Vendo minha postura defensiva, Kauan suspirou, colocando a mão na testa.

- Por que você correria o risco de se machucar de novo, Lavínia, sendo que nem será tão boa quanto antes? – continuou ele, o tom mais controlado. – Me desculpe, mas nós dois sabemos que você não vai conseguir seguir a carreira de bailarina, não mais.

Suas palavras pareciam me cortar como facas, e lá estava ela. A nuvem negra que vinha nos seguindo, o temor constante de algo prestes a dar errado.

- Talvez você tenha razão – escutei minha própria voz dizer e sabia que só estava tentando dar

fim ao assunto. – Vou pensar melhor sobre isso.

Kauan respirou fundo, parecendo satisfeito, e bebeu um gole de seu champanhe. Apesar do peso em meu estômago, só conseguia ficar aliviada por termos conseguido ter uma discussão sem que eu terminasse machucada fisicamente.

Ficamos no teatro até quase meia noite, e eu dancei. Subi no palco enorme e dancei, arriscando muito mais do que da última vez que dancei para Kauan, no restaurante de meu pai. E, com pesar, senti que talvez aquela fosse mesmo a última vez que dançaria em cima de um palco.

Capítulo 25

Quando cheguei em casa, no fim da noite, meus pais ainda estavam acordados, conversando animadamente na cozinha. Segui instintivamente o som de suas vozes e os vi em pé, ao lado da ilha, os cotovelos apoiados no granito e os copos segurando pequenas latinhas de cerveja. Vendo-os tão bem, senti um aperto no coração, e a nuvem negra se arrastou atrás de mim enquanto eu me aproximava deles.

- Oi, querida – cumprimentou minha mãe, sorrindo. – Como foi sua noite?

Dei de ombros.

- Legal – falei, sentando-me em um dos bancos altos. – Fizemos um piquenique.

- Ah, muito legal – comentou meu pai e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beliscou um dos queijos partidos em quadradinhos na bancada.

Suspirei, buscando um copo d'água enquanto meus pais continuavam sua conversa.

- Podemos visitar Elisa no final do mês – sugeriu meu pai.

- Mas João ainda vai estar na escola e Gabriel trabalhando – retrucou minha mãe. – Talvez pudéssemos ir antes de Lavínia voltar ao balé, em julho. Lavínia, querida, o que acha?

Prendi a respiração, lembrando-me da conversa com Kauan e dei de ombros novamente. Derramei o resto da água em meu copo na pia.

- Nem sei se vou voltar ao balé.

De repente, a cozinha pareceu ficar gelada e silenciosa. Virei-me para encarar meus pais, sentindo seus olhos em mim e vi suas expressões

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confusas, como se não tivessem me escutado direito. Mordi o lábio inferior e desviei o olhar, encarando as gavetas de madeira embaixo da bancada.

- Lavínia, do que você está falando? – indagou meu pai.

- Exatamente o que você ouviu, pai – respondi em voz baixa. – Não sei se vou voltar às aulas.

- Por que você não voltaria? – perguntou minha mãe. – Querida, isso não faz sentido algum, voltar ao balé era tudo que você queria. *Dançar* sempre foi tudo que sempre quis.

Suspirei novamente, frustrada e enterrei os dedos na bancada da pia, apertando com força.

- Tenho o direito de mudar de ideia – reclamei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem, é claro que tem – respondeu meu pai, cruzando os braços. – Mas precisa ter um motivo.

- Eu...

Meu coração estava disparado, as mãos suando e os dedos empalidecendo. Estava tão irritada com meus pais, comigo mesma. Queria gritar de frustração, pois eles simplesmente não entendiam. Como poderiam? Não era culpa deles, eu sabia, mas, no momento, só queria descontar minha angústia em alguém. Só queria responsabilizar outra pessoa por meu sofrimento.

- É perigoso! – soltei, finalmente, as palavras pulando de minha boca. – Vocês não entendem? Posso me machucar de novo!

Minha mãe ergueu as sobrancelhas, dando um passo em minha direção.

- Querida, você está com medo?

PERIGOSAS ACHERON

Você não faz ideia do quanto, mãe.

- Sim – respondi apenas. – Estou.

- Lavínia, você não precisa ter medo – meu pai tentou me confortar. - Se os médicos acreditam que está pronta...

- Não, pai – eu o interrompi. – Eles não podem garantir que algo assim não vai voltar a acontecer. E, bem, de que adianta? Não serei a mesma.

Os dois me encaravam com os olhos arregalados, os lábios separados em um sinal de falta de compreensão.

- Lavínia, o que está acontecendo? – perguntou minha mãe, suavemente. – Você nunca foi alguém que desiste por medo.

- E Lívia lhe disse que você poderia recuperar todas as suas habilidades – lembrou meu

pai. – Claro, vai levar um tempo, mas...

Balancei a cabeça, desesperadamente, segurando as lágrimas. Eles não poderiam entender. Nem eu mesma entendia por completo. Sabia que as chances de me machucar novamente eram mínimas, mas o fluxo de pensamentos era incontrolável e assustador. Não sabia mais o que temer. Mas sabia que a questão ali não eram, realmente, as aulas de balé. Pelo menos, não pra mim.

- Vocês nem sequer se preocupam se vou me machucar de novo? – sussurrei e vi os dois prontos para protestar.

Antes que eles conseguissem falar, agarrei minha bolsa em cima da bancada e corri para o meu quarto, subindo as escadas e fechando a porta com força. Desabei na cama, cobrindo a cabeça com um travesseiro enquanto deixava as lágrimas rolares

PERIGOSAS NACIONAIS

soltas por minhas bochechas. Queria gritar e sumir, sentindo-me mais sozinha do que nunca. Ninguém, nem mesmo meus pais, poderia me ajudar agora. Eu estava ainda flutuando, mas não mais nas nuvens. Sentia-me à deriva em um oceano profundo, afundando devagar, sem que ninguém percebesse. Logo, me encontrariam no solo oceânico, imóvel.

Alguns dias depois, eu estava no consultório de Bárbara. O relógio continuava se movimentando lentamente, os móveis continuavam descombinados, e minha terapeuta voltara a usar seus típicos terninhos ajustados ao corpo.

Ela me encarava, esperançosa, como se seu olhar encorajador fosse me fazer começar a falar. Ou talvez fosse apenas uma estratégia para me deixar mais constrangida com o silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei.

- Meu fisioterapeuta disse que devo poder voltar ao balé em julho.

Bárbara observou minha expressão neutra por um segundo.

- Você não parece animada.

Desviei os olhos.

- É, bem, não sei se vou voltar.

- E por que não?

- Não sei se é o que quero – continuei. – Não sei se os riscos valem à pena.

Ela ergueu as sobrancelhas, confusa.

- Que riscos?

Pude sentir o medo se aproximando, o peso em meu coração se intensificando.

- De me machucar de novo – respondi. –

PERIGOSAS ACHERON

Ainda mais.

- Entendo – respondeu Bárbara, assentindo.
– Mas, bem, acho que é tudo uma questão de custos e benefícios, não?

Franzi o cenho.

- Como assim?

- Bom, Lavínia, como tudo na vida, voltar ao balé tem alguns custos e benefícios – explicou ela. – Você precisa medi-los.

Quando continuei com minha expressão confusa, Bárbara suspirou, apoiando os cotovelos nos joelhos e gesticulando com as mãos.

- Imagine que estes são os benefícios do balé. Quais são eles?

- Ah... – pensei por um segundo. – Dançar me faz feliz. Faz com que eu me sinta pertencente.

Ela assentiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Felicidade e pertencimento – concordou e me estendeu a mão esquerda. – Estes são os custos. Quais são eles?

- Medo de me machucar de novo – sussurrei. – Medo de não ser tão boa.

- Medo, certo. Então, você precisa medi-los e descobrir.

- Descobrir o que?

- Descobrir se a felicidade que o balé lhe traz é o suficiente para fazer seu medo valer à pena.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Eu e Kauan estávamos sentados na bancada de minha cozinha, e eu fazia perguntas a ele sobre os tópicos da sua prova final de histologia. Minha mãe tinha acabado de chegar, trazendo as compras do supermercado, e Kauan tinha se levantado imediatamente para ajudá-la, como um perfeito cavalheiro. Agora, podia escutar o chuveiro ligado no andar de cima.

- Volte aqui – chamei Kauan, que havia aparecido de volta no hall de entrada. – Letra a, b, c ou d? Você tem um minuto.

Mas ele precisou de apenas alguns segundos, aproximando-se de mim e beijando minha bochecha.

- Letra a – então apontou para o caderno de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respostas. – Epitélio estratificado pavimentoso queratinizado. Viu?

Suspirei, fechando o livro e o encarando com um sorriso.

- Por que me pediu para estudar com você se já sabe tudo?

Ele sorriu também, tocando meu rosto.

- Porque assim tenho uma desculpa para passar mais tempo com você.

Revirei os olhos, segurando seus braços.

- Como se você precisasse de desculpas para passar tempo comigo.

Seu sorriso se alargou e ele passou as mãos por minha cintura, escondendo o rosto na curva de meu pescoço e respirando fundo. Apertei seus ombros, puxando-o mais para perto e sentindo seu cabelo fazendo cócegas em minha pele. O nó

PERIGOSAS ACHERON

constante em meu peito pareceu se aliviar, abrindo espaço para que eu respirasse com tranquilidade.

Isso. Era isso aqui. Esse momento. Essa felicidade. Ela faria todo o meu medo valer à pena?

Eu queria acreditar que Kauan estava certo sobre tudo. Queria que a culpa fosse minha e não dele, queria que todas as suas ações buscassem o meu bem, a minha proteção. Queria acreditar que tudo ficaria bem se eu, simplesmente, conseguisse não irritá-lo. Queria acreditar em tudo que ele me falava, em todas as desculpas, em seu arrependimento, em seus bons motivos. Queria, pois era mais fácil do que acreditar que eu amava alguém que me fazia mal. Alguém que poderia me machucar. Isso, sim, doía muito mais.

E, agora, não conseguia sequer me lembrar do Kauan que havia me machucado, que atirava palavras cruéis e me tocava com ódio e rancor. Ele

parecia estar mais distante do que nunca.

Ouvi a campainha tocar e suspirei, afastando-me de Kauan e indo até a porta de entrada. Ouvi vozes animadas e, quando abri a porta, vi Alícia, Júlio e Davi. Por um momento, não compreendi as expressões de choque em seus rostos, mas então me lembrei de que não nos víamos há muito tempo. Eles ainda não tinham me visto de cabelo curto.

- Ah! – Alícia soltou um gritinho, estendendo as mãos para tocar minha cabeça. – Meu Deus, você está tão linda! Amei!

Sorri, abraçando-a com força. Eu havia sentido falta dela. De todos eles, na verdade.

- Qual é, Vivi? – provocou Davi, bagunçando meu cabelo. – Kauan a dispensou e você precisou de uma mudança radical?

Revirei os olhos e apontei para a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Kauan está bem aqui, idiota.

Convidei Davi e Alícia a entrarem e sorri para Júlio, que parecia ter adquirido algumas olheiras de cansaço.

- E aí, vestibulando? – apertei seu braço gentilmente.

Ele sorriu e me abraçou. Apesar do cansaço, parecia satisfeito.

- E aí, aleijadinha?

Abri os lábios, fingindo estar ofendida enquanto ele ria, caminhando para dentro de casa.

- Não sou mais aleijadinha!

Mas o segui até a cozinha, onde Alícia, Davi e Kauan conversavam animadamente. Eu estava preocupada que meus amigos conseguissem ver as mentiras em meus olhos, mas, ainda assim, estava feliz por vê-los. Com eles ali e Kauan em

PERIGOSAS ACHERON

um de seus melhores dias, eu me sentia completa, como se jamais tivesse motivos para me preocupar com qualquer coisa.

- Ei, Júlio – chamou Davi, segurando os cadernos de Kauan. – Olha só isso. *O surfactante, importante agente tensoativo, é produzido por células alveolares do tipo 1.* Tem certeza de que quer ir para a faculdade?

Alícia riu, mas Júlio apenas revirou os olhos, abraçando-a por trás.

- Não sei se você e seu cérebro de atleta sabem, Davi, mas medicina não tem relação nenhuma com engenharia.

- Ele tem razão – concordou Kauan, puxando-me para ficar ao seu lado. – Engenharia é bem pior.

Nós rimos, mas Júlio não parecia incomodado. Pelo contrário, parecia encantado por

PERIGOSAS ACHERON

finalmente poder conversar abertamente com alguém que estava na faculdade.

- Você não saberia me informar sobre bolsas de estudo, não é? – perguntou ele, timidamente. – Estou olhando os preços dos cursos na faculdade particular, mas são absurdos...

- Ei, cara, não se preocupe – Kauan apoiou-se na bancada, encarando Júlio. – Metade dos meus colegas tem bolsa parcial. Você pode fazer a prova ou comprovar necessidade de ajuda financeira.

- Ah, é mesmo? – Júlio já parecia mais animado, movendo-se para se aproximar de Kauan.

- Claro. É só passar na secretaria do curso, eles te informam bem as opções.

Suspirei, sentindo-me aliviada por Júlio. Apesar de sua família ter uma condição financeira estável, eu sabia que grande parte do dinheiro era utilizada para manter seu irmão estudando em outra

PERIGOSAS ACHERON

cidade. Além disso, a mensalidade da Academia também não era barata. Odiaria que ele tivesse que desistir de fazer faculdade por não poder pagar. Seu pai trabalhava muito para conseguir manter Júlio e seu irmão estudando, especialmente depois de a esposa ter sido internada em uma clínica de reabilitação. Júlio nunca chegou a conhecê-la, visto que ela acabou falecendo alguns anos depois.

- Afinal, o que vieram fazer aqui? – perguntei, finalmente.

- Te ver, sumida. – resmungou Alícia. – Você só ama o Kauan agora?

Senti uma pontada de culpa, mas sabia que ela estava só brincando. Então, dei de ombros.

- Bom, fico feliz que tenham vindo.

- Claro que viemos – disse Davi. – Tínhamos que comemorar sua recuperação. Mal posso esperar para que você volte a ser minha

PERIGOSAS ACHERON

parceira. Juro, Natália é um *saco*.

Sorri, sem jeito. Não havia comentado com meus amigos que não sabia se voltaria às aulas e esperava que Kauan não fizesse nenhum comentário sobre o assunto. Diferentemente de meus pais, meus amigos não acreditariam que eu estava com medo. Eles me conheciam bem demais.

- Ei, por que você não está animada? – perguntou Davi, cutucando minhas costelas e me fazendo encolher involuntariamente.

Engoli em seco, tentando buscar uma desculpa.

- Lavínia está aproveitando suas férias prolongadas – respondeu Kauan, descontraído, estreitando seus braços ao meu redor. – Só isso, não é, meu amor?

Assenti, relutante.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Claro – respondi em voz baixa. – Mas estou feliz de poder dançar novamente.

- Você tinha que estar *dançando de felicidade!* – gritou Alícia, sacudindo meus braços, e eu ri de seu entusiasmo.

- Estou, Alícia. – respondi. – Bem, não no momento, mas estou.

Vi Davi se movendo até a geladeira, abrindo-a como se estivesse na própria casa, o que já era um hábito comum.

- Seu pai está no restaurante? – perguntou ele, parecendo decepcionado.

- Sim, por que?

Ele suspirou.

- Isso quer dizer que ninguém vai preparar comida para nós? Estou morrendo de fome.

Revirei os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Estou ofendida – ouvi a voz de minha mãe atrás de mim e me virei, vendo-a parada de braços cruzados. – Isso quer dizer que minha comida não é boa o suficiente, Davi?

Davi se aproximou de minha mãe, segurando suas mãos.

- Você sabe que seus pratos são divinos, Sra. Lu – disse ele, em um tom bajulador. – Mas, bem, seu marido é um cozinheiro profissional.

Minha mãe bateu de leve em seu braço e se dirigiu ao fogão, tirando os ingredientes e panelas dos armários.

- Agora vou ser obrigada a fazer meu melhor macarrão – resmungou ela, e eu ri. – Dêem-me espaço, crianças, todos para a sala.

Rindo, fomos todos para a sala de TV, onde os três se sentaram no sofá, e eu me espremi com Kauan em uma poltrona. Conversamos e ouvimos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

música até minha mãe nos chamar para jantar e, então, voltamos à cozinha e arrumamos a mesa juntos. Eu sabia que minha mãe gostava de ter a casa cheia. Vinda de uma família pequena, ela sempre gostara da movimentação, de receber pessoas e cozinhar para meus amigos. Antes de meu pai trabalhar em restaurantes, costumava convidar muitos de seus próprios amigos para jantares semanais. Mas, então, tornou-se simplesmente mais fácil convidar todos para irem ao restaurante, e a casa começou a ficar mais vazia.

Agora, podia vê-la satisfeita, enchendo os pratos de meus amigos de macarrão e molho. Davi provou sua primeira garfada e saboreou lentamente, sob o olhar atento de minha mãe.

- Certo, certo – suspirou ele. – Você ganhou, Sra. Lu. Seu macarrão está mesmo divino.

- Ah! – comemorou ela e se virou para a

PERIGOSAS ACHERON

pia, feliz, saboreando seu próprio molho.

Quando todos acabamos de comer, ajudei minha mãe a retirar os pratos e levá-los para a pia. Kauan se apressou para me ajudar, oferecendo-se para lavar as louças.

- Estão vendo, garotos? – zombou minha mãe. – Um perfeito cavalheiro.

Eu ri, vendo a cara ofendida de Davi e Júlio. Então, Júlio se aproximou da pia, pegando o pano de pratos e secando as louças limpas, enquanto conversava alegremente com Kauan. Davi, Alícia e eu voltamos para a sala, jogando-nos no sofá, os estômagos estufados. Podia escutar a conversa baixa dos dois garotos na cozinha, e o som de minha mãe subindo as escadas. Observei as costas de Kauan, a postura curvada e descontraída enquanto ensaboava os copos.

- Meu Deus, você está obcecada por ele –

reclamou Davi, seguindo meu olhar.

Envergonhada, revirei os olhos e o encarei.

- Não estou, não.

- Ele só está chateado, pois não tem uma namorada – zombou Alícia. – Ou namorado.

Davi suspirou, cobrindo o rosto com uma almofada.

- Não quero um namorado ou uma namorada – respondeu ele com a voz abafada. – Dá muito trabalho.

- É. – concordei. – Dá sim.

Alícia me encarou, parecendo surpresa.

- Mas Kauan parece tão tranquilo.

Suspirei, apertando uma almofada contra o peito e encolhendo as pernas no sofá.

- Eu sei – murmurei. – Ele é realmente

ótimo.

Quando as louças já haviam sido lavadas e a conversa havia se esgotado, Júlio, Alícia e Davi resolveram ir embora. Eu os acompanhei até a porta, e eles pediram que eu não sumisse mais. Concordei, imaginando que conseguiria mesmo encontrá-los mais. Afinal, a noite tinha sido um sucesso, e eu não tinha tido problema algum em me sentir bem com todos. Kauan também se despediu, dando-me um beijo e atravessando a rua para chegar ao seu carro. Vi-o acenar para meus amigos, no final do quarteirão.

Todos pareciam amar Kauan. Como eu poderia não amá-lo também?

Capítulo 27

No sábado seguinte, meus pais viajaram para a casa de Tia Elisa. Eles também me convidaram, mas o casamento de Fábio seria no domingo, e eu não queria perder. Tinha roubado um dos vestidos chiques de minha mãe, um longo azul-marinho com alças finas e detalhes de flores bordadas até a calda. Ela o havia usado no casamento de um dos irmãos de meu pai. Com alguns ajustes na alça, acabou ficando perfeito em mim.

O casamento seria em uma chácara na saída da cidade, com um enorme salão de festas e uma pequena capela. Apesar da capela, Kauan me explicara que Carina, a noiva, havia preferido realizar a cerimônia perto do lago, no píer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Imaginei que seria algo que eu gostaria de fazer: me casar sobre as águas.

No domingo, almocei cedo para começar a me arrumar. O casamento estava marcado para às quatro em ponto, mas, como Kauan era um dos padrinhos, teríamos que chegar um pouco mais cedo. Coloquei meu vestido, preendi meu cabelo e fiz minha maquiagem. Quando ouvi a campainha, terminava de abotoar as sandálias douradas no pé.

Chegamos à chácara em alguns minutos, e Kauan estacionou o carro perto da capela, as rodas se movendo ruidosamente sobre as pequenas pedras do estacionamento. Observei, encantada, o lago enorme que circundava a propriedade, margeando a capela e o salão de festas. Uma multidão de pessoas parecia se mover em direção ao píer, onde pude enxergar as cadeiras de estofado branco e um arco de flores coloridas que serviria de altar.

PERIGOSAS ACHERON

Quando saí do carro, Kauan se aproximou, pressionando-me contra a porta.

- Você é a mulher mais linda desse lugar – sussurrou ele na base de meu ouvido. – Não. Você é a mulher mais linda do mundo.

Eu sorri, passando a mão por seus cabelos.

- Você também dá paro gasto – brinquei, e ele riu, mas eu estava realmente impressionada. Kauan em um terno era mais bonito do que minha mente podia compreender. Ele parecia ficar mais alto, os braços mais fortes, a coluna mais reta. Os cabelos estavam surpreendentemente arrumados, ainda curtos demais para formar os cachos que tinham quando eu o conheci.

- Ah, obrigado – respondeu e me puxou pela mão para seguirmos em direção ao píer.

O lago refletia a luz do sol forte, distorcida, e um vento fresco vinha da água. Uma das
PERIGOSAS ACHERON

organizadoras do casamento encontrou Kauan, mostrando seu lugar na primeira fileira, ao lado do altar improvisado. Sentei-me na cadeira ao seu lado, ajeitando o vestido por cima das pernas.

- Vou ao banheiro. Só um segundo – disse ele em voz baixa e beijou minha bochecha antes de se afastar.

Suspirei, agradecida pela brisa do lago. Estávamos no início do inverno, mas não parecia. Os dias ainda eram quentes, banhados de sol e umidade. Senti as costas começarem a suar, o vestido pesado bloqueando a entrada de ar, e coloquei as pernas na fenda do vestido, buscando me refrescar. A maior parte das mulheres havia escolhido vestidos curtos e justos, com certeza, mais apropriados do que o meu. Ainda assim, olhei com pena para os homens em seus ternos escuros e sufocantes, as gravatas comprimindo o pescoço e

estiquei os braços descobertos nas cadeiras desocupadas, observando os arredores. Já tinha estado em algumas chácaras na vida, mas esta era excepcionalmente grande e bonita. Era *clara*. Além do lago, todo o salão de festa e a capela eram feitos com janelas de vidro, dando a sensação de um espaço infinito e interligado. O sol era refletido na água e nas janelas, serpenteando entre as árvores.

Levei um susto quando Kauan agarrou com força meu braço, fazendo-me levantar com um puxão. Meu coração se acelerou ao ver que ele me levava para a capela vazia, caminhando a passos rápidos e nervosos.

O que foi que fiz agora? pensei, engolindo em seco.

Kauan me empurrou para dentro da capela, fechando a porta de madeira atrás de si com tamanha força que me fez pular. Coloquei os braços

PERIGOSAS NACIONAIS

ao meu redor, preparando-me para o impacto.

- Qual o problema? – perguntei, em voz baixa, dando um passo receoso para trás.

Ele se virou, lançando-me um olhar cheio de ódio e repulsa enquanto se aproximava lentamente, as mãos em punho.

- Kauan... – comecei a alertar.

- Você acha que pode ficar se mostrando para todos os caras da festa como se não tivesse dono – sibilou ele, os olhos pegando fogo.

Estreitei os braços ao meu redor e dei mais um passo para trás, tentando manter uma distância segura dele. A namorada querendo manter uma distância segura do namorado. Quando isso tinha começado a parecer normal?

- O que? – perguntei, confusa. – Você deve ter se confundido, eu não...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acha que sou burro, Lavínia? – sussurrou ele e então berrou: - Acha?!

Encolhi-me com sua voz e senti meu corpo começar a tremer. Queria correr para a janela e implorar por ajuda. As lágrimas em meus olhos eram quentes, ameaçando cair.

- Não, é claro que não – respondi, finalmente, a voz meramente um sussurro.

Kauan estava à minha frente em um segundo, segurando meus braços com força, o rosto a milímetros do meu.

- Eu o vi olhando pra você – cuspiu ele. – E vi você exibindo suas pernas como uma vagabunda.

Quem? queria perguntar. *Quando?* *Eu só estava me refrescando.*

Mas não disse nada. Apenas balancei a cabeça, amedrontada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não foi isso – sussurrei, mas ele já havia me jogado no chão, cobrindo meu corpo com o seu.

- Você é *minha* – vociferou ele em meu rosto, e me lembrei daquele primeiro incidente no consultório de seu pai. Nada tinha realmente mudado.

Kauan se levantou, e eu achei que estava acabado. Achei que poderíamos terminar uma briga sem que eu ficasse com marcas na pele, ainda que suas palavras de ódio tenham me ferido internamente. Mas, então, vi-o se aproximar de novo quando me apoiei nos cotovelos, prestes a levantar.

Senti o primeiro chute no quadril, como uma fincada, e escorreguei alguns centímetros no chão. Antes que pudesse processar o que havia acontecido, seu pé já havia me chutado de novo, desta vez, nas costelas. Senti uma dor aguda e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fiquei sem ar, sobrecarregada pela dor. Quase podia escutar os ossos se quebrando à medida que Kauan continuava me chutando, o sapato de couro acertando todo o meu abdome, fazendo-me encolher na tentativa de proteger minha cabeça e meus órgãos vitais. Ainda assim, ele continuou desferindo golpes na coluna, na pélvis, no quadril.

Enquanto me golpeava, senti que poderia morrer ali mesmo, e tudo que pensava era o quão estúpida havia sido, pois, agora, eu havia compreendido. Não importava o que eu fizesse ou deixasse de fazer. Não importava se dissesse todas as palavras certas, não importava se fosse a melhor namorada do mundo. Não importava se me diminuísse para Kauan poder se engrandecer. Nada realmente importava, além do que ele sentia. Nada importava, além de sua raiva, de seu ódio, de seu temperamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era Kauan quem estava no controle de tudo. Eu, percebi, era apenas um barco levado por suas ondas furiosas. Algum dia, acabaria naufragando.

Quando, finalmente, senti que os golpes haviam parado, arrisquei abrir os olhos, espiando por entre os dedos trêmulos das mãos. Kauan estava encostado à porta da capela, encarando-me com os braços cruzados. Como se sentisse meu olhar, ele se desencostou e caminhou até mim, e eu voltei a me encolher, implorando que a dor parasse, de alguma forma. Mas ele apenas se agachou ao meu lado, puxando-me pelas mãos. Meus olhos estavam inchados com as lágrimas, o rosto queimando. Senti os lábios tremendo ao encarar Kauan, enquanto seus dedos ajeitavam meus cabelos com delicadeza. Minha respiração estava ofegante, o peito subindo e descendo, e cada

PERIGOSAS ACHERON

ofegada era cheia de dor, como se as costelas estivessem perfurando o pulmão. Mas Kauan continuava alisando meus cabelos com concentração, passando então para o meu rosto. Tentei me afastar, mas ele segurou meu pescoço, mantendo-me no lugar. Passou o dedo por debaixo de meus olhos, limpando as lágrimas, e ajeitou o batom borrado. Então, ajudou-me a levantar.

O vestido, para minha surpresa, estava intacto. Apenas uma das linhas de bordado na cintura havia se soltado, despejando pedras azuis no chão quando me levantei.

- Venha, temos que ir – disse Kauan, pegando minha mão e me guiando para fora da capela como se tudo estivesse bem. – Acalme-se.

Ele havia me atingido justamente em lugares cobertos pelo vestido, então ninguém poderia imaginar o que havia acontecido. Mas eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sentia. Sentia o quadril dolorido ao caminhar, a dificuldade em respirar, as articulações ardendo ao me mover. Mais do que isso, sentia medo. O choque estava claramente estampado em meu rosto, e Kauan ordenou que eu sorrisse. Então, sorri, pois tinha medo de que ele resolvesse me bater ali mesmo, na frente de todos os convidados de seu pai.

Encontramos a fila de padrinhos e madrinhas na entrada do píer e nos posicionamos como a organizadora mandou. Éramos o primeiro casal da fila, os primeiros a entrar. Vi Fábio sorrindo e acenando para Kauan do altar, e o filho sorrindo de volta um sorriso tão sincero que me peguei imaginando como ele poderia sorrir assim depois de me espancar.

Mas, então, a música começou, e começamos a cruzar o píer. Minha mão direita

PERIGOSAS ACHERON

estava no braço esquerdo de Kauan, enquanto a outra segurava a barra do vestido. Tentei sorrir, torcendo para que Kauan tivesse conseguido ajeitar bem meu rosto antes de sairmos. Ele parecia perfeito, o sorriso largo e a postura descontraída, segurando minha mão direita com a sua. Tinha certeza de que parecíamos um casal perfeito.

Mas as dores em meu abdome contavam uma história diferente.

Sentei, aliviada, quando chegamos ao fim do píer, mas logo precisei me levantar para ver a noiva. Eu não havia conhecido Carina, mas, com seu sorriso doce e os cabelos loiros, ela parecia um anjo. Observei-a caminhando até o altar, a cauda de seu vestido fluido flutuando atrás de si. Ela andava com confiança, ainda que os olhos estivessem marejados, o sorriso se entendendo até as orelhas. Não pude deixar de me perguntar se ela estava

realmente feliz. Havia tempos eu havia percebido que as pessoas nunca estão tão bem quanto aparentam estar.

Quando ela alcançou o altar, Fábio segurou suas mãos e beijou sua bochecha, afastando os cachos que caíam ao redor de seu rosto com tanta delicadeza que me obriguei a desviar o olhar, ainda que eles fossem o centro das atenções. O arco de flores no topo das escadas era iluminado pelos últimos raios de sol do dia, criando feixes de luz dourada que serpenteavam pelo altar. Os noivos viraram-se de frente um para o outro, os convidados atentos, enquanto o ministro oferecia um microfone para Carina, explicando que os noivos tinham escolhido escrever seus próprios votos.

Ela sorriu, parecendo nervosa, mas pegou o microfone e limpou a garganta, apertando com

PERIGOSAS NACIONAIS

força a mão de Fábio. Seus olhos brilhavam, iluminados pelas lágrimas e pelo glitter suave da maquiagem. Quando ela o encarou com intensidade, soube que estava, de fato, feliz além de minha compreensão e era claro para todos ali que soubessem observar bem.

- Bom - começou ela, a voz rouca, respirando fundo. - Aqui estamos e eu já estou me arrependendo dessa ideia de ler os próprios votos. Mas, bem, agora vamos lá. Sempre me considerei uma pessoa muito independente, segura de mim. Jamais coloquei como prioridade encontrar alguém. De certa forma, sempre valorizei demais minha individualidade. Gosto de me conhecer, de poder escolher meu caminho e segui-lo, independente de outra pessoa. Acontece que você apareceu de repente, Fábio. Nunca estive em meus planos conhecê-lo, da forma como o conheci, quando o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conheci. Mas você mudou tudo e, por muito tempo, estive com medo. Mas agora percebo que você é a melhor coisa que me aconteceu. Percebi que também é possível encontrar a individualidade diante de alguém. Não para mudá-la, mas para expandi-la. Quem sou eu quando estou com você? Sinto-me bem? Sinto-me confiante? Sinto-me completa? Gosto da pessoa que sou quando o tenho? Gosto de quem me tornei depois que o conheci? Quero mantê-lo em minha vida, para continuar crescendo junto de você? Você me faz melhor? Se as respostas para todas essas perguntas forem sim, então digo que vale a pena. E, com você, Fábio, só sei dizer sim.

Senti os braços de Kauan se estreitando ao meu redor e, observando as pessoas nos bancos, percebi que vários casais também se abraçavam com força enquanto aplaudiam. Todos encaravam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus parceiros com uma intensidade no olhar, ao mesmo tempo que pareciam se perguntar se essa intensidade duraria. Vi que todos esperavam que durasse, vi a reza silenciosa para que uma força maior permitisse que a pessoa amada continuasse em seus braços para sempre. Era ali que eles pareciam se sentir em casa.

Kauan acariciava meu braço, os dedos escorregando suavemente por minha pele enquanto a outra mão apertava minha cintura dolorida. Eu me sentia presa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Depois da cerimônia, Kauan me deixou em casa, sem sequer esperar a porta do carro fechar antes de acelerar. Arrastei-me para dentro, sentindo os músculos queimando, e subi até o quarto, onde tirei o vestido com cuidado e o coloquei no cabide. Engoli em seco na frente do espelho, analisando meu corpo. Havia pequenos arranhões na barriga e peito, mas, fora isso, eu parecia bem. Sabia que a pele acabaria ficando roxa com os dias, então, descii até a cozinha, onde peguei alguns cubos de gelo para fazer uma compressa.

Deitei-me no sofá da sala com uma blusa curta e shorts, pousando a compressa com cuidado sobre o abdome dolorido. Acabei dormindo ali mesmo, exausta demais para sequer subir as

PERIGOSAS NACIONAIS

escadas, as lágrimas silenciosas rolando por meu rosto.

No dia seguinte, agradei por meus pais não estarem em casa. Abrindo os olhos, vi a toalha molhada em cima da barriga e me levantei. Um enorme hematoma se estendia da costela direita ao quadril, a pele roxa e amarelada. Cutuquei de leve o machucado, e a dor se estendeu por todo o abdome. Torci para que não tivesse sofrido nenhuma lesão interna e me deitei novamente.

Pelo resto do dia, encolhi-me no sofá, encarando a TV com os olhos desfocados, até que, finalmente, escutei a campainha tocando. Dei um pulo no sofá, apertando uma almofada contra o peito. Não estava pronta para enfrentar Kauan. Atravessei a sala com a cabeça baixa, subindo até o andar de cima, e espiei a porta de entrada pela janela. Lá fora, vi Davi e Alícia conversando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

silenciosamente e suspirei aliviada. Apesar de não poder conversar com nenhum dos dois sobre o que havia acontecido, queria a presença reconfortante de meus amigos.

Abri a porta, forçando um sorriso.

- Oi! – exclamei entusiasmada, puxando-os para dentro.

- Ei, Vi – disse Alicia. – Tudo bem?

- Claro – respondi, guiando-os para a sala e me jogando no sofá. As costelas doloridas reclamaram do movimento bruto, mas tentei manter a expressão impassível. – Tudo bem?

- Queríamos conversar com você, na verdade – admitiu Alicia, sentando-se no chão ao lado do sofá.

Esperei que eles continuassem, encarando-os, confusa. Então, Davi suspirou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tem certeza que você está bem, Vivi?

Ergui as sobrancelhas.

- Já disse que sim – respondi, mais seca do que pretendia. – Por que a insistência?

Alícia respirou fundo e tocou minha perna com as mãos, apertando gentilmente.

- É só que... – começou ela. – Você anda sumida. E um pouco estranha.

- Estranha como?

- Quieta – disse Davi. – E, quando estivemos aqui, você não desgrudava de Kauan.

Dei de ombros, ignorando o nó em minha garganta.

- Kauan é meu namorado, Davi.

- Sim, mas é diferente – retrucou ele. – Ele estava respondendo por você.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei, irritada, e esfreguei os cabelos curtos.

- Não estava, Davi, ele só...

- O que é isso em sua barriga?

Encarei Alícia, surpresa, mas ela apontava assustada para minha barriga. Senti o coração perder uma batida ao me lembrar de que ainda usava a camiseta curta. Quando olhei para baixo, vi o abdome todo exposto, cheio de inegáveis hematomas. Não havia explicação plausível para aquilo.

Abri a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Não protestei quando Davi estendeu as mãos, os olhos arregalados, e levantou a barra de minha camiseta, expondo ainda mais minhas costelas machucadas.

Alícia franziu as sobrancelhas, levantando-se com um salto e me encarando como se não me

PERIGOSAS ACHERON

conhecesse.

- Ele está batendo em você? – sussurrou ela, colocando as mãos sobre a boca.

Engoli em seco e não deixei que meu olhar encontrasse o dela, os olhos focados nos fios soltos do tapete da sala.

Meu silêncio pareceu ser o suficiente para Alícia.

- Lavínia! – gritou ela, a voz esganiçada, e senti suas mãos segurando meus braços, obrigando-me a encará-la. – Você está deixando ele bater em você?

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e fiquei surpresa ao descobrir que não estava chorando também. Pelo jeito, meu estoque de lágrimas havia se esgotado na noite anterior.

- Você não entende – consegui sussurrar, e

Alicia bufou.

- Entendo muito bem! – retrucou ela, pegando a bolsa no sofá. – Nunca achei que você fosse ser aquela garota que deixa o namorado a tratar como lixo. Que o deixa *espancá-la*. Achei que fosse mais esperta que isso!

- Foi culpa minha – soltei, involuntariamente.

Alícia deu um passo para trás, como se minhas palavras a machucassem fisicamente. Então, abriu a boca para falar, mas pareceu mudar de ideia, erguendo os braços e correndo para fora de casa.

Segui-a com o olhar, incrédula, e tremi ao ouvir a porta bater com força. O nó em minha garganta parecia me sufocar, o oxigênio que entrava insuficiente para me permitir pensar direito.

Senti a mão de Davi em meu ombro e dei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pulo, assustada. Não consegui decifrar a expressão em seu rosto. Ele suspirou.

- Você não precisa me contar, Vivi – disse ele, com a voz suave. – Mas, se você se sente envergonhada ou assustada demais para falar, provavelmente, é algo que não deveria estar acontecendo.

Finalmente, senti as lágrimas por trás das pálpebras e soluzei, um soluço desesperado e angustiante. Davi me puxou pelos braços, segurando meu corpo trêmulo.

- Como foi que você entrou nisso? – perguntou, abraçando-me sem jeito, e eu balancei a cabeça.

- Não sei – engasguei. – Não sei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Não vi Kauan até quarta-feira, quando ele me buscou em casa e me levou ao consultório da psicóloga de carro. Tínhamos combinado que ele poderia ser meu motorista enquanto meus pais viajavam e, agora, arrependia-me profundamente da decisão. Ele tinha me pedido desculpas por mensagem, como se algumas letras e um emoji de carinha triste fossem o suficiente para compensar meus machucados físicos e mentais. Esperei entrar no carro e ver sua expressão arrependida, mas, hoje, Kauan parecia ainda mais irritado. Hesitei ao entrar no carro, colocando o cinto em silêncio.

Quando parou na frente do prédio de Bárbara, ele se despediu com um beijo rápido na bochecha, já acelerando, e disse que me buscaria às

seis.

Suspirei, encarando as portas de vidro do prédio e peguei o elevador até o oitavo andar. Sentei-me à sala de espera apenas por alguns minutos antes que Bárbara abrisse a porta do consultório, sorrindo.

- Oi, Lavínia – cumprimentou ela. – Entre. Estava te esperando.

Sentei-me em minha poltrona de costume, em silêncio. Bárbara sentou-se, também, encarando-me.

- Ele me bate – sussurrei, as palavras saltando de meus lábios.

Bárbara franziu as sobrancelhas e apoiou os cotovelos nas pernas cruzadas.

- Desculpe, o que?

Respirei fundo e fechei os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Kauan – falei em voz alto, o som claro. –
Kauan me bate.

E, de repente, a realidade pareceu me atingir. Senti os olhos marejados e o corpo tenso e encarei Bárbara. Seus olhos eram piedosos, e ela prendeu a respiração por um segundo, esperando que eu continuasse.

- Achei que ia parar – admiti, com a voz embargada. – Mas não parou. Pelo contrário, só vem piorando.

Hesitantemente, ergui a camiseta só um pouco para que ela pudesse ver os hematomas na barriga. Agora, eles tinham uma aparência preta e amarela, feios, como algo em decomposição.

- Oh, Lavínia – suspirou Bárbara. – Há quanto tempo isso vem acontecendo?

- Não sei – respondi em voz baixa. – Acho que a primeira vez foi pouco depois de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começarmos a namorar. Não sei. Ele sempre se mostrou tão arrependido. Achei que... achei que fosse um momento ruim. Mas então aconteceu de novo. E de novo. E não sei mais o que pensar.

Fechei os olhos, o rosto de Kauan fluando em minha mente. Lembrei-me de quando o conheci, um garoto moreno e de rosto anguloso na clínica. Ele havia sido tão gentil. Parecera tão nervoso em nosso primeiro encontro, querendo impressionar. Desde então, ele havia me surpreendido com os gestos grandiosos, a gentileza, os toques carinhosos, o cuidado. Nunca alguém havia cuidado tanto de mim.

Kauan me protegia de tudo. Ele só não podia me proteger de si mesmo.

- Ele sempre quis me proteger e sempre gostei disso – confessei. – Não sei, estava tão feliz de ter algo bom em meio às tristezas de meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acidente que só quis ignorar os sinais. E ele... ele me fazia tão feliz.

- Você o ama – concluiu Bárbara, o tom de voz sério.

Assenti, engolindo em seco.

- Sim – respondi. – Ainda o amo.

- E ainda acredita que ele pode ser bom para você?

Desviei os olhos para as enormes janelas que mostravam o céu. Hoje, o tempo estava nublado e cinzento, um chuvisco leve respingando no vidro.

- Achei que poderia ser – falei, finalmente.
– Achei que poderia ser boa para ele, e ele seria bom pra mim. Mas, mesmo quando não faço nada de errado, ele...

Engasguei com as palavras, esfregando as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos, aflita.

- Você não pode controlar o comportamento dele, Lavínia – disse Bárbara. – Só ele pode. Somente se ele quiser.

Assenti, compreendendo.

- Alguém mais sabe? – perguntou ela.

Balancei a cabeça, negando.

- Não – sussurrei. – É tão confuso, eu... não sei porque não contei para ninguém. Acho que esperava ser julgada, estava envergonhada e... eu sabia que não o veria de novo.

Bufei, de repente frustrada comigo mesma e me levantei, cruzando os braços.

- Claro, acho que tenho culpa nisso também. Fui burra, estava frágil e carente e acreditei que o príncipe encantado poderia ter vindo me resgatar...

PERIGOSAS ACHERON

- Vou precisar interrompê-la aí, Lavínia. Entregar-se ao amor não é algo do qual se culpar. Se você escolheu confiar, escolheu dividir-se com outra pessoa e confiar nela, e ela não soube recebê-la com respeito, a culpa de um resultado negativo é exclusivamente dela. Um final ruim para a sua busca por amor não demonstra uma burrice ou inocência sua; demonstra o mau caráter dele. — Bárbara abriu um triste sorriso. - Dito isso, conhecendo-a, acho que você jamais precisaria de algum príncipe encantado para resgatá-la.

Suspirei, soltando o ar com força.

- Não sei o que fazer — admiti. — Sei que não posso ficar com ele, mas não sei *como* sair disso. Meu Deus, não sei como *entrei* nisso.

- O que a impede de terminar? — perguntou Bárbara. — Você acha que ele reagiria mal?

- Não sei — balancei a cabeça, encolhendo-

PERIGOSAS NACIONAIS

me na poltrona. – Quer dizer, provavelmente, mas não é só isso. Acho que tenho medo de ficar sozinha de novo, de voltar a ser infeliz. Sei que é patético, mas não consigo parar de me sentir assim. Querendo ou não, ele foi a única pessoa que já me amou desse jeito. Tenho medo de nunca encontrar isso de novo.

Bárbara suspirou. A expressão em seu rosto era de pena e sofrimento, ainda que gentil.

- Você era feliz antes dele, Lavínia – disse ela, a voz firme. - Você será feliz depois dele. O amor vem e vai, e isso não é amor. Jamais o deixe convencê-la de que você não é digna de amor. Mesmo que ninguém aparente amá-la, uma pessoa sempre estará aí para lhe dar amor: você mesma. Seja gentil consigo mesma. Seja justa. E, principalmente, seja sincera sobre o que você quer e sobre o que você precisa.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli com força o nó na garganta, tentando conter as lágrimas e respirei fundo.

- Certo – murmurei. – Como devo fazer isso?

- Não converse com ele sozinha – aconselhou ela. – Chame-o para um lugar público ou com amigos por perto. Se precisar de mais ajuda, ligue para o 180.

- 180?

- Sim. É um disque-denúncia de violência contra a mulher. É um canal para denúncias, mas você também pode pedir orientações, ficar ciente de seus direitos. E, Lavínia, - continuou ela. – Não hesite em pedir ajuda, seja para mim, para seus pais ou para seus amigos.

- Tudo bem – concordei. – E se... e se eu perder a coragem? E se ele me convencer de que tudo ficará bem de novo?

Bárbara suspirou, assentindo.

- Isso pode acontecer, mas não vai – ela tocou o caderno em sua mão. – Escreva uma carta. Você não precisa realmente entregá-la, mas é bom colocar tudo o que sentiu no papel. Assim, você se lembrará dos motivos pelos quais ele não lhe faz bem. Assim, você não esquecerá o sofrimento. Isso lhe dará coragem para sair.

Capítulo 30

Quando desci do consultório, Kauan já estava estacionado na frente do prédio, distraído com seu celular. Entrei no carro, batendo a porta de leve e encarando o contorno de seu rosto concentrado. Então, ele se virou e me deu um beijo, abrindo um sorriso.

- Para casa? – perguntou ele, mudando de marcha e olhando pela janela.

Engoli em seco.

- Para casa.

Lembrei-me do conselho de Bárbara sobre não conversar com ele sozinha e mordi a língua, encarando os prédios que passavam depressa à medida que a velocidade do carro aumentava. Quando estacionamos na frente de minha casa,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kauan, para minha surpresa, desligou o carro, saindo. Eu o encarei, confusa, enquanto ele abria minha porta.

- Seus pais ainda estão viajando, certo? – perguntou ele, pegando minha mão. – Vou entrar um pouco.

Todas as luzes da casa estavam apagadas, apenas as sombras preenchendo os cômodos. Abri a porta devagar, as mãos trêmulas, sentindo o peso da mão de Kauan em minha lombar. Depois que entramos, fechei a porta lentamente, ainda na escuridão, pousando minha bolsa na mesa do hall de entrada.

Antes que eu pudesse protestar, Kauan me puxou para seus braços, apertando-me com força contra si. Os lábios se moviam contra os meus com violência, sem medo de machucar. Senti a ponta de seus dedos pressionando os braços e as costas e

PERIGOSAS ACHERON

pensei que deixariam marcas. Mais marcas.

Kauan me pegou pelas pernas e me segurou contra a parede. Senti uma pontada latejante no joelho direito, mas a ignorei enquanto seus lábios passavam de meu rosto para meu pescoço e então para o resto de meu corpo. Eu estava sem ar. Não conseguia respirar com seu peito pressionando o meu. As costelas já doloridas pareciam se comprimir ainda mais, o pulmão encolhendo.

- Espere – consegui suspirar, mas ele não me ouviu, ou preferiu ignorar.

Kauan tirou uma das mãos de minha coxa e empurrou minha cabeça com força, batendo-a na parede, abrindo espaço para que sua boca explorasse meu pescoço. Senti a cabeça latejando, dolorida e fiquei tonta por um momento.

Então, quando percebi que nos movíamos, caí no sofá. O corpo de Kauan já estava em cima do

PERIGOSAS NACIONAIS

meu antes que eu tivesse tempo de me posicionar, suas mãos entrando por baixo de minhas roupas, sem permissão. Eu não tinha sequer fôlego para protestar. Tentei debilmente me mover para que ele não conseguisse me tocar, falhando.

Suspirei, tentando acalmar minha mente. Meus pais não estavam em casa, podíamos fazer o que quiséssemos. *Mas e se eu não quisesse...?* Ainda assim, tinha medo do que ele faria se eu o parasse. Mas, meu Deus, tinha medo do que faria se eu *não* o parasse.

Quando suas mãos se moveram para desabotoar minha calça jeans, arfei com força e, finalmente, afastei-o de mim, o máximo de consegui. Kauan continuava beijando meu corpo, mesmo com minhas tentativas inúteis de fazê-lo parar.

- Kauan – chamei, ainda sem ar, meu corpo

PERIGOSAS ACHERON

espremido contra o sofá duro. – Eu não...

- Meu Deus, Lavínia – rosnou ele, sem me encarar e empurrou minha cabeça de volta para o sofá. – Relaxe.

Senti um nó em minha garganta e um medo profundo me invadir, o coração perdendo uma batida. Encarei o teto escuro da casa com lágrimas brotando em meus olhos e engoli em seco, colocando minhas mãos nos ombros de Kauan para empurrá-lo novamente.

- Não sei se quero... – comecei e então puxei seu rosto. – Kauan, pare, por favor.

Ouvi-o suspirar frustrado e seu olhar finalmente encontrou o meu. Temi o fogo furioso que brilhava em seus olhos, e o sorriso que apareceu em seus lábios não me confortou em nada. Meu estômago se revirou e as lágrimas queimaram minhas pálpebras, o medo em meu coração tão

profundo que eu poderia senti-lo me consumindo de dentro para fora.

- Está tudo bem, Lavínia – sussurrou ele, as mãos acariciando meu rosto. Reprimi o impulso de me afastar. – Não seja egoísta. Só relaxe.

Egoísta. Eu não devia ser egoísta, ele dizia. Minhas vontades não deveriam sobrepor às suas.

Antes que eu pudesse continuar, sua mão cobriu minha boca, e ele voltou a se mover sobre meu corpo. Meu coração batia com força, assustado, e meus olhos vigiavam o teto desesperadamente, sem saber o que fazer. Eu sabia o que aconteceria, e sabia que não havia ninguém que pudesse impedi-lo. Pensei em gritar, mas ninguém me ouviria, e sua mão continuava tapando minha boca com força. Remexi meu corpo de um lado para o outro, torcendo para que conseguisse tirar o corpo de Kauan de cima de mim, sem

sucesso. Desesperadamente, estiquei as mãos em busca de algo que pudesse me ajudar, tateando o ar.

Por fim, sem esperanças, apertei os olhos com força, sentindo as lágrimas escorrendo por minhas têmporas. *Ele é meu namorado*, pensei, tentando me confortar. *Isso é normal. Só relaxe. Você consegue aguentar mais uma noite.*

Tentei relaxar. Sabia que seria pior se continuasse me debatendo. Então, continuei deitada, os olhos fixos no teto, enquanto seu corpo pressionava o meu, entrando e saindo, beijando e apertando. Não doeu, não sangrei. Não senti nada sequer. Pensei apenas nas marcas que meu corpo teria no dia seguinte, perguntando-me se elas doeriam tanto quanto aquelas em meu coração.

Capítulo 31

Quando acordei no dia seguinte, sentia-me vazia. Meus olhos piscaram com força, acostumando-se com o brilho do sol que entrava pela janela, e, por um segundo, não compreendi onde estava. Então, enxerguei o candelabro da sala de TV flutuando sobre minha cabeça e as memórias invadiram meu cérebro, agressivas e doídas.

Ainda assim, não me movi. Continuei piscando, os braços estirados ao lado do corpo, o corpo imóvel. Minha garganta estava seca. Minha pele, fria. Sentia-me vazia, como se na noite anterior Kauan tivesse levado o que restava de mim. Eu era uma concha. Vazia, oca, solitária. Engoli em seco, os lábios entreabertos, e me sentei no sofá. Toquei meus cabelos curtos, espetados, e

então minha boca ressecada. Notei que vestia a camisa de Kauan e me levantei com um pulo, a respiração ofegante.

- Bom dia, meu amor – outro pulo. Vi Kauan apoiando-se no batente da porta e meu coração se acelerou, assustado. – Dormiu bem?

Queria gritar com ele. Queria bater em todo o seu corpo para que ele sentisse um terço da dor que eu sentia, para que compreendesse o quanto ele havia me machucado. Mas, lembrando-me das palavras de Bárbara, consegui forçar um sorriso mínimo e assentir, esfregando os cotovelos com as mãos.

Kauan pareceu satisfeito com minha reação, caminhando até mim e depositando um beijo suave em minha testa. Por um momento, quis mergulhar na sensação gostosa de seus dedos gentis em minha pele. Quis novamente acreditar que tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

ficaria bem. Mas, agora, eu sabia que nada ficaria bem. Contive o impulso de afastá-lo, até que ele voltou para a cozinha.

- Vou fazer um chocolate quente pra você – disse ele, piscando com um dos olhos.

Eu sabia que ele viria com a droga do seu chocolate quente delicioso para aquecer meu corpo e derreter meu coração estilhaçado. Mas, dessa vez, sua fala só serviu de combustível para minha raiva. Enquanto Kauan estava na cozinha, encontrei meu celular, ainda guardado na bolsa no hall de entrada. Enviei uma mensagem para Júlio e outra para Davi, implorando que viessem imediatamente me encontrar. Torci para que os dois checassem o celular antes de guardá-lo novamente, caminhando até a cozinha.

- Vou tomar um banho rápido – avisei, encarando as costas de Kauan, e o vi assentir.

PERIGOSAS ACHERON

Corri para o segundo andar, arrancando a camisa de Kauan de meu corpo como se o tecido estivesse me queimando. Então, enfiei-me debaixo do chuveiro, esfregando desesperadamente os braços, as pernas e o abdome dolorido, o sabonete fazendo bolhas. Já havia me secado e colocado minhas roupas quando ouvi a campainha tocar e larguei a toalha molhada em cima da cama, disparando para o primeiro andar.

Meu coração perdeu uma batida, aliviado, ao ver Davi e Júlio do lado de fora, ainda usando suas roupas de ginástica. Soube que eles deviam ter saído no meio de um ensaio e me senti mais grata a eles do que já havia me sentido antes.

- E aí? – cumprimentou Kauan, mas Davi e Júlio apenas entraram em casa, os olhos focados em mim. – Algum problema?

Davi me abraçou com força, posicionando-

se ao meu lado, e Júlio fez o mesmo.

- Não sei – disse Davi, a voz mais fria do que nunca. – Algum problema, Lavínia?

Suspirei, tocando seu braço e então me virei para Kauan. Por um momento, vendo-o com a expressão confusa, a xícara de chocolate quente nas mãos e os cabelos ainda bagunçados, senti o um aperto no coração de pensar em perdê-lo. Queria ter tido tempo de escrever aquela carta.

- Kauan – comecei, dando um passo para frente e cruzando os braços sobre o peito. – Não posso mais fazer isso.

Ele franziu as sobrancelhas, aproximando-se com os lábios entreabertos.

- O que foi, Lavínia?

Respirei fundo, desviando o olhar. Então, encontrei seus olhos, encarando-o com intensidade.

- Quero terminar.

Kauan continuou me encarando. Então, seus olhos pareceram perder a luz, e ele franziu a boca, transformando-a em uma linha fina, as sobrancelhas se erguendo. Sua expressão era debochada e irritada ao mesmo tempo, como se eu estivesse causando algum tipo de inconveniência.

- Não acredito – disse ele. – Por que você iria querer terminar comigo? Sou a melhor coisa que já te aconteceu.

Abri a boca para tentar explicar, para fazê-lo compreender que ele não podia espancar as pessoas, violá-las. Queria lhe dizer que isso não era amor, que ele não me fazia bem. Queria sugerir que buscasse ajuda. Mas, então, percebi que ele não me dava crédito algum. Por que, então, se importaria com qualquer coisa que eu dissesse?

Dei um passo para trás, colocando-me entre

Davi e Júlio novamente.

- Por favor, vá embora, Kauan – supliquei.
– Busque ajuda.

- Ajuda? – zombou ele e então jogou a xícara de chocolate quente no chão. Com um som agudo, o vidro se espalhou por toda a sala, o líquido quente sujando o tapete e respingando em meus pés descalços. – Você precisa de ajuda. É uma vagabunda metida e egoísta, acha que tem alguma razão sobre algo. Você é uma egocêntrica, Lavínia. Tem sorte de ter me encontrado. Está perdendo sua única oportunidade de ser amada.

As palavras doíam ainda que eu tentasse me convencer de que era melhor assim. Era melhor que ele fosse cruel, para que eu não me sentisse tentada a desistir de minha decisão. Mas eu sentia o coração doendo, confuso sobre como Kauan poderia dizer todas aquelas coisas para mim. Ele,

PERIGOSAS NACIONAIS

que me convencera de que eu era maravilhosa mesmo com o joelho quebrado. Ele, que me fizera sentir viva mesmo sem poder dançar. *O quão bem você acha que o conhece?* Não conhecia.

- Ela já disse que acabou, cara – disse Júlio, a voz surpreendentemente firme.

Kauan respirava rapidamente, ofegante. Seus olhos estavam arregalados e, de repente, a raiva foi substituída por angústia. Vi-o engolir em seco, as sobrancelhas franzidas. Então, com um movimento rápido, ele se jogou aos meus pés. Davi e Júlio fizeram menção de segurá-lo, mas, com um aceno, fiz com que eles permanecessem em seus lugares. Kauan estava ajoelhado, o peito subindo e descendo com força, como se os pulmões não estivessem recebendo oxigênio. Ele me encarava com os olhos enormes, escuros, implorando.

- Eles te incentivaram a fazer isso? –

PERIGOSAS ACHERON

perguntou com a voz estrangulada – Lavínia, eu te avisei sobre eles. Eles estão colocando coisas na sua cabeça...

Balancei a cabeça, os lábios apertados, um gesto silencioso pedindo para que ele parasse.

- Lavínia, não faça isso – suplicou Kauan, sussurrando. – Meu amor, eu te amo tanto. Vou morrer sem você, Lavínia. Não faça isso. Serei melhor, eu juro que serei melhor.

Mordi o lábio inferior.

- Não para mim – sussurrei de volta. – Adeus, Kauan.

E, então, percebendo que eu não mudaria de ideia, Kauan me lançou um último olhar de ódio e disparou para fora de casa, sumindo na rua. Encarei o lugar em que ele havia estado, o chão sujo de vidro e chocolate quente. Solucei de repente, envolvendo-me com os braços enquanto

PERIGOSAS ACHERON

sentia as lágrimas rolando furiosamente.

Davi puxou-me para um abraço, segurando minha cabeça sob seu queixo enquanto eu tremia encolhida.

- Você precisa denunciá-lo – sussurrou Júlio, colocando uma mão reconfortante em meu ombro.

- Não – balancei a cabeça. – Só quero que tudo isso acabe.

Naquele momento, senti que nunca acabaria e chorei.

Capítulo 32

Eu estava flutuando. A água sob mim era fria, limpa e transparente. Se me virasse, poderia ver o fundo de azulejos esverdeados. Mas não queria me virar. Sentia-me leve pela primeira vez em muito tempo, flutuando. A água batia em minhas têmporas em pequenas ondas, ensopando meu cabelo e pregando-o no rosto. Movi os braços, criando uma corrente de água que me levaria para onde ela quisesse. Não havia perigo. Não era uma piscina muito grande.

Ouvi alguém chamando meu nome, mas não quis me levantar. Gostava do som oco de tudo debaixo d'água, de como o resto do mundo parecia sumir enquanto minhas orelhas ficavam submersas. Acima de mim, só havia o céu azul, límpido e

claro, a silhueta da lua indicando o início da noite.

Depois que Kauan foi embora, Davi e Júlio ficaram comigo até o fim do ensaio, quando Alícia chegou. Ela me encarou por um momento, observando meus ombros caídos, a postura encolhida, o rosto inchado. Então, correu para me abraçar, soluçando enquanto alisava meus cabelos e implorava desculpas. Os três me fizeram companhia até que meus pais voltassem, no domingo seguinte, e dormimos todos na sala de TV, em colchões amontoados cercados de caixas de pizza.

Quando meus pais chegaram, Davi lhes contou o que havia acontecido. Vi minha mãe com o rosto incrédulo, e meu pai, chocado. Ninguém parecia acreditar que o Kauan que tinham conhecido poderia ter me violentado física e psicologicamente, mas era o que havia acontecido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei feliz por não ter que contar tudo de novo, repetindo nossa história em minha mente, e deixei que meus pais se aproximassem e colocassem os braços ao meu redor, analisando meus machucados mais recentes.

Eu estava criando coragem para ir à delegacia fazer uma denúncia, mas, por enquanto, ainda não estava pronta para ser julgada e questionada sobre minha versão da história. Queria o conforto de minha casa, de minha família e de meus amigos e do fato de saber que eles sempre acreditariam em mim, mesmo que outros não o fizessem.

Respirei fundo, enchendo os pulmões de ar e deixando-me afundar na água. Abri os olhos no fundo, piscando para a imensidão azul que tremeluzia com a luz do sol. Então, empurrei o chão com os pés, atingindo a superfície. Abri a

PERIGOSAS ACHERON

boca, inspirando o ar fresco e sentindo o calor em meu rosto enquanto a água me balançava de leve. Esfreguei os olhos que ardiam por causa do cloro, de uma forma que me lembrava infância. Queria as bochechas rosadas, os olhos ardidos, a pele queimada por ficar o dia todo ao sol. Queria a falta de preocupações e sofrimento que marcava a época em que era criança.

Sabia que não poderia tê-la, então, abri os olhos, buscando a voz que me chamara.

- Quero um sorvete – ouvi Davi, o contorno de seu corpo iluminado pelo sol pairando à beirada da piscina.

Suspirei, batendo as pernas.

- Tenho dinheiro na mochila – respondi e voltei a mergulhar, não antes de ver sua expressão alegre. Ele havia estado mais feliz desde que Dora começara a se recuperar, a terapia tendo um efeito

promissor em seu quadro de depressão.

Estávamos no clube do qual suas mães eram sócias. Não vínhamos aqui desde que tínhamos doze anos, antes de conhecermos Alícia e começarmos a utilizar sua piscina. Mas, hoje, Alícia estava viajando, e eu queria desesperadamente nadar. O dia não estava tão quente assim, mas, mesmo que já fosse inverno, a temperatura continuava alta e os clubes continuavam cheios.

Aproveitei que Davi estava no bar e saí da piscina, pegando uma toalha e então buscando o caderno que havia trazido na bolsa de plástico. Sentei-me à beirada na piscina, os pés mergulhados na água gelada, o sol quase desaparecendo no horizonte. Uma brisa gelada atravessou a toalha enrolada em meu corpo, jogando-a para trás, juntamente com alguns fios de cabelo. Agora, já

não havia mais ninguém no clube além de mim, Davi e o casal que cuidava do restaurante. O resto das pessoas havia se dispersado, à medida que a noite substituíra o dia, nuvens pesadas substituíam o céu azul, e a atmosfera anunciava o início de uma tempestade típica dos dias de verão.

Ainda assim, agradei silenciosamente pelos cabelos cortados, curtos o bastante para permitirem que o vento refrescasse a parte de trás do pescoço, completamente exposta. Balancei os pés dentro da piscina, sentindo a força recém-adquirida no joelho direito, suspirando aliviada. Então, pousei a caneta sobre o papel, continuando a carta que havia iniciado no dia anterior.

“Querido Kauan

Kauan,

Agora começo a ver os sinais. Achei que a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mudança tivesse sido repentina, mas não. Desde o início, você sempre deu sinais de seu verdadeiro “eu”. Devagar, você me convenceu de que suas atitudes eram culpa minha. Mas isso não é verdade. Você sempre foi e creio que sempre será do jeito que é. Com seus ataques violentos e xícaras de chocolate quente.

Acho que eu era realmente um prato cheio para você e seus impulsos. Uma garota frágil, quebrada, deslocada. Alguém precisando de apoio, de conforto. Alguém que depositava confiança de forma fácil, que não questionaria demais. Alguém que aceitaria suas imposições, suas necessidades, suas próprias fragilidades. Alguém que precisava ser salva. Alguém que não lutaria por si mesma.

Mal sabia você que eu nunca havia sido aquela garota. Acho que eu mesma demorei a perceber, mas agora sei. Não sou frágil, quebrada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou deslocada. Não preciso que você segure minhas mãos e me guie pela vida. E o mais importante: lutarei por mim mesma.

Nunca foi algo que eu fiz, e você sabe. Agora eu também sei que, independente de minhas decisões, de minhas palavras, de minhas ações, os momentos de suas explosões eram determinados apenas pelo seu próprio temperamento. Você distorce tudo que sou para caber em seu espectro de culpa. E você me fez acreditar. Fez-me crer que tudo realmente poderia ser minha culpa, que suas reações eram naturais e que era meu dever como mulher aceitá-las sem reclamar.

Ainda te amo, mas, agora, também te odeio e odeio te amar. Eu te odeio, Kauan, pois você me tirou a vida. Você tirou de mim o resto de confiança que sobrara, o resto de alegria, de contentamento, de motivação. Você me tirou de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim mesma. Fez-me crer que eu era insuficiente, feia, uma pessoa indigna de ser amada. Você me fez não acreditar na existência de amor. Você me fez acreditar que eu não poderia ser feliz. Você me fez acreditar que eu estava condenada. Você me tirou de mim mesma, tomando-me para si, como um corpo a ser usado, como alguém sem mente e sem coração.

Eu não estava quebrada antes. Foi você quem me quebrou. E, ironicamente, achei que apenas você, que havia me partido em mil pedaços, poderia me consertar.

Isso não é verdade. Você mentiu. Você sempre mente. Sei que acha que sempre está certo. Mas não dessa vez.

Minha psicóloga disse que eu deveria escrever essa carta para mim mesma, para me lembrar de todo o sofrimento pelo qual você me fez

PERIGOSAS ACHERON

passar. Mas ela também é para você, pois *você* não pode esquecer tudo que me fez passar. Será que sentirá culpa? Bom, eu duvido, mas continuarei mesmo assim.

Quando você me empurrou aquela primeira vez, senti minha dignidade se despedaçando, junto com meu coração. Foi naquele momento que percebi que havia um lado horrível em você, mas acreditei que eu poderia lidar com ele. Esse foi meu único erro. O sentimento não mudou nas outras vezes em que você me tocou com violência.

Quando disse que não gostava do meu cabelo, quis correr ao salão e pedir que colassem os fios de volta em meu couro cabeludo. Acreditei que sua opinião era a verdade universal e que você a professava pelo meu bem. Mas você só queria me diminuir para poder se engrandecer.

Quando fez com que eu me afastasse de

meus amigos, senti-me sozinha e sem uma parte de mim mesma. Mas pensei que fosse um gesto de proteção para que eu não me decepcionasse mais com eles. Você só queria me prender a si.

Quando disse que não queria que eu dançasse mais, quis pensar que era por medo de eu me machucar novamente. Mas você só tinha medo de que eu percebesse que não precisava de você para ser eu mesma e de que me lembrasse que era realmente boa em algo.

Quando me tocava sem permissão, sentia-me morta, como se fosse um corpo inanimado, sem vida e vontade. Achei que eu lhe devia isso, por ter me salvado de alguma forma. Você nunca me salvou. E, mesmo se tivesse, não tinha o direito de me tomar para si quando quisesse.

Quando tomava decisões por mim, como se eu fosse burra demais para tomá-las eu mesma,

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditei que era por amor. Senti-me fraca, mas pensei que era isso que significava se entregar para alguém, com confiança. Mas isso não é amor.

Nada do que você me trouxe foi amor, Kauan. Amor não machuca, amor não dói. O amor não é cruel. Amar não é sofrido, e ser amado não é uma luta. O amor não pede que eu desista de mim mesma; ele torce para que eu alcance todo o meu potencial. Você disse que eu era inocente com minhas perspectivas de amor, mas é você quem não entende o que é amar. Você só me trouxe medo. Medo, dor e insegurança.

Não quero mais o seu falso amor. Não se ele me tirar minha liberdade, minhas paixões, meus amigos e minha vida. Não se ele me tornar sua.

Eu não sou sua. Nunca fui e jamais serei.

Sou minha. Para crescer, amar e viver, sou minha. E basta.”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Caminhei ansiosa, quase correndo, o colar com o pingente de bailarina balançando no pescoço. Quando finalmente cheguei aos portões da Academia, meu coração perdeu uma batida e não pude conter um sorriso contente enquanto subia as conhecidas escadas.

Encontrei todos reunidos no estúdio, as portas de vidro abertas e os bailarinos sentados no chão, conversando. Sentira falta do chão de madeira clara, das barras de metal, da parede inteira espelhada. Era ali o meu lugar. Não conseguia compreender como um dia havia pensado em desistir disso.

Mas, no fundo, compreendia sim.

Eu sabia que muitos não entenderiam, mas,

ainda assim, não poderia negar que uma parte de mim ainda amava Kauan. A parte que se lembrava do início: dos sorrisos sinceros, dos toques ainda receosos. De como eu me sentia quando seu olhar pousava sobre mim em meio a uma multidão. De como acreditei, mesmo que por pouco tempo, que poderia durar. De quando acolhi seu sofrimento e sua dor, de quando ele acolheu a minha. De quando havia reciprocidade.

Eu não me apaixonei por um monstro.

Mas amar e des-amar, percebi, não é uma escolha racional. O cérebro apenas decide se vai agir contra ou em favor do coração.

E, agora, sabia que tomara a decisão certa. Eu havia visto Kauan apenas uma única vez depois de terminarmos, quando fui encontrar Fábio para minha última sessão de fisioterapia. Estava nervosa para encontrá-lo, temendo que ele soubesse sobre o

término. Mas a sessão correu como planejado, e ele me tratou da mesma forma como sempre havia tratado. Perguntei-me se Kauan havia reconhecido seus erros e estaria envergonhado demais para contar o que havia acontecido para seu pai.

Mas, então, eu o vi na sala de espera, os livros no colo. Ele ergueu os olhos ao me ver, o rosto pesaroso e sofrido. Encarei-o apenas por um segundo antes de correr para fora da clínica e entrar direto no carro de minha mãe.

Eu vinha conversando sobre ele com Bárbara. Percebi que precisava colocar para fora tudo o que havia guardado durante o relacionamento, todo o medo, toda a angústia. Mas também todo o pesar pelo que poderíamos ter sido. Ainda que soubesse que jamais esqueceria, às vezes, era tudo o que eu queria. Na maioria dos dias, um temor silencioso ainda me perseguia,

PERIGOSAS NACIONAIS

como se eu esperasse encontrá-lo a cada esquina. Sabia que esse sentimento demoraria a passar, da mesma forma que hematomas demoram a se curar. Eu ainda tinha cicatrizes pelo corpo, externas e internas, que nunca desapareceriam.

Vasculhei o estúdio em busca de meus amigos, mas não os encontrei. Então, escutei passos atrás de mim e me virei, dando de cara com Alícia segurando um enorme bolo nas mãos. Davi, Júlio e Fernanda vinham atrás dela, uma porção de balões de gás coloridos em suas mãos. Sorri, incapaz de conter a felicidade.

- O que é isso? – perguntei, confusa, abraçando Alícia pelos ombros, com cuidado para não acertar o bolo.

- Bem-vinda de volta, querida – disse Fernanda, puxando-me para um abraço apertado. – Estamos comemorando sua recuperação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti meu sorriso se alargar e abracei Júlio e Davi, pegando os balões e seguindo-os para dentro do estúdio. Eles haviam trazido pratos e copos de plástico, e todos os bailarinos se sentaram no chão de madeira, comendo bolo com as mãos. Apesar de estarmos no chão duro e o bolo não ser assim tão bom, com um gosto amargo de limão e excesso de chantilly, sentia as borboletas no estômago, agitando-se de felicidade.

- Não comam demais! – alertou Fernanda.
– Ainda vamos ter aula depois disso e a barriga cheia não vai servir como desculpa para um desempenho ruim.

Todos reclamaram, mas continuaram beliscando a massa e os confeitos na cobertura. Comi até me sentir satisfeita, conversando com meus amigos e outros bailarinos. Tínhamos alguns alunos novos, vindos de outras escolas do país.

PERIGOSAS ACHERON

Andrea me apresentou rapidamente, e até Natália chegou a me cumprimentar com um aceno da cabeça. Apesar de estar feliz conversando com todos, estava ansiosa para o início da aula. Meu corpo pulsava com energia, os músculos ansiosos para serem movidos e flexionados.

- Todos de pé! – pediu Fernanda, finalmente, batendo palmas e chamando a atenção dos dançarinos. – Lavínia, preparei uma série de alongamentos para você. Os outros, quero que repassem a coreografia da semana passada.

Ouvi gemidos e reclamações por toda a sala e presumi que a coreografia da semana passada havia sido intensa. Desde a segunda fase da competição, que ocorrera na semana anterior, todos estavam muito cansados. A Academia havia conseguido o primeiro lugar, então Fernanda prometera uma semana de descanso no início de

PERIGOSAS NACIONAIS

agosto. Depois disso, seguiríamos sem intervalos até o espetáculo de fim de ano: Romeu e Julieta, com Davi e Natália interpretando o casal principal.

Eu, ao contrário de todos, estava animada. Peguei um colchonete de alongamentos e me posicionei, esperando instruções.

Quando a música começou, vi meus amigos dançando sincronizados, os passos certos, os giros impecáveis. Com um peso no coração, percebi que já tinha pressa para alcançar meu ritmo normal, para que pudesse dançar com eles novamente. Estiquei as mãos, tentando alcançar as pontas dos pés, e minha panturrilha começou a queimar, a pele esticada arrastando-se no colchonete. Quando dobrei as pernas e tentei encostar a testa no chão, minhas costas latejaram, como se fossem curtas demais para executar o trabalho. Ao final da aula, todo o meu corpo doía.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas, diferentemente de outras dores que já havia sentido, essa me fazia bem. Essa significava que meu corpo estava em movimento, que minhas articulações estavam prontas para serem alongadas. Significava que eu fazia parte de algo incrível. Sentia-me novamente pertencente.

E era bom finalmente pertencer a algo e não a alguém.

FIM

PERIGOSAS ACHERON

SOBRE O AUTOR

Júlia Rezende iniciou sua carreira de escritora com a publicação de dois contos nas antologias “De repente nós” e “Viagens de Papel” da Editora Andross, com apenas dezessete anos. Em 2017, concluiu seu primeiro romance, “Quando o céu mudar de cor”, e o publicou de forma independente na Amazon. Atualmente, cursa Psicologia na Universidade Federal de Juiz de Fora, mas sempre encontra tempo para escrever suas histórias. “Na Ponta dos Pés” é seu segundo romance publicado.

Email para contato: juliafrezende97@gmail.com